

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Almeida, Antônio; Irmãzinhas de Jesus; Paula, Luiz Gouvêa de. 1983. *A língua Tapirapé*. Rio de Janeiro: Biblioteca Reprográfica Xerox.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/almeida_1983_tapirape

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para pesquisa e aprendizado.

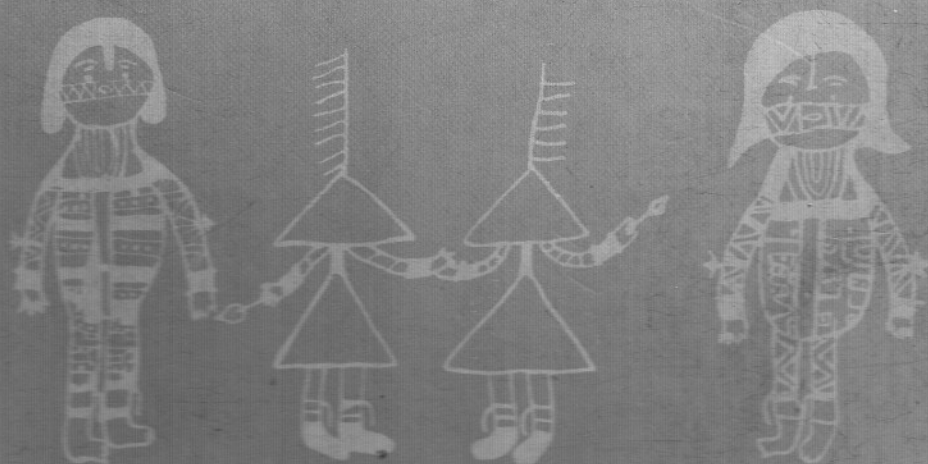
Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente trabalho, escaneado por Alexandro Ramos (Curitiba), foi disponibilizado pela equipe da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em maio de 2010.

ANTÔNIO ALMEIDA
IRMÃZINHAS DE JESUS
LUÍZ GOUVÊA DE PAULA

A LÍNGUA TAPIRAPÉ



BIBLIOTECA REPROGRÁFICA XEROX

BIBLIOTECA REPROGRÁFICA XEROX

A LÍNGUA TAPIRAPÉ

ANTÔNIO ALMEIDA
IRMÃZINHAS DE JESUS
LUÍZ GOUVÊA DE PAULA

Apresentação

D. PEDRO CASALDÁLIGA

Rio de Janeiro
1983

XEROX

A LÍNGUA TAPIRAPÉ – Esboço de uma Linguagem – por Antônio Almeida, Irmãzinhas de Jesus e Luiz Gouvêa de Paula

p. 95

Tiragem 1.000 exemplares

Parte desta edição foi destinada à venda em benefício da **Aldeia Tapirapé**

Composição em Tipo *Romano* feita no Centro de Processamento da Palavra da Xerox do Brasil S.A.

Projeto Gráfico: Elmer Corrêa Barbosa

Processamento gráfico: Cid Barros

Operador do Sistema Xerox 9.500: Jorge Roberto Vieira

Região Centro-Oeste:

CEDI – Povos Indígenas no Brasil – 1981 pág. 28

Região do Araguaia

MI – FUNAI – 1973

XEROX DO BRASIL S.A.

Av. Rodrigues Alves, 261

Edifício São Rafael

20 220 Rio de Janeiro – RJ

A447

Almeida, Antônio

A Língua Tapirapé; esboço de uma gramática, por Antônio Almeida, Irmãzinhas de Jesus e Luiz Gouvêa de Paula, com prefácio de D. Pedro Casaldáliga, Rio de Janeiro, Xerox do Brasil, 1983.

p. 95

1. Língua Tapirapé – Gramática. I. Irmãzinhas de Jesus, colab., II. Paula, Luis Gouvêa de colab., III. Título.

CDD 498.3

Clas.: 498 A447
Tombo 003.489
Proc. Xerox do Brasil
CS
ata 04102185

TRABALHO REALIZADO

na

Aldeia TAPIRAPÉ

de janeiro a agosto de 1980

SUMÁRIO

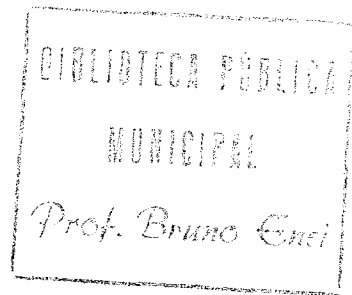
INTRODUÇÃO – XEROX DO BRASIL S.A.

APRESENTAÇÃO – D. PEDRO CASALDÁLIGA – Bispo de S. Félix do Araguaia

PREFÁCIO	1
ESBOÇO DE UMA GRAMÁTICA	3
BREVE APRESENTAÇÃO DOS TAPIRAPÉS	5
1. FONOLOGIA	
1.0. CONSIDERAÇÕES GERAIS	
1.1. UNIDADES SEGMENTAIS	7
1.1.1. Vogais	8
1.1.1.1. Vogais Simples	8
1.1.1.2. Ditongos e Vogais Duplas	9
1.1.2. Consoantes	10
1.1.3. Sílabas	11
1.1.4. Proposta de Ortografia	11
1.2. SUPRASEGMENTOS	
1.2.1. Acento	13
1.2.2. Entoação	13
1.3. PROCESSOS FONOLÓGICOS	
1.3.1. A Raiz	13
1.3.2. Alguns Processos Fonológicos	14
2. MORFOLOGIA	
2.0. CONSIDERAÇÕES GERAIS	
2.0.1. Morfologia Tupi	17
2.0.2. Raízes, Prefixos e Sufixos	17
2.0.3. Prefixos Pessoais	17
2.0.4. Simplicidade e Complexidade dos Prefixos Pessoais	18
2.0.5. Número	18
2.0.6. Sujeito e Objeto	18
2.0.7. Funções Semânticas das Raízes	18
2.1. NOMES	
2.1.0.1. Nominalização da Raiz	18
2.1.0.2. Substantivos e Adjetivos	18
2.1.0.3. Gênero e Sexo	20
2.1.0.4. Número	20
2.1.0.5. Casos	20
2.1.0.6. Posse	20
2.1.0.7. Possessivos e Reflexivos	20
2.1.0.8. Classe I e Classe II	20
2.1.1. Classe I	21
2.1.1.1. Prefixos Possessivos	21
2.1.1.2. Prefixos Reflexivos	21
2.1.1.3. Genérico	22
2.1.1.4. Lista de Substantivos da Classe I	22
2.1.2. Classe II	25
2.1.2.1. Subclasse a)	25
2.1.2.2. Subclasse b)	26
2.1.2.3. Subclasse c)	26

2.1.2.4.	Subclasse d)	26
2.1.2.5.	Subclasse e)	26
2.1.2.6.	Lista de Substantivos da Classe II	27
2.1.3.	Tempos e Funções	28
2.1.3.1.	Passado	28
2.1.3.2.	Futuro	28
2.1.3.3.	Identificação	28
2.1.3.4.	Verbalização	28
2.1.3.5.	Combinação de Tempos e Funções	29
2.1.4.	Nominalização Circunstancial do Adjetivo	29
2.1.5.	Lista de Raízes Adjetivas	30
2.2.	VERBOS	
2.2.0.	Considerações Gerais	31
2.2.0.1.	Prefixos Iniciais	31
2.2.0.2.	Prefixos Mediais e Sufixos, Nominalização	31
2.2.0.3.	Modos, Vozes, Aspectos e Verbos Auxiliares	32
2.2.0.4.	Classes Semânticas e Classes Morfológicas	33
2.2.0.5.	Pessoas e Formas Verbais	33
2.2.1.	Verbos Transitivos	33
2.2.1.1.	Indicativo I	33
2.2.1.2.	Indicativo II	33
2.2.1.3.	Gerúndio	34
2.2.1.4.	Nominalizadores -ãwa e -emi	35
2.2.1.5.	Lista de Verbos Transitivos	35
2.2.2.	Verbos Intransitivos	37
2.2.2.1.	Indicativo I	37
2.2.2.2.	Indicativo II	37
2.2.2.3.	Gerúndio	38
2.2.2.4.	Nominalizador -ãwa	38
2.2.2.5.	Lista de Verbos Intransitivos	38
2.2.3.	Vozes	39
2.2.3.1.	Voz Factiva	39
2.2.3.2.	Voz Concomitante	40
2.2.3.3.	Voz Reflexiva	40
2.2.3.4.	Voz Recíproca	41
2.2.4.	Aspectos	41
2.2.4.1.	Aspecto Mandativo	41
2.2.4.2.	Aspecto Completivo	42
2.2.4.3.	Aspecto Volitivo	42
2.2.4.4.	Aspecto Capacitivo	42
2.2.5.	Verbos Auxiliares	42
2.2.6.	Verbos Irregulares	43
2.2.7.	Negação	43
2.3.	RELACIONADORES	
2.3.0.	Considerações Gerais	43
2.3.1.	Demonstrativos	45
2.3.1.1.	Sistema Fundamental	45
2.3.1.2.	Demonstrativos enfáticos	46
2.3.1.3.	Indefinidos	46
2.3.2.	Quantificadores	46
2.3.2.1.	Numerais	46
2.3.2.2.	Quantificadores Globais	46

2.3.2.3.	Quantificadores Alógenos	47
2.3.2.4.	Reduplicação	47
2.3.3.	Circunstanciais	48
2.3.3.1.	Tempo	48
2.3.3.1.1.	Temporais	48
2.3.3.1.2.	Temporo-presenciais	50
2.3.3.2.	Lugar	51
2.3.3.2.1.	Locativos Adverbiais	51
2.3.3.2.2.	Locativos Posposicionais	52
2.3.3.2.3.	Locativos Nominais	52
2.3.3.3.	Modalidade	53
2.3.3.3.1.	Adverbiais	53
2.3.3.3.2.	Adjetivos	54
2.3.3.3.3.	Posposicionais	54
2.3.4.	Modificadores	54
2.3.4.1.	Modificadores Lexicais Gradativos	55
2.3.4.1.1.	O Gradativo -(h)i	55
2.3.4.1.2.	O Gradativo -(o)o	56
2.3.4.1.3.	Oposição entre -(h)i e -(o)o	56
2.3.4.2.	Modificadores Frásicos	56
2.3.4.2.1.	Interrogativos	56
2.3.4.2.2.	Condicionais	58
2.3.4.2.3.	Causa e Fim	58
2.3.5.	Atuantes	59
2.3.5.1.	Saudações	59
2.3.5.2.	Marcadores de Sexo	60
2.3.5.3.	Ordens	60
2.3.5.3.1.	Imperativo	61
2.3.5.3.2.	Formulas Fixas	61
2.3.5.4.	Interjeições	62
3.	SINTAXE	
3.0.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	
3.0.1.	Lista de Abreviaturas e Sinais	65
3.1.	DESCRIÇÃO FORMAL DE ORAÇÕES SIMPLES	
3.1.1.	Partes e Elementos da Oração	66
3.1.2.	Ordem das Partes da Oração	67
3.2.	ANÁLISE DE ALGUNS TEXTOS	
3.2.1.	Frases Soltas	68
3.2.2.	Anotações e Descrições	69
3.2.3.	Relato	70
3.2.4.	Lenda	72
3.2.5.	Comentário Sucinto	75
4.	LÉXICO	77
5.	GLOSSÁRIO	79
	Mapas – Goiás, Maranhão e Pará	89
	Mapas – Ilha do Bananal	90
	Bibliografia	91
	Biblioteca Reprográfica Xerox	93
	– Documentos de Nossa História	



INTRODUÇÃO

Muito antes da marinhagem portuguesa desembarcar pela primeira vez em nosso litoral, já se falava o idioma Tapirapé. A língua dos Tapirapés tem agora suas regras gramaticais e um vocabulário inicial, coligidos através de minucioso trabalho de pesquisa, editado em livro em cuja impressão foi utilizada a avançada tecnologia xerográfica do Sistema Xerox 9500.

A obra se inclui, com grande satisfação para nós, na Biblioteca Reprográfica Xerox, convencidos que estamos do seu significado para a cultura brasileira em geral e para a cultura indígena em particular. Os mil exemplares impressos entregamos as Irmãzinhas de Jesus, para que os venda aos estudiosos e ao público, em benefício da Aldeia Tapirapé.

Apresentando este pioneiro estudo dos fatos de linguagem de um povo que vive numa pequena aldeia às margens do Rio Araguaia, no coração da Amazônia, consignamos o trabalho abnegado de todos quantos tornaram viável esta Gramática Tapirapé. Aqui registramos também, agradecimento especial ao padre Oscar Beozzo que a nosso convite, procedeu às revisões, respeitando todos os sinais, consoantes e vogais, conforme aparecem nos originais.

Ao lançarmos a Gramática da Língua Tapirapé quando inauguramos o Jardim Botânico C. Peter McColough, instalado em nosso Centro Tecnológico e Industrial de Resende, RJ., propugnamos um maior esforço na aproximação dos espaços culturais, pela preservação das manifestações diferenciadas de cada cultura e pela defesa da integridade das comunidades e dos sistemas ecológicos. É esta harmoniosa heterogeneidade que bem caracteriza a cultura brasileira e que surpreende a todos os povos.

Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1983.

XEROX DO BRASIL S.A.

APRESENTAÇÃO

Fazer a primeira gramática de um Povo pode ser codificar apenas um passado, pode ser também propiciar mais sistematicamente um futuro. Porque a língua escrita é como a infra-estrutura da alma falada de um Povo.

Os autores desta gramática, confeccionada com um desígnio eminentemente prático porém pioneiro, apostam no futuro da nação Tapirapé, querem servir à afirmação de um Povo, em risco de extinção trinta anos atrás e hoje se multiplicando em filhos, em consciência étnica e na prática militante de garantir as próprias terras e a auto-determinação.

Porque os autores desta gramática tapirapé ou não são científicos ou são mais do que científicos apenas. As Irmãzinhas de Jesus e o casal Luís e Eunice, com o seu Wāpurã agora rapaz ritualmente reconhecido, não permaneceram, longos anos, no meio do Povo Tapirapé somente de “ouvido desarmado”. Ficaram na aldeia de coração aberto, em convívio diário, experimentando as angústias, as alegrias e as vitórias desse Povo tupi-guarani, sobrevivente ao grande saque de conquistadores, bandeirantes e latifundiários. E o lingüista português Antônio Almeida, professor na longínqua Alemanha, soube se aproximar do Tapirapé com respeitosa amizade e sistematizou o labor do convívio diário com desinteressada dedicação.

O trabalho bilingüe que vem se realizando há vários anos, na aldeia Tapirapé, contará de agora em diante com o valioso instrumento desta gramática, cada vez mais indispensável para os professores e para os alunos proporcionalmente. Os índios Tapirapé, autores primeiros e senhores de sua língua falada ou escrita, se encontrarão nesta gramática como num álbum recuperado da família e se afirmarão, com ela, como Tapirapé falando tapirapé.

Eles já salvaram sua terra, mesmo que sucessivamente cambiante e dizimada. Salvem também sua língua plenamente. Sobrevivam, cresçam, floresçam como Povo Tapirapé.

A primeira Consulta Ecumênica Latino-americana de Pastoral Indígena, realizada em Brasília neste mês de maio de 1983, lançava para as lutas da Causa Indígena a palavra de ordem de “organizar a Esperança continentalmente”. Organizar uma língua indígena é contribuir a organizar a esperança indígena.

À instituição de ajuda “MISEREOR”, dos católicos da Alemanha, quantos nos sentimos comprometidos na causa Tapirapé agradecemos a contribuição financeira que possibilitou a confecção desta gramática. À XEROX DO BRASIL agradecemos a sensibilidade generosa com que a acolheu em suas máquinas.

Agora, é estudar Tapirapé, falar Tapirapé, fazer nova História Tapirapé.



Pedro Casaldáliga
Bispo de
São Félix do Araguaia, MT
maio de 1983

PREFÁCIO

Este estudo foi redigido em pouco mais de sete semanas de trabalho intenso na aldeia tapirapé. Mas, na realidade, ele é fruto da prática que as Irmãzinhas de Jesus adquiriram na língua tapirapé ao longo de decênios de convivência e fruto é, também, do trabalho teórico que elas fizeram com lingüistas como Yonne de Freitas Leite e Carl Howard Harrison.

O contributo de Luís Gouvêa de Paula, que igualmente participou do referido trabalho teórico, teve atrás de si uma convivência de sete anos com os tapirapé e a experiência árdua de, com sua esposa Eunice, ter enfrentado durante esse tempo o trabalho de alfabetização sem material adequado à situação concreta que se lhes punha. Como o trabalho de alfabetização é de ambos, pode se dizer que os conhecimentos trazidos por ele para o presente estudo são, afinal, também propriedade intelectual dela. Assim, não tendo participado das reuniões que levaram à redação do trabalho, ela é, apesar disso, coautora espiritual.

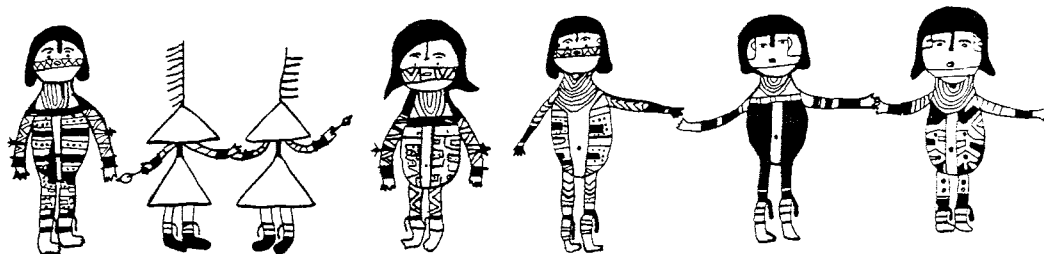
Quanto a Antônio Almeida, chegou à aldeia tapirapé sem nenhum conhecimento especializado sobre as línguas tupi e nunca tivera contato com o tapirapé. Limitou-se a orientar a sistematização, a por problemas que os companheiros tinham de resolver, recorrendo, para isso, continuamente a informantes nativos, entre outros Xywāparehi, Kārewygi, Xário, Xywāeri. Foi ainda ele que redigiu o rascunho inicial e preparou o texto para publicação.

Ressaltem-se dois instrumentos de trabalho que foram incessantemente consultados e ajudaram de modo inestimável à sistematização dos dados: “Curso de tupi antigo” de Barbosa (1956) e “Morfologia do verbo tupi” de Rodrigues (1953).

Este trabalho não foi feito para lingüistas nem tem fins teóricos. Os tapirapé são, provavelmente, um povo em fuga desde o início da colonização branca da América do Sul e, sobretudo neste século, sofreram vicissitudes que os poderiam ter levado à extinção. Nos últimos decênios têm-se recomposto, mas, para continuarem existindo como tapirapé, além da base material da vida, eles precisam de manter também a consciência de que são um povo com as suas características e tradições próprias. Para este efeito e perante os neo-brasileiros, a sociedade envolvente, tornou-se necessário que adquiram também eles a técnica da escrita e tradição dela decorrente. O nosso trabalho pretende ajudar nessa aquisição, dando um primeiro passo que permita um ensino sistematizado da língua e sua escrita.

O estudo aqui apresentado é preliminar porque está muito incompleto e, possivelmente, contém erros de observação e descrição, mesmo à luz de uma gramática “tradicional”. Para os fins práticos a que serve, ele é tão necessário como sua correção e continuação.

esboço de uma gramática



ALDEIA TAPIRAPÉ
Trabalho Realizado
de janeiro a agosto de 1980

BREVE APRESENTAÇÃO DOS TAPIRAPÉ

Existem boas obras sobre o povo tapirapé. Baldus (1970), reportando-se à sua visita aos tapirapé em 1935 e aos dados que foi colecionando ao longo de decênios, apresenta a história deste povo e do seu nome, o seu sistema de parentesco e educação, a sua organização social, os aspectos materiais da sua cultura. Um outro antropólogo, Wagley (1977), que visitou os tapirapé em 1939-40 e, de novo, em 1965, fez sobretudo a tentativa de penetrar antropológica e psicologicamente na maneira de ser deste povo, o que conseguiu apenas dentro de certos limites. Mas ambas as obras são valiosas para o conhecimento da cultura tapirapé.

É claro que os tapirapé não vivem hoje mais como viviam, por exemplo, em 1900. O seu dia-a-dia foi modificado por uma série de fatores: abandonaram o tabu que permitia ter apenas três filhos, aceitaram a medicina ocidental paralelamente à dos pajés, aprenderam português, deixaram de ser povo de floresta para serem ribeirinhos e se dedicarem à pesca, substituíram a nudez por roupa, modificaram a técnica de construção de casas, aceitaram os metais (ferramenta, panelas, armas), o radinho, o gravador, a radiola, o forró e o futebol, estão sendo alfabetizados, fazem trabalho sazonal (pesca da piroasca, comércio com turistas). No entanto permanece um número suficiente de características gerais da sua cultura que permite afirmá-los como uma cultura autônoma. Anotemos alguns pontos em seguida.

Parece-nos transparecer do estudo de Wagley (1977) que ele ficou efetivamente atônito perante duas constantes da cultura tapirapé: a flexibilidade e o anti-autoritarismo. A flexibilidade manifesta-se, por exemplo, em que os tapirapé não têm data certa para nada nem mostram qualquer rigidez de costumes ou ainda em que um determinado desígnio não é necessariamente levado até ao fim. Assim, não existe uma altura exata do ano para o início nem para o fim do seu ciclo de festas. Também não é pela idade que se decide da iniciação dos rapazes, mas sim pelo seu desenvolvimento físico e mental e pelas circunstâncias familiares e tribais. Ou, quando um homem decide ir pescar, isso não significa que ele logo em

seguida não resolva antes ir à caça ou dedicar-se a qualquer outra tarefa ou descanso, segundo a sua vontade e segundo as circunstâncias. O anti-autoritarismo revela-se na falta de um chefe que possa verdadeiramente dar ordens ou de um conselho tribal que reúna formalmente e tome decisões com caráter de obrigatoriedade. Os processos de decisão coletiva decorrem de modo lento, discreto e com grande respeito mútuo.

Talvez reflexo da maneira de ser anti-autoritária, encontramos entre os tapirapé uma educação extremamente permissiva. As crianças vão e vêm quando querem, aprendem desde tenra idade a usar faca e disparar flecha, instrumentos que pertencem desde logo aos seus brinquedos favoritos. As crianças têm plena liberdade de sair da aldeia, banhar no rio, viajar de canoa. Os adultos raramente interferem nos assuntos infantis, estando as crianças habituadas a ajustar entre si todos os assuntos sem qualquer agressividade. A falta de agressividade é, aliás, também característica dos adultos. Constantes da cultura tapirapé são, pelo contrário, o humor, a vontade de rir, a brincadeira.

Muito importante parece-nos ser atualmente a consciência crescente de serem índios, que os leva a participar das atividades índias a nível nacional, a observarem as instituições da sociedade envolvente com um certo espírito crítico, a porem suas reivindicações relativas ao território e a outras condições de vida.

Os territórios dos tapirapé ficam na região nordeste do Mato Grosso do Norte, em frente à Ilha do Bananal, nas margens do rio Tapirapé, afluente do Araguaia. Talvez tenham chegado a esta região vindos do litoral do norte ou do nordeste, fugidos à colonização. Esta suposição parece ser a melhor maneira de explicar como um povo de língua e cultura tupi se encontra num enclave de línguas e culturas macro-gê (carajá, javaé, caiapó, xavante).

O tapirapé é, pois, uma língua do tronco tupi. Situa-se na família tupi-guarani e, nesta, parece muito relacionada com o assuriní.

1.0 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Declarado o objetivo prático do nosso estudo (cf. Prefácio), é claro que a análise agora tentada tem como fim essencial estabelecer uma ortografia para a língua. Assim, de modo a nos comprometermos menos com teorias e mais com os nossos desígnios, evitamos, na exposição que se segue, termos como “fonema”, recorrendo, porém, tanto à terminologia “tradicional” (p. ex. “som”, “tipo de som”) como à terminologia “moderna” (p. ex. “espaço articulatorio”) que nos pareceu adequada à descrição da fala tapirapé.

Partamos aqui do alfabeto tapirapé, como ele está já sendo usado, para depois tentarmos a nossa análise e fazermos uma proposta ortográfica. Na tabela 1.1 apresentamos maiúsculas, minúsculas e correspondência fonética. Aí vemos 16 letras, um sinal auxiliar e um diacrítico, servindo, segundo o seu valor fonético, para representar 20 tipos de sons. Obtém-se este número reunindo i, j e o, w respectivamente, nos sons i, u e considerando para cada vogal uma correspondência nasal \tilde{a} , \tilde{e} , \tilde{i} , \tilde{o} , \tilde{y} [\tilde{a} , \tilde{e} , \tilde{i} , \tilde{o} , $\tilde{\imath}$].

1.1 TABELA

O alfabeto tapirapé

Maiúsculas	A	E	G	H	I	J	K	M	N	O	P	R	T	X	W	Y	'	~
Minúsculas	a	e	g	h	i	j	k	m	n	o	p	r	t	x	w	y	'	~
Valor																		
Fonético	a	\tilde{e}	\tilde{e}	η	h	i	k	m	n	\circ	\circ	u	p	f	t	\imath	u	$\ddot{?}$

1.1 Unidades Segmentais

Distribuindo esses tipos de sons numa matriz fonético-fonológica pode se chegar a um quadro como na tabela 1.2, onde continuamos usando os símbolos alfabéticos. O sistema assim organizado é relativamente simples.

Nota-se que a classificação segundo posição na sílaba coincide com classes do modo de articulação, o que permite definir as linhas da matriz segundo os dois critérios. Isto não é costume alhures, mas parece perfeitamente adequado à descrição dos tipos de sons do tapirapé.

Tampouco é usual considerar x, h [t, h] como sons “friccionados”, mas não nos ocorreu nenhum termo tradicional que subsumisse africadas e fricativas. O mesmo se pode dizer para o termo “vibrado” em relação ao r [r], vibrante simples, e ao ' [ʔ], impulso glotal.

A tabela proposta apresenta, pelo menos, mais um aspecto estranho: a distribuição das unidades silábicas, ou vogais, nas colunas definidas pelo lugar de articulação. É claro que a classificação mais usual e, portanto, mais esperada, seria (\tilde{r}), (\tilde{e}) como vogais anteriores, (\tilde{y}), (\tilde{a}) como vogais médias (ou centrais), (\tilde{o}) como vogal posterior. Acontece, porém, que no tapirapé temos alternâncias morfológicas entre p-m-w (cf. 1.3.2.) que parecem pôr em destaque o traço “labial(izado)”. Como nós consideramos o w uma variante assilábica do o, nada mais acertado do que colocar o, p, m na mesma coluna, sendo o termo “anterior” então correspondente a “labial(izado)”. A colocação de (\tilde{r}), (\tilde{e}) na coluna dos sons “mé-

dios” é “natural”, se se entender “médio” como “alveolar/palatal”. As vogais (\bar{y}), (\bar{a}) como posteriores, na mesma coluna de k, g, justificam-se pelo ponto mais estreito do trato faringo-bucal, que está na mesma altura da oclusão velar, dividindo o ressoador faringo-bucal em duas câmaras com volume sensivelmente igual (cf. terminologia acústica “compacto”).

1.2 TABELA

Quadro geral das Unidades Segmentais

Posição na sílaba	Modo de Articulação	Lugar de articulação			
		Anterior	Médio	Posterior	
Silábicas	Fechadas	(\bar{o})	(\bar{r})	(\bar{y})	
	Abertas		(\bar{e})	(\bar{a})	
Assilábicas	Ubíquas	Oclusivas	p	t	k
		Nasais	m	n	g
	Iniciais	Fricionadas		x	h
		Vibradas		r	'

1.1.1 Vogais

Apresentado o quadro geral das unidades e discutidos alguns critérios de classificação, damos agora atenção especial às vogais ou, como estão classificadas no quadro, às unidades silábicas. Por “silábico” entenda-se “que pode ser núcleo de sílaba ou formar cume silábico”.

O primeiro fato a comentar é a existência de vogais orais e nasais, como pretende simbolizar o til entre parênteses no quadro 1.2. Exemplo da oposição entre vogal oral e nasal são dados por Leite (1977: 3 s.): hawa vs. hãwa (‘folha dele’, ‘pena dele’), ãpe vs. ãpê (‘caminho dele’, ‘(ele) torto’), ãpi vs. ãpĩ (determinado fruto, ‘mãe’), ãty vs. ãtÿ (‘mulher dele’, ‘(ele) duro’), xo vs. xõ (‘espinho’, ‘capim’). Leite (1977: 2, 4 s., 6) também dá exemplos de como se opõem as vogais orais entre si, as vogais nasais entre si e vogal nasal vs. vogal seguida de consoante nasal. Preocupemo-nos aqui apenas com uma caracterização fonética superficial das realizações dessas unidades.

1.1.1.1 Vogais Simples

De acordo com o exposto sobre a equivalência entre o termo “anterior” e “labial(izado)”, a anterior fechada (\bar{o}) corresponde a toda a gama de vogais posteriores labializadas entre [\bar{y}], (\bar{u}). Ainda não está suficientemente claro em que medida a variação é facultativa, idiofonética ou tende para a lexicalização. Verificou-se, porém, que enquanto um informante pronunciou [iṭō ʔ̣] para ixoro ‘boca dele’, um outro pronunciou [iṭūʔ̣] mas aceitou a outra variante. De um ponto de vista sincrônico talvez seja indiferente considerar esta vogal aberta ou fechada, mas tendo em conta que foi o lugar da variante aberta *o, o que, historicamente, ficou vago (*o, o → a) é melhor escolher a classificação “fechado”.

Voltando a considerar as correspondências de terminologia, podemos assentar em que a “média fechada” (\bar{r}) corresponde ao espaço articulatorio das anteriores fechadas [\bar{r}], (\bar{r}).

A “posterior fechada” (\bar{y}) é realizada dentro dos limites das médias (ou centrais) fechadas [\bar{i} , \bar{u}], mas em ditongações tende fortemente para a palatalização em direção a um [\bar{i}].

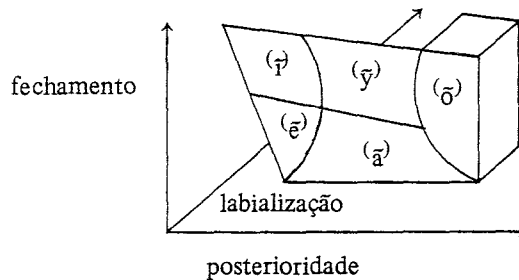
Para (\bar{o}) e (\bar{i}) consideramos, respectivamente, uma variante assilábica (\bar{w}) e (\bar{j}) em distribuição complementar: *awewe* [aue'ue] ‘ele voa’, *akāj* [a'kāj] ‘ele queima’. Segundo parece, (\bar{w}) surge predominantemente inicial, embora, pelo menos em nomes próprios, surja também final de sílaba: *Kāwrewygi* [kāj'feu'ŋi]. E (\bar{j}) tanto ocorre final, com o valor fonético [\bar{i}], como inicial, com o valor fonético [j], por exemplo *tāxāwāja* [tāj'ā'wāj] porco doméstico’.

As vogais abertas (\bar{e}), (\bar{a}) correspondem, respectivamente, ao espaço articulatório das anteriores [\bar{e} , (\bar{e})] e das médias ou centrais [\bar{a} , (\bar{e}), (\bar{o})]: *kape* [ka'pe] ‘na roça’.

Na tabela 1.3. sugerimos a distribuição das realizações silábicas no espaço articulatório do quadrilátero vocálico tradicional. Para por em evidência o caráter especial de “labializado” do (\bar{o}), desenhamos um terceiro eixo que simboliza a atividade labial.

1.3 TABELA

Distribuição das vogais no espaço articulatório



1.1.1.2 Ditongos e Vogais Duplas

De interesse tanto fonético quanto fonológico são a ocorrência de ditongos e vogais duplas. Através da consideração de realizações assilábicas das vogais (\bar{i}) e (\bar{o}) como (\bar{j}) e (\bar{w}), postulamos acima a existência de ditongos crescentes do tipo wV e decrescente do tipo Vw ou Vj, mas a este respeito põem-se alguns problemas que seria possível estudar em trabalhos posteriores: 1) será necessário considerar um par oral w, j e outro nasal \bar{w} , \bar{j} , ou basta um par com nasalidade determinada contextualmente? 2) existirá, também para (\bar{y}) uma variante assilábica (\bar{u})? 3) caso postulamos w, j, \bar{u} orais com nasalidade contextual, como coadunar a nasalidade imposta pelo elemento silábico sobre o assilábico com o fato de que a influência inversa é que parece ser a regra? 4) ocorrem apenas o fato de que a influência inversa é que parece ser a regra? 4) ocorrem apenas ditongos ou existem também tritongos?

Muito intrigante é a ocorrência do que chamamos “vogais duplas”. Consistem elas na pronúncia longa da vogal com decréscimo-acréscimo de intensidade num trecho medial, um pouco à maneira de alguns falantes do inglês que pronunciam por exemplo [t ə'sj]: *to see*. Observamos isso definitivamente com caráter obrigatório em algumas palavras com o, y, e, a não acentuados (pré-acentuais): *opoko* [ɔpɔ'ko] ‘veado’, *Petora* [pe'ɔ'tora] (nome de herói), *ywy* [j'j'ut] ‘beira’, *amaāpyk* [amā'pɪk] ‘ele cozinha’. Pareceu-nos que os informantes em nenhum dos casos aceitam separação silábica dos dois trechos vocálicos, mas também não temos indícios de oposição entre vogal breve e longa (ou simples e dupla). A este respeito será necessário precisar se este fenômeno ocorre, também, com a vogal i, se está lexicalizado ou é condicionado pelo contexto (p. ex. acento subsequente), em que medida permite oposições ou não, se é fenômeno em progressão ou desaparecimento.

Na tabela 1.4 apresentamos uma matriz de combinações vocálicas que poderia ser ponto de partida para próximas pesquisas. Note-se que o estudo de ditongos, tritongos e vogais duplas dependerá também de pesquisas paralelas quanto à sílaba tapirapé (cf. 1.1.3.).

1.4 TABELA

Combinações Vocálicas

		2º elemento				
		o	i	y	e	a
1º	o	!	x	x	x	x
	e	i	(!)			
	l					
	e	y	x	!		
	m					
	e	e	x		!	
n						
t	a	x			!	
o						

NB.: O ponto de exclamação chama a atenção para o caso das vogais duplas!

1.1.2 Consoantes

No quadro geral das unidades (tabela 1.1), vemos os sons assilábicos, ou consoantes, divididos em ubíquos, ou que ocorrem como iniciais e como finais de sílaba, e em iniciais apenas. Os ubíquos são as oclusivas e as nasais p, t, k, m, n, g [p, t, k, m, n, ŋ]. Tanto em posição inicial como final podem ocorrer alternâncias, determinadas pelo contexto fonético e/ou morfológico, entre a oclusiva e a nasal correspondente: p~m, t~n, k~g. Dão-se ainda alternâncias entre p~m~w, t~n~r e existem posições de neutralização entre n~r, onde a realização dos fonemas neutralizados é uma variante intermédia, um [ɾ] vibrante simples nasalizada. Estes fatos apontam para uma maior estabilidade do lugar de articulação do que do modo de articulação.

O que representamos ortograficamente por x é, com efeito, uma consoante alveolar ou dental palatalizada [tʃ]. A africada [tʃ], com que, segundo cremos, Leite (1977: 8 s.) identifica o seu símbolo 'č', parece-nos menos usual. Isto aliás está de acordo com a origem histórica deste som, que proviria de um *i assilábico inicial em sílaba pré- ou acentuada e que Leite inclui, como variante contextual, no seu fonema /y/ (cf. 1.1.4.).

A outra "friccionada", o h [h], ocorre com pouca frequência, como anota Leite (1977: 8), mas em determinados casos pode ser a marca fonética facultativa de que duas vogais consecutivas são heterossilábicas, não formando pois ditongo nem vogal dupla. Assim, nos exemplos apontados por Leite, o [h] facultativo em xāy [tā'ɣ, tã'hɣ] 'lua' ou em aa [a'a, a'ha] 'ele vai' indica, juntamente com o acento, que se trata de duas vogais em sílabas diferentes. Já no caso de amaɣyk 'ele cozinha', não seria possível realizar [amaha'pɣk]. Sublinhe-se que, em todos os casos em que é possível, a aspiração facultativa sempre surge na sílaba acentuada e, de preferência, em raízes monossilábicas. Os casos em que é obrigatória a pronúncia do [h] parecem estar confinados aos nomes da classe II, subclasse c), em que a 3ª pessoa possessiva apresenta esse som como prefixo para as raízes monossilábicas em consoante final (cf. 2.1.2.3.).

Os sons assilábicos iniciais vibrados r, [ɾ, ʀ] não apresentam nenhuma particularidade digna de nota. Relembre-se que existem casos de neutralização da oposição r vs. n (cf. 1.3.2.).

1.1.3 SÍLABA

Embora Leite (1977) não exponha explicitamente a sua análise de estrutura silábica do tapirapé, entende-se, através da discussão sobre o grupo kw, que ela postula quatro combinações sonoras possíveis, formando um sistema simétrico: V, CV, VC, CVC. Na tabela 1.5 acrescentamos, segundo a nossa análise, mais cinco formas, contendo elementos vocálicos assilábicos (v), que em Leite estão equiparados a consoantes. A consistência deste sistema é que obriga Leite (1977: 9) a considerar o grupo fonético [kw] como um fonema /k^W/. A sua decisão tem certa lógica, uma vez que considerando o grupo como contendo dois fonemas obriga a introduzir mais duas formas e a estragar a simetria: CvS (kwaam 'saber'), CvSC (kwan 'amarrar'). Se se quizesse manter a simetria, seriam necessárias mais cinco formas, as quais, porém, não foram ainda atestadas: CvSv, SvC, CSvC, vSvC, CvSvC. Um sistema assim constituído estaria, parcialmente de acordo com o sistema silábico do tupinambá (cf. Barbosa 1956 s. v. 'sílabas'). Mas adieemos uma decisão a este respeito para a seção seguinte.

1.5 TABELA

Sistema silábico

Simbologia: S: =cume silábico; v: =vogal assilábica; C: =consoante

S	a	'ir'
vS	wākā	'mergulhão'
CS	ka	'roça'
Sv	pyej	'lavar (objeto)'
SC	ak	'quebrar (linha)'
vSv	wājnomy'i	'beija-flor'
vSC	wowot	'inchar'
CSv	pirej	'lavar (caça)'
CSC	rot	'trazer'

1.1.4 Proposta de Ortografia

Pelo exposto até agora, parece claro que as vogais não apresentam problemas de escrita. Considerar w, j como variantes assilábicas de o, i tem a vantagem de permitir facilmente indicar a estrutura silábica de uma palavra através da escrita: apȳīwana 'narinas' (a-pȳ-ī-wa-na), xanyja 'avó' (xa-nyj-a), wāikyra 'macacheira' (wā-i-ky-ra), wājnomy'i 'beija-flor' (wāj-no-my-'i). A análise de Leite (1977: 8 s.), que postula um fonema /y/ com os alofones "č, y, ñ, ȳ" (permitamo-nos transcrever [tʃ, j, ɲ, j̃]), é possível. Até as reservas formuladas por ela, em virtude de ie 'eu' e āixāk 'vejo' segundo as regras dela deverem ser [tʃe] e [ātʃtʃāk], poderiam facilmente ser postas de lado, se ela tivesse introduzido o conceito de sílaba e verificado que, em ambos os casos, esses i são silábicos, ocorrendo freqüentemente realizações como [iʃe, ājiʃtʃāk]. Mas onde a sua proposta apresenta desvantagens é na prática da escrita, dado que obriga a usar um mesmo símbolo alfabético para sons muito diversos. Este ponto nos leva à discussão das consoantes.

Um dos problemas da análise do sistema consonantal é exatamente onde colocar o [t]. Leite (1977: 8) anota a restrição de t antes de i, mas não formula conseqüências. Seria, no entanto, igualmente possível e teoricamente defensável considerar o [t] como um t antes de i. Assim teríamos representações como tĵākāre 'jacaré' em vez de xākāre ou, segundo Leite, /yākāre/. Os casos em que surgisse (ʃ), silábico poderiam ser representados com ou sem j, por exemplo tī ou tĵī 'nariz'. Assim estaria fechada a lacuna do t antes de i não teríamos um alofone foneticamente consonântico, no mesmo fonema, com outros foneticamente vocálicos. Por outro lado, considerando um fonema /k^W/, seria também possível considerar um outro do tipo /č/, pois isso ia trazer ao sistema simetria nas séries progressivas de vogal a consoante: o-w-k^W teria correspondência em i-j-č.

Não nos parece indicado, de momento, prolongar a discussão teórica. Proporemos apenas que na ortografia do tapirapé se permita facultativamente escrever x ou tj para [t] e q ou kw para [w, kw].

Apenas mais um ponto nos parece digno de atenção quanto à análise e à grafia das consoantes. Apresentando o h, referimos a sua fraca ocorrência, confinada a casos facultativos e à 3ª pessoa possessiva da subclasse IIc). Sendo assim, é possível juntar h com o impulso glotal ' e passar a grafar ambos h. Este uso obedeceria às seguintes regras: 1) nos casos facultativos não se grafa h; 2) na 3ª pessoa possessiva da subclasse IIc) o símbolo h tem valor de [h]; 3) nos restantes casos grafa-se h para [ʔ]. Esta parece-nos a melhor solução, tanto mais que seria pouco indicado introduzir um fonema para casos facultativos e mais cerca de quatro palavras, que é o número de raízes da classe IIc) com h- possessivo de 3ª pessoa que encontramos até agora. Mas seria ainda possível considerar o impulso glotal como traço integrante da vogal subsequente, separado pois da aspiração, e passaríamos a escrever, por exemplo, ó, í, ý, é, á para [ʔo, ʔi, ʔi, ʔe, ʔa]. Esta solução, porém, tem a desvantagem de exigir diacríticos sobrepostos quando a vogal é nasal: ó̃, í̃, ý̃, é̃, á̃. Fiquemos, pois com a primeira proposta.

Assim reformulado, o sistema consonântico pode ser apresentado na tabela 1.6.

1.6 TABELA

Sistema Consonântico Reformulado

Posição na sílaba	Modo de articulação	Lugar de articulação		
		anterior	médio	posterior
ubíquas	oclusivas	p	t	k
	nasais	m	n	g
iniciais	líquidas		r	h
	biarticuladas	(q)	(x)	

Nessa tabela, entenda-se o termo “líquida” como se referindo a uma consoante durante cuja articulação se mantém no trato faringo-bucal a forma vocálica consecutiva. O termo “biarticulada” refere-se à articulação dupla de q e x, respectivamente oclusiva velar com labialização e oclusiva alveolar com palatalização.

1.7 TABELA

Proposta de Alfabeto Tapirapé

Maiúsculas	A	E	G	H	IJ	K	M	N	O	P	Q	R	T	W	X	Y	
Minúsculas	a	e	g	h	ij	k	m	n	o	p	q	r	t	w	x	y	
Valor Fonético	a	ēē	g	hʔ	i	k	m	n	o	o	u	p	k	f	t	u	ʔ

É segundo este quadro que passaremos a escrever, dando preferência a q, x em vez de kw, tj. O alfabeto que passamos a propor está fixado na tabela 1.7. Com a união de h, ' num só símbolo h, o sinal auxiliar ' (apóstrofo), fica livre para a sua simbologia usual. As letras q, x, a que damos preferência, são, como já informamos, facultativas.

1.2 SUPRASSEGMENTOS

Não foi ainda possível fazer um estudo suprasegmental do tapirapé. Limitamo-nos a anotar que nos parece existir alguma espécie de harmonia vocálica e mesmo nasal, ao contrário do que afirma Leite (1977). Também quanto ao acento e à entoação pouco temos a dizer ainda.

1.2.1 Acento

Ao “ouvido desarmado” o acento tapirapé apresenta-se como sendo essencialmente de intensidade. Assim, é possível ter vogais longas que não são acentuadas: Peta [pee'tofa]. Possivelmente, o parâmetro da intensidade será acompanhado de qualidade mais clara e tom mais alto, mas não pudemos ainda verificar isso instrumentalmente.

Quanto ao lugar fonológico do acento, trataremos perfunctoriamente dele ao falarmos da raiz (cf. 1.3.1.).

1.2.2 Entoação

Também aqui estamos reduzidos à observação com “ouvido desarmado”. Anotemos apenas três pontos que nos parecem mais ou menos seguros: 1) embora a pergunta tapirapé seja marcada pelo relacionador p(^ā) ou t(^ā), uma subida de tom no fim da frase é, pelo menos, facultativa ou talvez tenha valor expressivo; 2) parece valer também para o tapirapé que pronome interrogativo dispensa entoação interrogativa: mamō ta erea? 'onde você vai?' é um tipo de pergunta que ocorre predominantemente com declive tonal final; 3) frases afirmativas são tipicamente produzidas com declive tonal final.

1.3 PROCESSOS FONOLÓGICOS

Para descrição dos processos fonológicos e, como veremos adiante, também dos morfológicos, é de suma importância para o tapirapé estabelecer raízes ou morfemas mínimos sobre os quais se processam modificações de vária ordem com o fim de permitir o seu uso como palavras atuais. Duas ou mais raízes podem unir-se para formar uma raiz composta, atualizável também ela como palavra composta. Terminologicamente pode se considerar a raiz como unidade meramente etimológica e chamar apenas temas aos morfemas, quer mínimas quer compostos, passíveis de atualização (cf. Rodrigues 1953). Como na nossa análise não entraremos no processo de composição de palavras, é indiferente usar um termo ou outro, raiz ou tema. Nas listas de classes morfológicas, porém, surgirão muitos temas compostos.

1.3.1 A Raiz

O estabelecimento da raiz e a descrição de processos fonológicos e morfológicos são interdependentes. Não é possível estabelecer raízes sem conhecer os processos fonológicos e morfológicos, nem descrever estes sem conhecer as raízes. Quer dizer que será através da postulação de uns e outras com subsequente prova de adequação à língua e correções necessárias, que se chegará a um sistema mais ou menos coerente de raízes ou temas e processos de atualização na fala. Assim, repare-se que se postula uma raiz xākāre para a palavra [tākā'fē] porque se formulou uma regra segundo a qual todas as raízes são oxítonas e outra que nasaliza [f] depois de vogal nasal. Já para uma palavra como [ta'kā'fa] se pressupõe a raiz akan porque se pressupõem: 1) a mesma regra acentual já referida; 2) um t- para o genérico da classe IIc) dos substantivos; 3) um -a para nominalização de raízes não terminadas em vogal silábica; 4) uma nasalização de vogal prenasal e, finalmente, 5) uma “vibralização” de n depois de a tônico.

Não estamos ainda capacitados a apresentar regras práticas para o estabelecimento de raízes, porque nos falta ainda também estabelecer o sistema de processos fonológicos e morfológicos. Ressalte-se apenas o que já foi formulado acima e deve ser a regra mais geral relativa às raízes: toda a raiz é oxítônica.

Tentemos em seguida dar uma idéia de alguns processos fonológicos.

1.3.2 Alguns Processos Fonológicos

Certos processos fonológicos, embora dependentes do processo de estabelecimento de raízes, podem ser formulados de modo relativamente geral. É o caso da nasalização de vogais em contexto nasal ou da neutralização de n vs. r. Poderíamos formular esses processos, como regras, da seguinte maneira:

- 1) vogal é sempre nasal antes de consoante nasal ($V \rightarrow \tilde{V} / _ N$);
- 2) a) n realiza-se como \tilde{r} depois de a tônico ($n \rightarrow \tilde{r} / ' a _$)
 b) r realiza-se como \tilde{r} depois de vogal nasal ($r \rightarrow \tilde{r} / / \tilde{V} _$).

Outros processos fonológicos se aplicam apenas a determinados morfemas. Leite (1977: 11-16) apresenta quadros e exemplos de como se comportam as raízes com os vários tipos de terminação perante morfemas sufixados como o nominalizador -a, o negativo -i, o nominalizador circunstancial -ãwa (-am-a),

1.8 TABELA

Transformação de Raízes antes de alguns Morfemas, Segundo Leite (1977: 11)

Raiz em	Sufixos				
	-a	-i	-ãwa	-a	-ryma
-Vp	Vw	Vw	Vp	Vp	V
-am	ãw	ãw	ãp	ãp	ã
-Vm	Vm	Vm	Vm	Vm	\tilde{V}
-Vt	Vr	Vr	V	Vt	V
-an	an	an	ã	ãt	ã
-Vn	Vn	Vn	Vn	Vn	\tilde{V}
- \tilde{V} j	\tilde{V} j	O	\tilde{V} jt	Vn	\tilde{V} j
-ãj	ãj	O	ãjt	ãt	ãj
-Vj	Vj	O	Vjt	Vt	Vj
-Vk	Vk	Vk	Vk	Vk	V
-Vg	Vg	Vg	Vg	Vg	\tilde{V}
-i	O	O	i	i+wo	i
-V	O	V	V	V+wo	V

o Gerúndio -a/-wo. Teria sido possível acrescentar a essa lista outras formas, por exemplo o nominalizador de agente -ana (-an-a). Ela apresenta ainda como se modificam certos morfemas sufixados a esses tipos de raízes: patan 'futuro imediato' (aspecto volitivo, querer), pam 'passado imediato' (aspecto completivo, acabar), poko 'comprido', kãto 'bonito, bem'. Teria sido igualmente possível acrescentar a essa lista outros morfemas, como -qera (-qet-a) 'o que foi algo', -ryma (-rym-a) 'o que vai ser algo'. Queremos deixar a descrição comentada destes processos para mais tarde, quando o quadro estiver mais completo e tiver sido possível descobrir traços ou tendências gerais na até agora aparente heterogeneidade dos casos. Aqui limitamo-nos a reproduzir nas tabelas 1.8 e 1.9 os quadros I e II de Leite (1977: 11 s.), acrescentando os morfemas -qera e -ryma.

1.9 TABELA

Transformação de morfemas depois de algumas raízes, segundo Leite (1977: 12)

Raiz em	patan p-m-w	poko p-m-w	pam p-m	kãto k-g	qera q-w-O	
-Vp	x	x	x	x	x	(p→O)
-am	x	x	x	x	x	(m→O)
-Vt	x	x	x	x	x	(t→O) x (t→r)
an	x	x	x	x	x	(n→O) x (n→r)
-Vj	x	x	x	x	x	
-Vk	x	x	x	x	x	(k→O)
-Vm	x	x	x	x	x	(m→O)
-Vn	x	x	x	x	x	(n→O) x (n→r)
-Ṽj	x	x	x	x	x	
-Vg	x	x	x	x	x	
-Ṽ	x	x	x	x	x	
-ã	x	x	x	x	x	
-V	x	x	x	x	x	

Chamemos agora a atenção para outros processos fonológicos, independentemente da interpretação fonológica, morfológica e sintática que virá a ser necessária.

Na ligação de substantivo e adjetivo não existem modificações, caso o substantivo termine por vogal acentuada. Nos outros casos pode a consoante final da raiz substantiva ou a consoante inicial do adjetivo ou ambas ser modificadas. Atente-se nos exemplos seguintes:

- | | | | |
|----|------------|-------------------------|---|
| 1) | raiz: xywā | : ixywākyhā
ixywāāip | 'braço dele sujo'
'braço dele machucado' |
| | raiz: hyp | : ihykyhā
ihywāip | 'perna dele suja'
'perna dele machucada' |
| 2) | raiz: ka | : xekahyāo | 'minha roça nova' |
| | āwā | : āwāhyāo | 'homem novo (rapaz)' |
| | hyan | : xehyāryāo | 'minha canoa nova' |
| | āwyt | : āwryāo | 'casa nova' |

Os verbos com i- inicial, todos transitivos da classe II (cf. 2.0.1.) têm -e- -a depois do prefixo i- (eu/ele) e de -r- de ligação: āixāk 'vejo', mas iexāka 'vejo ele' ou xerexāka 'ele me vê'.

Os verbos terminados em consoante e seguidos de relacionador ou Gerúndio com consoante inicial perdem a consoante final: āxāok 'banho', mas āxāo rāka 'banhei'; axāok aawo "ele vai banhar (banha indo)", mas āxāo weawo 'vou banhar (banho indo)'. Outros relacionadores, começados por vogal ou com vogal afixável, provocam apenas mudanças na consoante verbal segundo regras mais gerais: āxāok ixē 'banho por banhar', āxāok ypy 'primeiro banho'; mas ātehomat 'trabalho' tem modificação da consoante em ātehomarixē 'trabalho por trabalhar', ātehomarypy 'primeiro trabalho'.

O processo de formar verbos factivos (cf. 2.2.3.1.) através do prefixo medial -m(ā)- está também sujeito a regras fonológicas. Acrescentado a raízes monossilábicas com k- inicial, transforma este em -g-: ke 'entrar', mas āmage 'faço entrar'; ket 'dormir', mas āmaget 'faço dormir'; koj 'cair', āmogoj 'faço cair'. Raízes polissilábicas não são alteradas: kyyxe 'ter medo', mas āmakyyxe 'faço ter medo'. Para raízes iniciadas por p- o resultado não parece previsível: pam 'acabar', āmamam 'faço acabar'; porāāj 'dançar', āmamorāāj 'faço dançar'; mas petym 'fumo', āmapetym 'faço fumo'. Antes de t- não existem exemplos e antes de q- este se transforma em -w-: qāygop 'sonhar', āmāwāygop 'faço sonhar'; qeram 'estar melhor', āmāweram 'faço melhorar'.

Fiquemos por aqui. O que já apresentamos é suficiente para mostrar a complexidade dos processos fonológicos, bem em contraste com a simplicidade do sistema de unidades segmentais. Na nossa apresentação dos fatos está também patente a nossa visão ainda muito atomizada desses processos.

2.0 CONSIDERAÇÕES GERAIS

2.0.1 Morfologia Tupi

Morfologicamente as línguas tupi podem ser descritas como um inventário de (1) raízes, (2) de prefixos e sufixos que se lhes ligam e (3) de outras formas que as relacionam na frase e no texto ou exprimem circunstâncias. A diferenciação entre “substantivo”, “adjetivo” e “verbo” é feita com base em aspectos semânticos, não morfológicos. Acontece que qualquer raiz pode ser usada com função nominal ou verbal, podendo, segundo o caso, apresentar uso entre “predominantemente nominal ou verbal” até “indiferentemente nominal e verbal”.

O tipo de ligação entre prefixos e raízes permite distinguir duas classes fundamentais de raízes: as da classe I não recebem -r- de ligação ao prefixo, as da classe II recebem. Na classe I encontramos as raízes com consoante inicial e parte das raízes com vogal inicial. Na classe II estão apenas raízes com vogal inicial (cf. Rodrigues 1953: 123 s.).

2.0.2 Raízes, prefixos e sufixos

O que se disse, de forma geral, para as línguas tupi, pode ser exemplificado para o tapirapé. Raízes como patyt ‘flor(escer)’, xeheg ‘fal((a)r)’, petym ‘fum((-o), -ar)’ serão indiferentes quanto ao uso nominal e verbal, ao passo que uma raiz como op ‘pai’ terá uso predominantemente nominal e a raiz a ‘ir’ terá uso predominantemente verbal. Anote-se que, mesmo assim, as diferenças morfológicas entre um e outro uso estão quase limitadas aos sufixos, pois o sistema de prefixos é, em grande parte, comum.

2.0.3 Prefixos Pessoais

O sistema de prefixos baseia-se e está, em parte, etimologicamente ligado aos pronomes pessoais. Na tabela 2.1 vê-se que os pronomes pessoais do tapirapé têm sete formas fundamentais que podemos clas-

2.1 TABELA

Pronome Pessoais

Número	Pessoa	Forma
Singular	1 ^a	ie
	2 ^a	ane
	3 ^a	ãhegã
Plural	1 ^a inc.	xane
	1 ^a exc.	are
	2 ^a	peẽ
	3 ^a	ãhegỹ

N.B. Os pronomes pessoais podem assumir a função de “possessivos”:
 – Mygã yãpepa tahẽ?
 ‘que remo é este?’
 – Ie.
 ‘é o meu’

siñicar semanticamente. Temos a “primeira pessoa do singular”, ou seja “o que fala”, a “segunda pessoa do singular” ou “com quem se fala”, a “terceira pessoa do singular” ou “o sobre quem se fala”. Na “primeira pessoa do plural” temos uma subdivisão “inclusiva” e outra “exclusiva” que indicam se a pessoa (ou pessoas) com quem se fala está (ou estão) incluídas ou excluídas do “nós que falamos”. A “segunda” e “terceira do plural” voltam a seguir o esquema do singular, respectivamente: “os com quem se fala” e “os sobre quem se fala”.

2.0.4 Simplicidade e Complexidade dos Prefixos Pessoais

A simplicidade morfológica do sistema de prefixos do tapirapé está patente na tabela 2.2 (ver p. 19), na qual, por outro lado, se nota também a complexidade funcional desses prefixos, representada através de dois eixos. Verticalmente temos a função pessoal de cada prefixo, tanto em nome quanto em verbos. Na horizontal a caracterização é feita segundo a função específica em cada classe ou subclasse semântica de palavras. É digno de nota que os prefixos das duas colunas à direita são utilizados até com formas relacionadoras.

2.0.5 Número

Comparando as tabelas 2.1 e 2.2, vê-se que, enquanto nos pronomes temos formas separadas para “terceira pessoa singular/plural”, essa distinção falta nos prefixos. Acontece que o “número”, de um modo geral, não é marcado expressamente. Quando, segundo as circunstâncias, a situação comunicativa é ambígua, é possível recorrer ao pronome pessoal correspondente de singular ou plural.

2.0.6 Sujeito e Objeto

Na tabela 2.2, (p. 19), mencionam-se formas de prefixos, em parte combinadas com sufixos ou formas livres, que exprimem simultaneamente sujeito e objeto. Repare-se ainda que os prefixos de sujeito da coluna da esquerda pressupõem objeto de “terceira pessoa” e os prefixos de objeto da coluna do meio pressupõem sujeito de “terceira pessoa” (cf. 2.2.0.1.).

2.0.7 Funções Semânticas das Raízes

Considerando agora o sistema de sufixos e seu conteúdo semântico, podemos identificar três funções em que são utilizadas as raízes: 1) nominal (= substantivos); 2) descritiva (= adjetivos); 3) verbal (= verbos). Encontraremos, como já foi dito, raízes que se utilizam predominantemente numa ou noutra função: op ‘pai’, k̄ywet ‘magro’, a ‘ir’ (cf. 2.0.2.). O sistema de sufixos para “substantivos” e “adjetivos” é o mesmo, com exceção de alguns processos “verbaís” que podem ser utilizados com “adjetivos”, mas não com “substantivos”. Por isso, na descrição que se segue, reunimos uns e outros sob o título de “nomes” e os separamos dos “verbos”.

2.1 NOMES

2.1.0.1 Nominalização da Raiz

Vamos tratar aqui do uso nominal das raízes. Quando a raiz termina em vogal nada mais é necessário para que funcione nominalmente. Terminando em consoante, será necessário acrescentar o sufixo nominalizador -a, segundo as regras morfofonológicas descritas em 1.3.2. A nominalização de raízes mais freqüentemente usadas como verbos será tratada na seção dos verbos.

2.1.0.2 Substantivos e Adjetivos

Embora fosse possível separar semanticamente “raízes usadas como substantivos” e “raízes usadas como adjetivos”, preferimos tratar ambas juntas porque, de momento, isso nos parece mais adequado à língua. Note-se que, por exemplo, Teny retyma ‘a casa de Teny’ e Teny k̄ywera ‘o magro Teny’ se comportam

2.2 TABELA

Prefixos pessoais para nomes, verbos e relacionadores

Função Geral	Função Específica		
	1) Em verbos transitivos: sujeito para objeto de 3 ^a	1) Em verbos transitivos: objeto para sujeito de 3 ^a	1) Em verbos intransitivos: sujeito de Gerúndio,
	2) Em verbos intransitivos: sujeito	2) Em nomes: possessivo	2) Em nomes: reflexivo
		3) Em nomes verbalizados: sujeito	3) Em relacionadores: pessoa reflexiva regida
		4) Em relacionadores: pessoa regida	
1 ^a s	ã-	xe-	we-
2 ^a s	ere-	ne-	e-
1 ^a p inc	xi-	xane-	xere-
1 ^a p exc	ara-	are-	ara-
2 ^a p	pe-	pe-	pepe-
3 ^a comum	a- ; i-	i- ; O	a- ; w-

NB.: 1) Os prefixos de 3^a pessoa comum têm uso com alternâncias que serão descritas nas seções correspondentes em 2.2;

2) Além destes prefixos temos ainda, nos verbos transitivos, os casos de:

- | | | | |
|---------------------------------|---|--------------------------------|-------------|
| a) objeto de 1 ^a s | / | sujeito de 2 ^a s: | xe- -xepe |
| | / | sujeito de 2 ^a p: | xe- -pepepe |
| b) objeto de 2 ^a s | / | sujeito de 1 ^a s: | ara- |
| | / | sujeito de 1 ^a p e: | ara- |
| c) objeto de 1 ^a p e | / | sujeito de 2 ^a s: | are- -arepe |
| | / | sujeito de 2 ^a p: | are- -arepe |
| d) objeto de 2 ^a p | / | sujeito de 1 ^a s: | ãpa- |
| | / | sujeito de 1 ^a p e: | ara- |

morfologica e sintaticamente do mesmo modo. Talvez a noção Teny k̄ywerá esteja mais próxima de um estilo que concretize mais a qualidade “magro”, como se pode utilizar em português, se bem que ironicamente: ‘o magro do Teny’ ou ‘a magreza do Teny’. Oportunamente chamaremos a atenção para algumas diferenças.

2.1.0.3 Gênero e Sexo

Já a respeito dos pronomes e prefixos pessoais (cf. 2.0.3. ss.) se poderia ter notado que não está presente a diferenciação entre gênero masculino e feminino. De fato não existem quaisquer processos morfológicos de distinguir os sexos. A distinção, onde ela é mais necessária no dia-a-dia, é feita através de palavras diferentes para um e outro sexo, por exemplo kox̄y ‘mulher’, kotātāi ‘menina’ ou ākomahe ‘homem’, konomi ‘menino’. Quando a situação exige diferenciação de sexo para animais, pospõe-se kox̄y ‘fêmea’ ou ākomahe ‘macho’.

2.1.0.4 Número

A propósito dos prefixos pessoais (cf. 2.0.4. s.) já se chamou a atenção para o fato de não existir a distinção entre singular e plural na “3ª pessoa”. Também neste ponto faltam totalmente processos morfológicos. Se a circunstância exige desambiguação, pode-se antepor ou pospor āheḡy ou ḡy à expressão nominal ambígua. Existem ainda um “advérbio” wetepe, que significa algo como “muitos”, e um morfema para “coletivos” -(k)wera, por exemplo konomi, konomiwera ‘menino, grupo de meninos’ ou tātā, tātātywera ‘banana, bananal’ (tym ‘plantar’).

2.1.0.5 Casos

Não se pode falar de casos em tapirapé. Mas, nas paroxítonas, parece existir uma marca facultativa de vocativo, empregada sobretudo com nomes próprios: Marewira ‘nome de mulher’, Marewit ‘(vocativo) Marewira’; konomiwera ‘meninos’, konomiwet ‘(vocativo) meninos’. Como já ficou anotado (cf. tabela 2.2.), através de prefixos pode-se exprimir o caráter reflexivo. Com sufixos tanto se exprimem funções semelhantes a casos, por exemplo -we ‘para’, -wi ‘de’, -pe ‘em’, como se exprimem também tempos, por exemplo -(k)wera, -(r)yma correspondentes a passado, futuro.

2.1.0.6 Posse

Quanto aos prefixos possessivos, provavelmente em função do sistema de propriedade ou da mundivisão na sociedade tapirapé, existem nomes que os aceitam e outros que não, mas talvez esta diferenciação se esteja apagando, pois existem contradições entre informantes mais velhos e mais novos. Talvez isto seja consequência do processo de aculturação e das mudanças correspondentes da vida tapirapé. Parece que coisas como tãxão ‘porco queixada’, tradicionalmente, não levam marca de posse. Não foi possível aprofundar este assunto, o qual caberia, na realidade, num estudo semântico.

2.1.0.7 Possessivos e Reflexivos

Falando de prefixos possessivos e reflexivos é necessário esclarecer o seu significado. Os possessivos determinam o possuidor de modo semelhante aos nossos pronomes e adjetivos possessivos. Os reflexivos exprimem que a ação a que se refere o verbo da frase recai sobre um objeto pertencente ao sujeito. Ex.: wek̄awī āāpa ‘eu faço o meu cauim’ (quanto a respostas indicando posse cf. tabela 2.1).

2.1.0.8 Classe I e Classe II

Tratamos morfológicamente os nomes segundo as duas classes que designamos classe I e classe II. Vamos primeiro esclarecer o uso do sistema de prefixos para cada uma das classes e, depois, dar atenção ao sistema de sufixos comum a ambas.

2.1.1 Classe I

2.1.1.1 Prefixos Possessivos

Já referimos a diferença entre os prefixos possessivos e os reflexivos (cf. 2.1.0.7.). Aqui se apresenta, na tabela 2.3, os prefixos possessivos para a classe I.

2.3 TABELA

Prefixos Possessivos da Classe I

Pessoa	1 ^a .s.	2 ^a .s.	1 ^a .p.i.	1 ^a .p.e.	2 ^a .p.	3 ^a .c.
Prefixo	xe-	ne-	xane-	are-	pe-	i-

Apresentamos em seguida alguns exemplos, colocando primeiro os substantivos e depois os adjetivos.

Ex.: 1) substantivos:	xepinã	'meu anzol'
	nexoro	'sua boca'
	xanekanawã	'nosso joelho (inc.)'
	arekanawã	'nosso joelho (exc.)'
	pememyra	'filho de vocês'
	ipyhã	'fígado dele(s)'
2) adjetivos	xeãíwa	'(eu) feio'
	nekanehō	'(você) cansado'
	xanekywera	'(nós inc.) magro'
	arekywera	'(nos exc.) magro'
	pekyhã	'(vocês) sujo'
	iewa	'(ele(s)) preguiçoso'

2.1.1.2 Prefixos Reflexivos

A tabela 2.4 apresenta os prefixos reflexivos e logo se seguem os exemplos.

2.4 TABELA

Prefixos Reflexivos da Classe I

Pessoa	1 ^a .s.	2 ^a .s.	1 ^a .p.i.	1 ^a .p.e.	2 ^a .p.	3 ^a .c.
Prefixo	we-	e-	xere-	ara-	peixe-	a-

Ex.: 1) substantivos:	wepinã āityk	'perco meu anzol'
	ememyra eremamion	'você pinta seu filho'
	xereyana ximaxerep	'virmos nossa canoa (inc.)'
	arayana aramaxerep	'virmos nossa canoa (exc.)'
	pexehāwāxihi pexaak	'vocês pisam o arroz de vocês'
	akāwī aāpa	'ele(s) faz(em) o cauim dele(s)'

2) adjetivos:	wekyhā āixāk	‘olho minha sujeira’
	ekyhā ereixāk	‘você olha sua sujeira’
	xerekyhā xiexāk	‘(nós inc.) olhamos nossa sujeira’
	arakyhā araixāk	‘(nós exc.) olhamos nossa sujeira’
	pexekeyhā peixāk	‘vocês olham a sujeira de vocês’
	akyhā aixāk	‘ele(s) olha(m) a sujeira dele(s)’

2.1.1.3 Genérico

Quando os nomes são usados num sentido genérico ou indefinido, isto é quando não se fala em ‘nossa mão’, mas em ‘a mão’ ou ‘uma mão qualquer’, podem eles assumir uma forma diferente. Na classe I temos um grupo de substantivos que não sofrem modificação (subclasse a)) e outros que, começando com p-, assumem forma iniciada por m- (subclasse b)).

Ex.: 1) substantivo:	xepaāpy aāpa	‘ela(s) faz(em) bracelete(s)’
	maāpy āop	‘encontro bracelete(s)’
2) adjetivo:	wyrāhi piryga	‘passarinho vermelho’
	miryga iāroāro xewe	‘o vermelho é bonito para mim’

2.1.1.4 Lista de Substantivos da Classe I

Os temas da classe I são listados em três seções, correspondentes às subclasses I a), I b) e “substantivos não possuídos”.

Classe I a)

ākamāxyp	‘taquari’	hāxihyp	‘ombro’
ākyg	‘cabeça, crâneo’	heqātam	‘direita’
ākopāxī	‘namorado’	hinohā	‘pilão, almofariz’
amanyxo	‘algodão’	hipirā	‘peixe’
amihā	‘girino’	hipirỹj	‘piranha’
anany	‘tipo de madeira’	hop	‘cocha’
āpa	‘coisa, fato’	hot	‘berne’
āpe	‘dorso’	howāpyt	‘cocha acima do joelho’
āpiym	‘diadema’	howāyka	‘atrás da cocha’
āpin	‘cabeça’	howyro	‘calça’
apỹīwan	‘narinas’	hy	‘água’
āpyret	‘caçula’	hyopam	‘lago’
ātywaam	‘amigo’	hyp	‘perna, cabo’
āxoro	‘papagaio’	hypyton	‘noite’
āxorypy	‘parte Central superior das costas’	hywyexāhē	‘pote’
āwāhyāo	‘rapaz (homem novo)’	hywyrā	‘borduna, mão-de-pilão’
eit	‘mel’	hyypa	‘cipó’
ehym	‘fuso’	irō	‘companheiro’
ākāxo	‘cajú’	itā	‘pedra’
ham	‘cabelo’	itāxokōj	‘tesoura’
hamapit	‘lábio superior’	itāxokōjanā	‘colher’
hamatam	‘bigode’	ka	‘roça’
hanawyt	‘atrás do joelho’	kāhāyp	‘bananeira brava’
hāpyā	‘ouvido’	kāhi	‘macaco’
hāwāxi	‘milho’	kam	‘marimbondo, gordura’
hāwāxihi	‘arroz’	kanawā	‘joelho’

kō	'língua'	totyt	'tio'
kohā	'rins'	tyro	'pano' (tb. IIa))
kokani	'galinha de Angola	xetywak	'taboca'
kopy	'perna'	wāikyt	'macacheira'
koroā	'abóbora'	wājnomyhi	'beija-flor'
koroāywyrā	'mamão'	wākā	'mergulhão'
kox̄y	'mulher'	wāpem	'caranguejo'
kyg	'osso'	wārāro	'caranguejo'
kygapytā	'tornozelo'	waxā	'filho(-a)'
kym	'peito, seio'	xākāre	'jacaré'
kyp	'piolho'	xan	'dono'
kypyhyt	'irmã mais nova'	xano	'aranha'
kyxe	'faca'	xanyj	'avó'
kywyt	'irmão (para mulher)'	xāo	'esquerda'
mahemahe	'miúdos'	xāxe	'tia'
maj	'cobra'	xawāra	'tucum'
manihak	'mandioca'	xawaxi	'jaboti'
manihyp	'pé de mandioca'	xāwewyt	'arraia'
manihytyp	'mandioccal'	wehegȳp	'conhecido'
manihywakyg	'rama de mandioca'	xepytoeroam	'suspiro'
marara	'pirão de tartaruga'	xetywak	'taboca'
marare	'gado, vaca, boi'	xexo	'piosca'
māxāw̄ȳj	'aruanã'	xī	'nariz'
maxihā	'parte superior do peito'	x̄yh̄ȳ	'coração'
maxihyg	'camarão'	xirōwet	'filho de vários pais'
memyt	'filho(-a) da mulher'	xō	'capim'
men	'esposo'	xomihā	'garganta'
meny	'sogra (para a mulher)'	xot	'pescoço'
mina	'lança'	xoro	'boca'
monowi	'amendoim'	xōwan	'coceira'
morihī	'murici pequeno'	xy	'machado'
morio	'murici grande'	x̄yj	'porto'
myryxi	'buriti'	xyporore	'enxada'
nami	'orelha'	xywā	'braço'
ohi	'farinha'	y	'mãe'
paākohā	'banana brava (fruto)'	yan	'canoa'
peg	'sobrinho(-a)'	yāpem	'borduna'
peom	'genro'	yāpepa	'remo'
petym	'fumo'	yha	'cabaça'
petywam	'cachimbo'	ype	'casca, espáduas'
pinam	'bacaba'	yrāwet	'sogra (para homem)'
pinawā	'bacaba (fruto)'	yro	'cesto'
pinawoo	'coco'	yropem	'peneira'
pit	'pele'	yryp	'tipo de palmeira'
pityg	'nenem'	yty	'lixo'
pytiāt	'entranhas'	ytypeiam	'vassoura'
qaāpiragyp	'pau brasil'	ywy	'terra'
tamākorā	'bracelete e/ou jarreteira'	yw̄yj	'blusa, peito'
tanehyt	'traíra'	ywyrāpan	'arco'
tawā	'testa, cara grande' (tb. IIa))	ywyt	'irmão mais novo'
tātewok	'carrapato'	ywytyt	'morro'
tāto	'tatu'		
tog	'pulga'		

Esta classe é caracterizada pelo prefixo medial -r-, que liga os prefixos possessivos (com exceção dos de 2^a p. e 3^a c.) à raiz. Inclui apenas raízes começadas por vogal. Ela tem várias subclasses que passamos a apresentar por ordem crescente de complexidade.

2.1.2.1 Subclasse a)

O quadro dos prefixos possessivos está apresentado na tabela 2.5 para a subclasse a). Logo se seguem os exemplos.

2.5 TABELA

Prefixos possessivos para a subclasse II a)

Pessoa	1 ^a s.	2 ^a s.	1 ^a p. i.	1 ^a p. e.	2 ^a p.	3 ^a c.
Prefixo	xer-	ner-	xaner-	arer-	pen-	–

Ex.: 1) substantivos:	xereymāwa axokā	‘ele(s) bate(m) no meu bicho’
	peneymāwa āxokā	‘bato no bicho de vocês’
	eymāwa āxokā	‘bato no bicho dele(s)’
2) adjetivos:	xerāy	‘(eu) zangado’
	penāy	‘(vocês) zangado’
	āy	‘(ele(s)) zangado’

Os prefixos reflexivos são os da tabela 2.6. A forma genérica, porque nada lhe é prefixado, é igual à da 3^a pessoa comum.

2.6 TABELA

Prefixos reflexivos para a subclasse II a)

Pessoa	1 ^a s.	2 ^a s.	1 ^a p. i.	1 ^a p. e.	2 ^a p.	3 ^a c.
Prefixo	wex-	ex-	xerex-	arax-	pexex-	w-

Ex.: 1) substantivos:	wexeqāwa āāpa	‘faço minha rede’
	weqāwā āāpa	‘(ele(s)) faz(em) a rede dele(s)’
2) adjetivos:	wexākowa āqaam	‘sei que estou com febre’
	wākowa aqaam	‘(ele(s)) sabe(em) que está(-ão) com febre’

As restantes subclasses se diferenciam desta apenas pela forma da 3^a pessoa possessiva e pela forma do genérico.

Classe I b)

ma	'mão'	maytyt	'farinha'
maākyg	'dedo da mão'	miroro	'ferida'
maam	'peteca'	my	'pé'
maāpy	'bracelete'	myāpe	'unha'
mahyg	'remédio'	myhā	'fígado'
mahyt	'conta'	mypat	'rastro'
matam	'pirão'	myyro	'sapato'
maxirō	'mutirão'		

"Substantivos não possuídos"

Aqui se listam os substantivos que não podem ser utilizados com prefixo ou que apenas permitem prefixo de 3ª pessoa. Estes são assinalados com nota entre parênteses.

+			
āhyj	'semente'	myxohi	'andorinha'
amyn	'chuva'	oopoko	'veado'
amynāip	'nuvem'	opihā	'ovo'
anawe	'barata'	paran̄yigoo	'mar'
anaweryn	'tipo de barata'	patyt	'flor (de fruto)' (só 3ª p.)
anoxā	'rato'	pepa	'asa' (só 3ª p.)
anyrā	'morcego'	pykāpykam	'borboleta'
āpyt	'final'	taāpen	'andorinha grande'
āwā	'gente'	tāihi	'menina' (vocativo, usado só no homens)
āwyt	'casa'		
āxī	'chifre, esporão de arraia'	tam	'aldeia'
eyxo	'sete-estrela (Plêiades)'	tāpi	'objeto cerimonial de palha de buriti'
han	'dia'		
hāwārāyhāwo	'maracujá'	tāpihit	'anta'
hāxi	'espiga' (só 3ª p.)	tāxāo	'porco do mato'
hypewoo	'pato'	tāxāwāj	'porco doméstico'
hyrywo	'urubu'	tāyp	'formiga'
hyto	'cachoeira'	tokanyt	'formigão'
hywatyt	'flor (de fruto)'	tokonare	'tucunaré'
hywyātāxin	'nevoeiro, nublina'	typyryrym	'correnteza'
hywyrā	'árvore'	tyrehym	'órfão de pai/mãe'
hyxāpenog	'banheiro'	tyrehyxāwāj	'órfão de pai e mãe'
ihā	'fruto'	tywā	'amigo' (vocativo)
ini	'rede'	wyrāhi	'pássaro'
kāhā	'mata'	wyrākāj	'galinha'
kohi	'coisa esmagada'	xāwan	'estrela'
konomī	'menino'	xāytātāhi	'coisa seca'
kotātāi	'menina'		
qan	'sol'		
mait	'estrangeiro'		
marākāxā	'gato do mato'	ywāk	'lagarta'
mian	'veado'	ywyto	'céu'
mit	'lagarto'	yywyt	'vento'
myteripewan	'forquilha'	+ahāwarera	'beira'
			'os maiores'

2.1.2 Classe II

Esta classe é caracterizada pelo prefixo medial -r-, que liga os prefixos possessivos (com exceção dos de 2ª p. e 3ª c.) à raiz. Inclui apenas raízes começadas por vogal. Ela tem várias subclasses que passamos a apresentar por ordem crescente de complexidade.

2.1.2.1 Subclasse a)

O quadro dos prefixos possessivos está apresentado na tabela 2.5 para a subclasse a). Logo se seguem os exemplos.

2.5 TABELA

Prefixos possessivos para a subclasse II a)

Pessoa	1ª s.	2ª s.	1ª p. i.	1ª p. e.	2ª p.	3ª c.
Prefixo	xer-	ner-	xaner-	arer-	pen-	—

Ex.: 1) substantivos:	xereymāwa axokā	'ele(s) bate(m) no meu bicho'
	peneymāwa āxokā	'bato no bicho de vocês'
	eymāwa āxokā	'bato no bicho dele(s)'
2) adjetivos:	xerāy	'(eu) zangado'
	penāy	'(vocês) zangado'
	āy	'(ele(s)) zangado'

Os prefixos reflexivos são os da tabela 2.6. A forma genérica, porque nada lhe é prefixado, é igual à da 3ª pessoa comum.

2.6 TABELA

Prefixos reflexivos para a subclasse II a)

Pessoa	1ª s.	2ª s.	1ª p. i.	1ª p. e.	2ª p.	3ª c.
Prefixo	wex-	ex-	xerex-	arax-	pexex-	w-

Ex.: 1) substantivos:	wexeqāwa āāpa	'faço minha rede'
	wexqāw	'(ele(s)) faz(em) a rede dele(s)'
2) adjetivos:	WEXAKOWA wexakowa āqaam	'sei que estou com febre'
	wāqowa āqaam	'(ele(s)) sabe(em) que está(-ão) com febre'

As restantes subclasses se diferenciam desta apenas pela forma da 3ª pessoa possessiva e pela forma do genérico.

2.1.2.2 Subclasse b)

Aqui a forma da 3ª pessoa possessiva e a forma genérica apresentam um t-.

Ex.: 1) substantivos:	xeramōja axāok, mas cf. 'meu avô banha'	tamōja axāok 'o avô dele banha' tamōja marykehyt 'avô é velho'
2) adjetivos:	xeroweteo, mas cf. '(eu) grande'	toweteo '(ele(s)) grande' wetepe toweteo 'muito do grande'

2.1.2.3 Subclasse c)

Esta classe tem também um t- para a forma genérica, mas na 3ª pessoa possessiva surge sem prefixo ou, nas raízes monossilábicas, a vogal inicial é aspirada: h- [h] (cf. 1.1.4.). Neste caso encontramos só quatro nomes: am, ap, et, yj.

Ex.: 1) substantivos:	wexātā āweny, mas cf. 'acendo meu fogo'	ātā āweny 'acendo o fogo dele(s)' tātā āmaep 'apago fogo'
2) adjetivos:	wexarywa āixāk, mas cf. 'vejo a minha alegria'	arywa āāpa 'faço a alegria dele(s)' emīxe tarywa 'a alegria acabou'
3) substantivos com aspiração na 3ª pessoa possessiva:	xeryja apen, mas cf. 'meu dente quebra'	hỹja apen 'o dente dele(s) quebra' tỹja apen 'o dente quebra'

2.1.2.4 Subclasse d)

Nesta classe a vogal radical inicial é sempre o- e desaparece na 3ª pessoa possessiva e na forma genérica.

Ex.: 1) substantivos:	werowy apok, mas cf. 'meu sangue jorra'	wy apok 'o sangue dele(s) jorra' wy apok 'sangue jorra'
2) adjetivos:	xerowyyrō, mas cf. '(eu) ciumento'	wyyrō xeree '(ele(s)) ciumento de mim' wyyrō iāiwoo '(ser) ciumento é ruim'

2.1.2.5 Subclasse e)

Nesta classe encontramos apenas o substantivo āpe que não acrescenta nenhum prefixo na 3ª pessoa e cuja vogal inicial desaparece na forma genérica. Este substantivo parece, pelo menos etimologicamen-

te, ligado ao relacionador *pe*, com o qual se poderá confundir na forma genérica. Para esta classe não existem exemplos de adjetivos.

Ex. *xerāpe ropi erea* ‘você vai pelo meu caminho’, mas cf.
āpe ropi āā ‘vou pelo caminho dele(s)’
pe ropi āā ‘vou pelo caminho’

2.1.2.6 Lista de Substantivos da Classe II

Subclasse II a)

<i>apepit</i>	‘pálpebras’	<i>enywā</i>	‘queixo’
<i>eymam</i>	‘bicho doméstico’	<i>ereqan</i>	‘benfeitor’
<i>eqam</i>	‘rede’	<i>etā</i>	‘companheiro, povo’
<i>emianyrō</i>	‘neto (para mulher)’	<i>etym</i>	‘casa’
<i>enima</i>	‘linha’	<i>etymy</i>	‘barriga da perna’
<i>enyt</i>	‘irmã’		

Subclasse II b)

<i>āhyt</i>	‘filho (para homem)’	<i>owip</i>	‘trazeiro’
<i>ākyqet</i>	‘rastros’	<i>owyt</i>	‘pai de criação’
<i>amōj</i>	‘avô’	<i>ykehyt</i>	‘irmão mais velho’
<i>āxyt</i>	‘filha (para homem)’	<i>yket</i>	‘irmã mais velha’
<i>ewiram</i>	‘galinha sem cauda’	<i>ypyxig</i>	‘água turva’
<i>op</i>	‘pai’		

Subclasse II c)

<i>aha</i>	‘carne’	<i>ēā</i>	‘olho’
<i>ahygam</i>	‘retrato’	<i>eiqākyg</i>	‘anca’
<i>akan</i>	‘casa dos homens’	<i>eiqan</i>	‘ânus’
<i>ākōj</i>	‘pênis’	<i>eme</i>	‘lábio inferior’
<i>aken</i>	‘porta’	<i>emehyp</i>	‘borda’
<i>am</i>	‘pena’ (só 3 ^a . p.)	<i>emian</i>	‘caça’
<i>ap</i>	‘folha’ (só 3 ^a . p.)	<i>eny</i>	‘saliva’
<i>ātā</i>	‘fogo’	<i>et</i>	‘nome’
<i>ātāpāj</i>	‘brasa’	<i>etymykynapipem</i>	‘parte de cima da perna’
<i>āty</i>	‘esposa’	<i>ewek</i>	‘barriga’
<i>ātypy</i>	‘bochecha’	<i>ohyp</i>	‘flecha’
<i>awā</i>	‘testa’	<i>ohywāxī</i>	‘ponta da flecha’
<i>awāxan</i>	‘vingador’	<i>omakākyg</i>	‘anca’
<i>āxa</i>	‘sogra’	<i>ye</i>	‘intestino’
<i>āxykyg</i>	‘osso do queixo’	<i>āj</i>	‘dente’
<i>ēāqan</i>	‘rosto’	<i>ājmit</i>	‘gengiva’
<i>ēāwet</i>	‘cadáver’		

Subclasse II d)

<i>owāipy</i>	‘interior’	<i>owāj</i>	‘rabo’	<i>owy</i>	‘sangue’
---------------	------------	-------------	--------	------------	----------

Subclasse II e)

<i>āpe</i>	‘caminho’
------------	-----------

2.1.3 Tempos e Funções

2.1.3.1 Passado

Passando agora ao sistema de sufixos, tratemos primeiro dos sufixos temporais. Aqui temos a possibilidade de expressar “o que já foi” ou “o que vai ser”. Isto funciona com qualquer substantivo e adjetivo ou forma nominalizada de verbo.

Para “o que já foi” existe o sufixo -(k)wera. Referimos já a este respeito (cf. 1.3.2.) que a ligação deste sufixo à raiz é orientada por regras complexas. Limitemo-nos a dar dois exemplos, deixando a descrição completa deste sufixo para trabalhos posteriores.

Ex.: hipirã ‘peixe’, hipirãqera ‘o que foi peixe’
kyxe ‘faca’, kyxeqera ‘o que foi faca’

2.1.3.2 Futuro

Para exprimir “o que vai ser” é usado o sufixo -ryma. A regra para acrescentar este sufixo é simples: 1) se o radical em questão termina em vogal, -ryma se acrescenta sem mais a esse radical; 2) quando o radical termina em consoante, a consoante desaparece e se acrescenta -ryma sem mais modificações. Caso a vogal ou a consoante do radical sejam nasais, o -r- inicial de -ryma passa, segundo a norma (cf. 1.3.2.), a -r̄-.

Ex.: Tãipa qe aãpa xehãypyryroryma (raiz: hãypyryro)
‘Tãipa vai fazer o que será minha camisa’

konomī pãxēryma (raiz: pãxē)
‘essa criança vai ser pajé’

ipawỹ ramō xereqãryma (raiz: eqam)
‘se eu fiar, terei rede’

ie aãpa wexohyryma (raiz: ohyp)
‘faço o que vai ser minha flecha’

2.1.3.3 Identificação

Em tapirapé não é necessário um verbo para exprimir a ideia de ‘ser’. Basta usar o nome com o prefixo correspondente: xeywyrãpana ‘é meu arco’. Do mesmo modo funciona a negação nominal através do sufixo -ehyma, que tem o sentido de ‘não é’ (mas difere da negação verbal): xeywyrãpanehyma ‘não é meu arco’. A este uso pode chamar-se identificação afirmativa e negativa, respectivamente. Pode ser usado também com as raízes “adjetivas”: ieewa ‘é preguiça dele’, ieewehyma ‘não é preguiça dele’.

2.1.3.4 Verbalização

Além da função de identificação, podem os nomes assumir uma função semelhante à do verbo ‘ter’ do português. Nesse caso passam a se comportar como verbos, daí que chamemos verbalização a esse processo.

Ex.: 1) identificação: xerowa ‘é meu pai’ / xeeewa ‘é minha preguiça’
2) verbalização: xerop ‘tenho pai’ / xeeep ‘tenho preguiça’

Como se observa, no primeiro caso, o nome mantém o -a nominalizador, enquanto no segundo a raiz permanece inalterada, como é o caso nos verbos. Comportamento verbal é observado também na negação.

- Ex.: 1) identificação: xerowehyma ‘não é meu pai’ / xeeewehyma ‘não é minha preguiça’
 2) verbalização: nāxerowi ‘não tenho pai’ / nāxeeewi ‘não tenho preguiça’

Aqui vemos o sufixo -ehyma da negação nominal como foi descrito na seção anterior para a função de identificação e o morfema descontínuo nā- -i, como o iremos encontrar na negação verbal.

2.1.3.5 Combinação de Tempos e Funções

Para ilustração de como funcionam juntos os tempos, a identificação ou a verbalização e os dois tipos de negação, juntamos o quadro seguinte (tabela 2.7).

2.7 TABELA

Combinação de Tempos e Funções

		Identificação	Verbalização
Presente	afirmativo	xereqāwa ‘é minha rede’	xereqam (ie -) ‘tenho rede’
	negativo	xereqāwehyma ‘não é minha rede’	nāxereqāwi (ie -) ‘não tenho rede’
Passado	afirmativo	xereqāwera ‘foi minha rede’	xereqāwera (ie -) ‘tive rede’
	negativo	xereqāwehȳwera ‘não foi minha rede’	nāxereqāweri (ie -) ‘não tive rede’
Futuro	afirmativo	xereqāryma ‘será minha rede’	xereqāryma (ie -) ‘terei rede’
	negativo	xereqāwehȳryma ‘não será minha rede’	nāxereqārymi (ie -) ‘não terei rede’

Note-se que nas afirmações verbalizadas de passado e futuro a forma é a mesma que para a identificação. Uma marca facultativa de verbalização é a anteposição do pronome pessoal, que, por contraste, não é possível nas formas de identificação.

2.1.4 Nominalização Circunstancial do Adjetivo

Dentre as raízes susceptíveis dos processos nominais até agora apresentadas, foram já listadas as formas correspondentes a “substantivos” (cf. 2.1.1.4. e 2.1.2.6.). Resta referir uma particularidade das raízes identificadas como “adjetivos”. Os “adjetivos”, ou raízes que exprimem uma qualidade (cf. Rodrigues 1953: 123 s.), podem ser nominalizados através de um sufixo que normalmente reserve à nominalização de verbos: -āwa (ou -am-a). Por este processo obtém-se “nomes de circunstância” (cf. Rodrigues 1953: 145).

Ex.: nexekyjāwa āqam ‘sei que você está gripado’ (=sei da circunstância da sua gripe)

2.1.5 Lista de Raízes Adjetivas

Embora tenhamos tratado “substantivos” e “adjetivos” em comum sob o nome de “nomes”, por apresentarem morfologia quase totalmente idêntica, pareceu-nos que a nominalização circunstancial seria critério suficiente para a separação dos dois tipos de “nomes. Assim, as primeiras listas de vocábulos continham apenas “substantivos” e agora apresentamos a lista de “adjetivos”.

Classe I a)

āip	‘feio’	kyt	‘gordo’
ākym	‘molhado’	kȳwet	‘magro’
ākyt	‘chorão’	manāixe	‘malcriado’
āroāro	‘bonito’	manywat	‘doente’
anym	‘gordo’	marikehyt	‘velho’
āpahā	‘redondo’	+nem	‘podre’
āqaam	‘sabido’	pariāwak	‘sem família’
āraim	‘penalizado’	piryg	‘vermelho’
āraip	= āraim	pooj	‘pesado’
ātot	‘curto’ (só 3 ^a . c.)	poko	‘comprido’
āwā	‘direito’	porohā	‘grávida’
āwāātyehym	‘desquitado’	pyā	‘fino’
āwāātyqet	‘viúvo(-a)’	pypit	‘largo, amplo’ (só 3 ^a . c.)
āxim	‘espirrando’	qanoo	‘largo’
eep	‘preguiçoso’	qet	‘demorado’
hāapyt	‘descendo de cabeça’	rahy	‘febril’
hananop	‘sabido’	rap	‘amargo’ (só 3 ^a . c.)
hanoro	‘triste’	ryn	‘indolente’
hep	‘gostoso’	ryneixe	‘fraco’
hyāo	‘novo(-a)’	tāym	‘liso’ (só 3 ^a . c.)
hyg	‘fã, amante’	texirō	‘em mudança familiar’
kaanok	‘escurecendo’	tyhan	‘faminto’
kahakyramahe	‘verde’	xagāte	‘fazendo algo à justa’
kāhem	‘amanhecendo’	xam	= xāgāte
kanehō	‘cansado’	xāwe	‘parecido’
kāto	‘bom’	xāwie	= xāwe
kohe	‘limpo, melhor’	xekyj	‘com tosse’
kohi	‘esmigalhado’	xirō	‘reconciliado’
kyhā	‘sujo’	xiwe	‘frívolo’
kohixig	‘seco, maduro’	ypyāxe	‘madrugando’
koop	‘queimado’	+ panem	‘azarado, azarento, em vão’

Classe I b)

maraexāk	‘de olhos fixos’	mog	‘podre’
maramatehomat	‘malinador’	myhāāip	‘triste’
maraxigo	‘simpatizante’	myhākgygātȳ	‘corajoso’
mariāop	‘sem sentidos’	myhākyyxe	‘medroso’
miryhāj	‘suado’		

Classe II a)

ākop	‘quente’	eākāxym	‘esquecido’
āy	‘zangado’	emahem	‘mentiroso’
āyāy	‘cansado’		

Classe II b)

āhyt	‘pequeno’	owĩjam	‘alto’
oweteo	‘grande’	owiroo	‘crescendo’

Classe II c)

āem	‘gritando’	ekaete	‘vivo, duro’
ākātehym	‘sovina’	ekāip	‘zangado, ruim’
apeyj	‘sonolento’	ekāy	= ekāip
aryaryp	‘alegre’	iwyt	‘fresco, conservado’
awāqet	‘careca’	xinyk	‘triste’
awy	‘preto’	ymyn	‘antigo, velho’
ēām	‘cego’		

Classe II d)

owyyrō	‘ciumento’
--------	------------

Sem prefixo

āj	‘azedo’	kuxymenhym	‘desquitada’
apym	‘firme’	ōhyyg	‘frio (para água, vento)’
ātỹ	‘duro’	on	‘preto’
hēhē	‘doce’	wāipytywi	‘apertado, com pouco espaço’

2.2 Verbos

2.2.0 Considerações Gerais

2.2.0.1 Prefixos Iniciais

Vamos tratar agora do uso verbal das raízes. Como já foi referido (cf. 2.0.), o sistema de prefixos iniciais é comum a nomes e verbos, embora nos verbos assumam funções mais complexas. Assim, teremos também aqui primeira e segunda pessoa singular, primeira plural inclusiva e exclusiva, segunda plural e terceira pessoa comum a singular e plural. Mas existe a tendência para considerar que com os verbos transitivos estão sempre presentes, no prefixo, o sujeito e o objeto. É que, usando os prefixos do sujeito pressupõe-se que o objeto é da terceira pessoa e, reciprocamente, utilizando os prefixos de objeto, pressupõe-se que é o sujeito de terceira pessoa. Como foi anotado na tabela 2.2, para os casos de primeira agindo sobre segunda e de segunda agindo sobre primeira, temos prefixos especiais ou combinação de prefixos com partículas pospostas. Daí que, por vezes, ao indicar a pessoa do verbo transitivo, se faça uma referência dupla, por exemplo, primeira singular sobre segunda plural ou, simplesmente, 1^a s./2^a p., sendo que a primeira indicação é o sujeito e a segunda é o objeto. Nos verbos intransitivos, naturalmente, surge apenas o prefixo de sujeito. Repare-se que alguns verbos permitem que a raiz do substantivo que é seu objeto seja incorporado como prefixo medial: tyro āpatokā ‘lavo roupa’ ou ātyropatokā.

2.2.0.2 Prefixos Mediais e Sufixos, Nominalização

Além dos prefixos iniciais, temos também prefixos mediais e sufixos que podem ter funções variadas. Uma delas é a função de nominalização de raízes verbais, que é mais um fator da permeabilidade das classes semânticas de nome e verbo. O sistema de nominalizadores do tupi (cf. Rodrigues 1953: 142-149) é muito complexo. Para o tapirapé conseguimos, até agora, apreender com alguma segurança sete processos de nominalização (cf. tabela 2.8). Nominalizando a raiz verbal pelo processo de nominalização de

raízes nominais, isto é acrescentando o sufixo -a às raízes terminadas em consoante, obtém-se um “nome de ação” que poderá ser usado com verbos exprimindo percepção. O sujeito do nome de ação deverá ser marcado através de prefixo: nexehega ãinop ‘ouço você falar’ (você falando eu ouço). Com -ana (-an-a) pode-se formar “nome de agente” para verbos transitivos, sendo necessária a marcação do objeto: xe-maheana ‘o meu professor’. Um “agente relativo” é o efeito de -mahe acrescentado aos verbos intransitivos e exigindo sempre sujeito de 3ª pessoa: aãtamahe ‘o que caminha’. Para “nome de paciente” surge-nos o sufixo -pyra (-pyt-a) com verbos transitivos e tendo marcação de objeto de 3ª pessoa: ixokãpyra ‘o que é morto’. O “nome objeto” da ação é construído com emi- nos verbos transitivos (utilizando, se necessário o nominalizador -a) e leva marca de sujeito. O sufixo -ãwa (-am-a) serve para nomear várias circunstâncias, como instrumento, lugar, tempo, da ação; tanto se aplica a transitivos como a intransitivos, levando respectivamente marca de sujeito e de objeto. Para os verbos intransitivos vemos, de novo, o sufixo -mahe, que acompanhado de marca de 3ª c. do Indicativo II significa ‘o que habitualmente faz algo’: koxỹ ixehagamahe ‘mulher que fala sempre’. Estes nomes, uma vez formados, comportam-se como quaisquer outros, sofrendo, por exemplo, negação nominal com o sufixo -ehyma.

2.8 TABELA

Sistema de Nominalização de Verbos

Forma	Prf	Suf	Significado	Tr	Int	Marca de	
						Suf	Obj
-a		x	ação		x	x	
-ana		x	agente absoluto	x			x
-mahe		x	agente relativo		x	3ª a-	
-pyra		x	paciente	x			3ª
emi-	x		objeto	x		x	
-ãwa		x	circunstância	x	x	int	tr
-mahe		x	agente habitual		x	3ª i-	

Na seção 2.2.1.4 vamos apenas descrever em mais pormenor os nomes com -ãwa e emi-, por serem os que conseguimos estudar melhor até à data.

2.2.0.3 Modos, Vozes, Aspectos e Verbos Auxiliares

Não foi ainda possível sistematizar o material já existente nem aprofundar a pesquisa a este respeito. Mas parece-nos que não existem “modos” em tapirapé, podendo as funções dos modos tupi serem interpretados como a ação de relacionadores de forma livre sobre toda a frase ou sobre parte dela. (cf. Rodrigues 1953: s.).

Quanto a “vozes” e “aspectos”, decidimos usar o primeiro termo para quatro prefixos mediais monossilábicos (cf. 2.2.3.) e o segundo para sufixos que à exceção de um (akan) usado exclusivamente nesta função, são igualmente formas livres verbais ou nominais (cf. 2.2.4.).

Como “verbos auxiliares” designamos um grupo de verbos que, morfológicamente, surgem, amiúde, no gerúndio, depois de um “verbo principal” e que, semanticamente, parecem sugerir para a “ação prin-

cial” conotações de movimento, posição, número. (cf. 2.2.5.).

2.2.0.4 Classes Semânticas e Classes Morfológicas

Como já transpareceu da formulação das seções anteriores, consideramos classes semânticas de verbos: transitivos e intransitivos. Morfologicamente relembramos as duas classes de raízes existentes: classe I – a das que não recebem prefixo medial de ligação -r-, classe II – a das que recebem. Os verbos com radical iniciado por consoante, alguns iniciados por vogal e todos os intransitivos não recebem -r-.

2.2.0.5 Pessoas e Formas Verbais

A variação morfológica dos verbos se dá segundo pessoas e formas verbais. As pessoas são indicadas pelos prefixos iniciais. As formas verbais, que são determinadas pelos sufixos, são as seguintes: Indicativo I, Indicativo II, Gerúndio e Imperativo.

Normalmente são consideradas outras formas verbais, como por exemplo a subordinada, também chamada subjuntivo. Nós preferimos interpretar a subordinada como forma nominal relacionada sintaticamente a um verbo principal através do relacionador (r)amõ. É ainda com relutância que tratamos o gerúndio como forma verbal. Repare-se que tanto o gerúndio como a subordinada têm prefixação de caráter nominal, que ambos têm negação nominal -ehyma e que, à exceção de -wo no gerúndio de raízes com vogal final, ambos podem ser interpretados como tendo terminação nominal, mas só estudos posteriores poderão firmar mais, ou, pelo contrário, falsificar o nosso ponto de vista.

2.2.1 Verbos Transitivos

2.2.1.1 Indicativo

É, por assim dizer, a forma fundamental do verbo: “exprime a simples realização do processo verbal” (Rodrigues 1953: 126). Esta afirmação será mais fácil de entender depois de marcadas, nas próximas seções, as circunstâncias em que são usadas as restantes formas.

Apresenta-se, em seguida, um exemplo sem complexidade de formação: *ãrõ* ‘esperar’.

<i>Suj</i>	/	<i>Obj.</i>		
1s		2s	araãrõ	‘eu espero você’
1s		3c	ããrõ	‘eu espero ele(s)’
1s		2p	ãpaãrõ	‘eu espero vocês’
2s		1s	xeãrõ xepe	‘você me espera’
2s		3c	ereãrõ	‘você o(s) espera’
2s		1pe	areãrõ arepe	‘você nos espera’
3c		1s	xeãrõ	‘ele(s) me espera(m)’
3c		2s	neãrõ	‘ele(s) espera(m) você’
3c		1pi	xaneãrõ	‘ele(s) nos espera(m)’
3c		1pe	areãrõ	‘ele(s) nos espera(m)’
3c		2p	peãrõ	‘ele(s) espera(m) vocês’
3c		3c	aãrõ	‘ele(s) o(s) espera(m)’
1pi		3c.	xiãrõ	‘nós o(s) esperamos’

1pe	2s	araãrõ	'nós esperamos você'
1pe	2p	araãrõ	'nós esperamos vocês'
1pe	3c	araãrõ	'nós o(s) esperamos'
2p	1s	xeãrõ pexepe	'vocês me esperam'
2p	3c	peãrõ	'vocês o(s) esperam'
2p	1pe	areãrõ arepe	'vocês nos esperam'

2.2.1.2 Indicativo II

O indicativo II é usado depois de locução relacional e de alguns advérbios. Entre estes advérbios estão por exemplo: ropi 'na direção de', wi 'de', pe 'para'. Note-se que, se o verbo vem antes destas expressões, deverá ser usado o Indicativo I. A diferença entre Indicativo I e II limita-se à formas de 3c/3c, 2s, p/1s, 2s, p/1pe, como se vê nos seguintes exemplos que apresentam em contraposição, primeiro, o Indicativo I e, depois, o Indicativo II. Os exemplos apresentados com o verbo petek 'bater' assumem, por vezes, formas sem a consoante final, o que é resultante de se seguir palavra iniciada por consoante (cf. 1.3.2.).

<i>Suj / Obj.</i>			
3c	3c	Ind. I: apete kape Ind. II: kape ipetek	'ele(s) bate(m) no(s) outro(s) na roça' 'na roça ele(s) bate(m) no(s) outro(s)'
2s	1s	Ind. I: xepete xepe Ind. II: ãxehi xepetek	'você me bate' 'ontem você me bateu'
2p	1s	Ind. I: xepete pexepe Ind. II: ãxehi xepetek	'vocês me batem' 'ontem vocês me bateram'
2s	1pe	Ind. I: arepetek arepe Ind. II: ãxehi arepetek	'você nos bate' 'ontem você nos bateu'
2p	1pe	Ind. I: arepetek arepe Ind. II: ãxehi arepetek	'vocês nos batem' 'ontem vocês nos bateram'

2.2.1.3 Gerúndio

Esta forma surge a nível de oração e de texto. Pressupõe sempre que exista anteriormente um verbo com o mesmo sujeito e esteja na forma de Indicativo I ou II. Isto implica que a diferença essencial nos prefixos em relação ao Indicativo II seja nas formas em que este marca o sujeito, passando, pois, o gerúndio a marcar objeto. Essas formas são as de 1s, p/2s, p e as que têm objeto de 3c.. O sufixo de Gerúndio é, para todas as formas, -a em raízes com consoante final e -wo em raízes com vogal final.

<i>Suj / Obj</i>	<i>Indicativo II</i>	<i>Gerúndio</i>
1s	2s tãipe aramoon 'na aldeia pinto você'	tãipe ãxa nemoona 'chego na aldeia e pinto você'
	ãxeiwe aramawite 'amanhã acredito em você'	ãxeiwe ãino nemawitewo 'amanhã ouço e acredito em você'
1s	2p tãipe ãpamoon 'na aldeia pinto vocês'	tãipe ãxa pemoona 'chego na aldeia e pinto vocês'

		ãxeiwe ãpamawite 'amanhã acredito em vocês'	ãxeiwe ãino pemawitewo 'amanhã ouço e acredito em vocês'
1pe	2s	tãipe aramoon 'na aldeia pintamos você'	tãipe araxa nemoona 'chegamos na aldeia e pintamos você'
		ãxeiwe aramawite 'amanhã pintamos você'	ãxeiwe araino nemawitewo 'amanhã ouvimos e acreditamos em você'
1pe	2p	tãipe aramoon 'na aldeia pintamos vocês'	tãipe araxa pemoona 'chegamos na aldeia e pintamos vocês'
		ãxeiwe aramawite 'amanhã acreditamos em vocês'	ãxeiwe araino pemawitewo 'amanhã ouvimos e acreditamos em vocês'
	3c	tãipe ãmoon 'na aldeia o(s) pinto'	tãipe ãxa imoona 'chego na aldeia e o(s) pinto'
		ãxeiwe ãmawite 'amanhã acredito nele(s)'	ãxeiwe ãinow imãwitewo 'amanhã ouço e acredito nele(s)'

2.2.1.4 Nominalizadores -ãwa e emi-

Como foi já anunciado (cf. 2.2.0.2.), apresentamos agora dois processos de nominalização que podem ser utilizados com raízes verbais. Com o sufixo -ãwa (-am-a), acrescentado segundo as alternâncias da raiz expostas em 1.3.2., formam-se nomes que indicam, entre outros, circunstância, instrumento, lugar. Nos verbos transitivos é marcado o objeto através de prefixo, ocorrendo a este respeito a mesma formação que no Gerúndio.

Ex.: ãixāk nenopyāwa 'vi a circunstância de bater em você'
 amapen nekāwipywāwa 'quebrou a tua colher de mexer cauim'

O prefixo emi-, que exige nominalização em -a de raízes com consoante final, permite formar nomes de objeto, sendo, pois, apenas possível com os verbos transitivos. Os prefixos usados marcam o sujeito. Os nomes assim formados comportam-se como se pertencessem à classe II, isto é exigem -r- de ligação.

Ex.: xeremiho hēhē 'minha comida está gostosa'

Lista de Verbos Transitivos

Classe I

aap	'embrulhar'	awirak	'descaroçar algodão'
ak	'quebrar (linha)'	āwy	'atirar flecha'
akygam	'podar, aparar'	āwyixe	'errar'
ãparak	'rematar a peneira'	ehỹj	'coçar'
ãpi	'cutucar, acertar'	ej	'lavar'
ãpy	'queimar'	ekaqaam	'informar'
ãpytãpyk	'pilotar'	emeqan	'amarrar a peneira'
awaixāk	'cobiçar'	epexyn	'encostar'
awan	'levantar'	eton	'cheirar'
awāopit	'arribar'	hak	'arrancar'
āwek	'peiar no fogo'	hananomim	'enganar'
āhyg	'experimentar, imitar'	hāpaqan	'deitar no chão'

hāpekoywō	‘enfiar’	matamō	‘bater algodão’
hāpixi	‘matar dois’	matexirō	‘mangar’
hāw ijyp	‘passar urucum no cabelo’	matepyxig	‘turvar’
hāxokā	‘amassar’	matyryryk	‘apertar’
ho	‘comer’	mawāk	‘rodear’
hypyrog	‘começar’	mawewe	‘soprar’
hywykaj	‘cavar’	mawite	‘acreditar’
ityk	‘derrubar’	mawywyk	‘costurar’
kā	‘quebrar’	maxāpaneqam	‘deitar para os pés um do outro’
koj	‘cair’ (só 3 ^a p.)	maxāpyho	‘acender’
komeho	‘contar (história)’	maxarak	‘rachar’
koram	‘xingar’	maxāarak	‘puxar’
kotok	‘furar’	maxehan	‘misturar’
kyt	‘chover’ (só 3 ^a p.)	maxexāk	‘sair da frente’
kytyami	‘mungir’	maxirō	‘reconciliar’
kytyk	‘esfregar, ralar’	maxyg	‘trançar’
kyxi	‘cortar’	mayj	‘seguir’
maakyg	‘enxugar’	māyj	‘dar’
maana	‘assustar’	māym	‘amarrar’
maanan	‘dançar (mulher)’	mayty	‘exterminar’
maāpiym	‘fazer alça sup. da peyra’	menan	‘casar (mulher)’
maāpyk	‘cozinhar’	meheg	‘vender’
maawe	‘endireitar’	mim	‘esconder’
maaxyg	‘empurrar’	moāj	‘cortar’
maaxorāpahym	‘pôr de pé’	moam	‘peneirar’
maema	‘esticar algodão’	mogoj	‘espalhar’
mahe	‘ensinar’	mogop	‘deixar’
mahetee	‘separar’	momok	‘furar’
mahewyg	‘desprezar’	mon	‘cuspir’
maigāto	‘guardar’	mook	‘lavar’
main	‘deixar’	moon	‘pintar’
mait	‘apagar’	mot	‘buscar’
makāhē	‘secar (carne)’	nō	‘guardar’
makāty	‘balançar’	nog	‘descarregar’
makāxym	‘exterminar’	nopȳ	‘bater’
makyhā	‘sujar’	oga	‘apertar’
mamat	‘jogar’	oho	‘morder’
mamion	‘pintar de preto’	op	‘achar’
mamiryhāj	‘suar’	paanog	‘tratar’
mamyrō	‘procurar’	pahak	‘parar de chover ou mamar’
mana	‘dar, mandar’	pakā	‘torcer’
manaāpinet	‘fazer picada, caminho’	pakak	‘tocar, pegar’
manak	‘cortar’	pakyri	‘fazer cócegas’
manarak	‘arrancar’	pamamyk	‘fiar duas linhas’
manyn	‘misturar’	paragetā	‘contar história’
manyyk	‘amontoar, juntar’	pariāwāk	‘fazer ficar só’
mapahyg	‘tratar’	patan	‘querer’
mapao	‘ficar grosso’	patokā	‘lavar roupa’
mapepaym	‘fazer alça lat. da peyra’	pawyn	‘fiar’
mapo	‘tanger’	pehak	‘escamar, beliscar’
maryp	‘combinar’	peit	‘varrer’
marywixe	‘enganar’	pexo	‘soprar’
matāj	‘apimentar’	piawak	‘abrir’

pik	'ficar quieto, chocar'	tym	'plantar'
pikȳj	'raspar'	wāewāem	'fazer gritar'
pirak	'descascar'	wākop	'esquentar água'
pirej	'lavar caça'	wātȳ	'puxar'
pok	'jorrar' (só 3 ^a p.)	wehē	'temperar com sal ou açúcar'
pyaam	'forrar'	weny	'acender'
pyej	'lavar (objeto)'	wepy	'pagar'
pyk	'flechar, cobrir'	wyy	'alinhar'
pykāj	'mexer farinha'	xā	'rachar'
pymakātȳ	'sacudir rede'	xaak	'pisar, pilar'
pymi	'inundar'	xaen	'derramar'
pyrō	'ajudar'	xan	'colher'
pytet	'chupar'	xokā	'bater'
pywot	'mexer cauim'	xyg	'encher'
pyyk	'pegar, segurar, comprar'	xyroekyj	'despir-se'
pyypē	'alinhar taboca para fazer peneira'	yjmehe	'afiar'
qaam	'saber, conhecer'	yky	'sacudir'
qan	'amarrar'	ykyxigak	'lavar contas'
qanam	'desatar'	yme	'fritar'
qātyryrym	'apertar duro'	yp	'raspar madeira'
qātyryryp	= qātyryrym	yt	'assar'
ram	'desfazer, despir'	ywō	'flechar'
tyami	'espremer'	yxyg	'ajuntar'

Classe II

āpexeheg	'responder'	opixik	'alcançar'
aqāpetym	'cercar, encurralar bicho'	raā	'levar'
awāpytym	'tampar, tapar'	rahym	'ficar levantado'
awāpytymawāk	'destampar, destapar'	rawāk	'devolver, mudar de rumo'
etyk	'deixar, colocar'	raxyp	'descer (objeto)'
ikyj	'tirar'	rayj	'carregar'
inop	'ouvir'	rayrō	'achar ruim, não temer'
ixāk	'olhar'	reka	'casar'
ixākāhop	'ter saudade'	rot	'trazer'
opit	'subir'	wowot	'inchar'

2.2.2 Verbos Intransitivos

Dados que nestes verbos apenas existe o sujeito, torna-se mais simples o uso dos prefixos, não existindo a referência simultânea a sujeito e objeto.

2.2.2.1 Indicativo I

O indicativo é, também nos intransitivos, a forma fundamental do verbo.

Ex.: xāok 'banhar'.	1s	āxāok
	2s	erexāok
	1pi	xixāok
	1pe	araxāok
	2p	pexāok
	3c	axāok

2.2.2.2 Indicativo II

O Indicativo II é usado nas mesmas circunstâncias que nos transitivos. A única diferença em relação ao Indicativo I consiste no morfema descontínuo da 3^a c., que é *i-* -*i*.

Ex.: *āxehi ixāoki* ‘ontem banhou (-aram)’

2.2.2.3 Gerúndio

Para o Gerúndio dos intransitivos observamos o uso dos prefixos reflexivos. Quanto ao sufixo temos, segundo as regras já mencionadas (cf. 2.2.1.3.), *-a* e *-wo*.

Ex.: *āwaē wexāoka* ‘chego e banho’

2.2.2.4 Nominalizador *-āwa*

O nome circunstancial formado com *-āwa* (*-am-a*) exige, nos intransitivos, a marca de sujeito no prefixo.

Ex.: *xexāokāwa ereixāk* ‘você vê a circunstância de eu banhar’

2.2.2.5 Lista de Verbos Intransitivos

Relembre-se que todos os intransitivos pertencem à classe I, isto é não recebem o *-r-* medial entre o prefixo e a raiz.

<i>ākaam</i>	‘brigar’	<i>magyixe</i>	‘amedrontar’
<i>ākym</i>	‘molhar’	<i>mahē</i>	‘olhar’
<i>āpyakā</i>	‘escutar’	<i>mamik</i>	‘impedir de ir’
<i>āpyk</i>	‘sentar’	<i>mamyn</i>	‘enrolar’
<i>ātā</i>	‘caminhar’	<i>manō</i>	‘morrer’
<i>em</i>	‘latir’	<i>mārākā</i>	‘cantar’
<i>ham</i>	‘deitar na rede’	<i>myyk</i>	‘juntar-se’
<i>han</i>	‘cair’	<i>pāhym</i>	‘levantar-se’
<i>hāpokāj</i>	‘gritar’	<i>pāk</i>	‘acordar’
<i>hyaam</i>	‘atravessar’	<i>pāpyg</i>	‘tremar’
<i>hyāpykoj</i>	‘remar’	<i>pat</i>	‘sair’
<i>hīj</i>	‘ficar’	<i>pen</i>	‘quebrar’
<i>hynymon</i>	‘cuspir’	<i>petymo</i>	‘fumar’
<i>hyxewyt</i>	‘vomitar’	<i>pināpaj</i>	‘pescar’
<i>hyytam</i>	‘nadar’	<i>pokā</i>	‘rir’
<i>ka</i>	‘estar’	<i>porāāj</i>	‘dançar’
<i>kāj</i>	‘queimar’	<i>pytā</i>	‘parar’
<i>kamo</i>	‘mamar’	<i>pytoho</i>	‘descansar’
<i>kapit</i>	‘derrubar roça’	<i>pywai</i>	‘arrastar os pés’
<i>kāro</i>	‘comer’	<i>qāygot</i>	‘sonhar’
<i>kātȳ</i>	‘mexer’	<i>qeram</i>	‘melhorar’
<i>kāwāip</i>	‘esquivar-se’	<i>tarak</i>	‘rasgar’ (só 3 ^a p)
<i>kāxym</i>	‘perder’	<i>tehomat</i>	‘trabalhar’
<i>ke</i>	‘entrar’	<i>tyryk</i>	‘sair do lugar’
<i>ket</i>	‘dormir’	<i>wāem</i>	‘chegar’
<i>kyyxe</i>	‘ter medo’	<i>wāk</i>	‘voltar’
<i>magātyrō</i>	‘enfeitar’	<i>wawāk</i>	‘rodar’
		<i>wewe</i>	‘voar’

wot	'boiar'	xemeheg	'entregar-se, expor-se, esmorecer'
xajha	'chorar'	xemim	'sumir, fugir, esconder-se'
xãok	'banhar'	xemimakãhē	'assar'
xapyyk	'lutar'	xemimōj	'cozinhar'
xat	'vir'	xeminak	'pisar, pilar'
xatyan	'casar (homem)'	xemiywō	'apontar'
xāwak	'cometer adultério'	xemoāj	'cortar-se'
xawāopit	'levantar'	xemoon	'pintar-se'
xeākygehak	'esfregar a cabeça'	xenog	'deitar-se'
xeākymanarak	'pentear-se'	xepaanog	'tratar-se'
xeāpa	'tornar-se, fazer-se'	xepapetek	'bater palmas'
xeāreka	'cuidar, tomar conta'	xepaqaan	'acostumar'
xehanoanomim	'perturbar-se'	xepee	'aquecer-se'
xehāpean	'pensar'	xepeyxyga	'encher a peyra'
xehāpikyxī	'cortar o cabelo'	xepyk	'cobrir-se, vingar'
xehātowākana	'cortar o cabelo'	xepymi	'mergulhar'
xeheg	'falar'	xepytoekyj	'suspirar com força'
xeawagetā	'lembrar'	xepytohak	'descansar'
kekāit	'arranhar-se'	xepytowerot	'respirar'
kekak	'comer'	xeqātyryrym	'apertar-se duro'
kekohāpyā	'deitar de costas'	xeraqan	'cair'
kekygak	'emagrecer'	xerep	'virar'
kekytyk	'esfregar-se'	xetyrog	'morar'
kekytŷyami	'tirar o leite'	xēwāem	'fugir'
xemaakahi	'aguardar'	xewage	'apressar-se'
xemaāpe	'virar as costas'	xewākop	'aquecer-se'
xemaārŷj	'brincar'	xewyt	'voltar'
xemaātaan	'caçar'	xī	'envergonhar-se'
xemaāwā	'crescer'	ximaan	'procurar cipó'
xemahe	'aprender'	xohymamat	'disparar a flecha'
xemagātyrō	'enfeitar-se'	xoopit	'subir'
xemakātŷ	'arrumar-se'	xop	'estar deitado'
xemakohe	'descansar'	xyp	'descer'
xemamat	'pular'	yho	'beber'
xemamik	'desistir de ir'	yj	'correr'
xemamion	'pintar-se de preto'	ytypeit	'varrer o lixo'
xemawot	'inchar a barriga'	ywyexā	'ter pena, ficar triste'

2.2.3 Vozes

Rodrigues (1953: 135-141) considera “vozes” no verbo tupi. Partindo da nossa observação, achamos que no tapirapé se encontra o mesmo tipo de funcionamento. Discriminamos uma voz “factiva” com o prefixo medial *-ma-*, uma voz “concomitante” com o prefixo medial *-ra-*, uma voz “reflexiva” com o prefixo medial *-xe-* e uma voz “recíproca” com o prefixo medial *-xa-*. Preferimos, porém, retirar o sufixo *-akan* (tupi *-ukar*) para os “aspectos” (cf. 2.2.4.).

2.2.3.1 Voz Factiva

A voz *factiva* corresponde ao uso português do verbo fazer. Aplica-se a raízes de substantivos, adjetivos e verbos intransitivos. Forma-se acrescentando o prefixo medial *-ma-* à raiz respectiva. Exemplifiquemos com um substantivo:

Raiz: *pepywam* ‘cachimbo’; voz factiva: *āmapetywam* ‘faço cachimbo’

Neste caso o resultado é um verbo intransitivo que tem incorporada a raiz que designa a coisa feita ou produzida.

Vejamos agora com um adjetivo:

Raiz: kanehō 'cansado'; voz factiva: āmakanehō 'faço ele(s) cansar'
xemakanehō pexe 'você me cansa'

Aqui se obtém um verbo transitivo em que o sujeito provoca num determinado objeto a qualidade designada pela raiz adjetiva.

Finalmente, ao verbo intransitivo, por exemplo

Raiz: tehomat 'trabalhar', voz factiva: āmatehomat 'faço ele(s) trabalhar'
xematehoma xepe 'você me dá trabalho',

se aplica a definição de Rodrigues (1953: 135):

A voz causativa é aquela em que o sujeito faz outrem praticar a ação, em vez de ele mesmo praticá-la. Há, pois, dois agentes: um imediato que pratica a ação e que é objeto direto; outro mediato, que faz aquele praticá-la e que é o sujeito.

2.2.3.2 *Voz Concomitante*

Usa-se esta voz para exprimir que o sujeito desempenha a ação em companhia de pessoa ou de coisa. Forma-se de verbos intransitivos com o prefixo medial -ra- e tem a pessoa ou coisa acompanhada como objeto.

Ex.: ke 'entrar': Xário ārake 'entro em companhia de Xário'
tātā ārake 'entro com um cacho de bananas'

Os verbos assim formados são pois transitivos. O seu comportamento morfológico passa a ser semelhante ao dos verbos da classe II, ou seja exige um -re- de ligação, mas não foi ainda possível descobrir totalmente as regras para o uso dos prefixos pessoais. Dá-se, porém, um exemplo em seguida:

Raiz: xyp 'descer', voz concomitante: xereraxyp 'ele(s) me desce(m) com ele(s)'

A forma que ocorre com o verbo ka 'ficar, estar' é -re-: Xário āreka 'fico, estou aqui com Xário'.

2.2.3.3 *Voz Reflexiva*

Nos verbos transitivos é possível que o objeto da ação seja o mesmo que o sujeito. Neste caso surge o uso reflexivo de verbos. A formação de uma expressão verbal reflexiva é feita com o prefixo inicial de sujeito, ao qual se segue o prefixo medial -xe- imediatamente antes da raiz, como a seguir se exemplifica para o Indicativo I de xokā 'machucar', xexokā 'machucar-se':

1s	āxexokā	1pi	xixexokā
2s	erexexokā	1pe	araxexokā
3c	axexokā	2p	pexexokā

No Gerúndio e nas formas nominais com marca de sujeito verifica-se uma reduplicação da reflexividade, sendo utilizado simultaneamente o prefixo pessoal reflexivo e o prefixo medial -xe-.

Ex.:	āwāē wexexokāwo	‘chego e me machuco’
	erewāem exexokāwo	‘você chega e se machuca’
	xiwāē xerexexokāwo	‘nós (i) chegamos e nos machucamos’
	arawāem araxexokāwo	‘nós (e) chegamos e nos machucamos’
	pewāē pexexexokāwo	‘vocês chegam e se machucam’
	awāem axexokāwo	‘ele(s) chega(m) e se machuca(m)’

2.2.3.4 Voz Recíproca

“Na voz recíproca os sujeitos praticam a ação uns sobre os outros, mutuamente.” (Rodrigues 1953: 137). Forma-se com o prefixo medial -xa- acrescentado a raízes transitivas. Só se usa com prefixo de plural ou 3ª comum.

Ex.:	xixaxokā	‘batemos (i) uns nos outros’
	araxaxokā	‘batemos (e) uns nos outros’
	pexaxokā	‘vocês batem uns nos outros’
	axaxokā	‘eles batem uns nos outros’

Este prefixo medial também pode surgir entre prefixos pronominais e posposições igualmente no sentido recíproco ‘um ao outro’ (cf. tabela 2.14).

2.2.4 Aspectos

Demos já a entender (cf. 2.2.0.3) que a nossa diferenciação entre voz e aspecto é meramente formal: dum lado temos prefixos mediais monossilábicos, do outro sufixos. Consideramos aqui como aspectos as funções dos sufixos -akan (ordem), -pam (conclusão, ‘completitude’), -patan (volição), -qaam (capacidade). Seria igualmente possível incluir aqui os sufixos -(h)i, -(o)o, como “gradação” ou o fenômeno da reduplicação como “quantificação”. Com efeito, é assim que, em parte, na análise sintáctica, tratamos ambos, mas, na morfologia, estão classificados, respectivamente, como “modificadores lexicais gradativos” (cf. 2.3.4.1.) e “reduplicação” (cf. 2.3.2.4.; subtítulo de “quantificadores” 2.3.2.).

2.2.4.1 Aspecto Mandativo

Este é o único aspecto cujo morfema surge exclusivamente nesta função. O sufixo -akan, como -pam, -patan, -qaam, poderia talvez também funcionar como verbo, se na sociedade tapirapé existisse a necessidade de exprimir o conceito de mandar. Sublinhe-se a respeito que, entretanto, foi tomado de empréstimo ao português um verbo m̄ato (pmandar), usado segundo a gramática tapirapé com os prefixos pessoais, p. ex. ām̄ato ‘mando’.

Este aspecto exprime que um agente dá uma ordem a outrem para este praticar determinada ação. Esta ação pode recair ou não sobre um terceiro. É este o caso, quando se use o prefixo -akan, formador do aspecto mandativo, com verbos transitivos.

Ex.: awāxihi āxaakakan ‘mando ele(s) pilar arroz’

Se o segundo agente está expresso, deverá ser regido do relacionador -we.

Ex.: āpykakan Xāriohiwe ‘mando Xārio cobrir ele(s)’

Acrescentado a verbos na voz factiva (-ma-), poderá a ação recair ou não sobre terceiro.

Ex.:	yana āmaxerewakan	‘mando ele(s) virar a canoa’
	āmaryarywakan	‘mando ele(s) ficar alegre’
	āmapetywanakan	‘mando ele(s) fazer cachimbo’

Note-se a diferença entre a voz factiva, a voz concomitante e o aspecto mandativo: *konomi āmaporaāj* ‘faço o menino dançar’ significa que seguro ele e obrigo a fazer os movimentos de dança; *konomi āraporaāj* ‘danço com o menino’, *konomi āmaporaājakan* ‘mando o menino dançar’.

Existem casos de ambigüidade em que o aspecto mandativo juntamente com a voz factiva tanto exprime ‘faço alguém praticar uma ação’, como ‘mando alguém praticar uma ação’: *āmayhoakan* ‘mando ou faço ele beber’.

2.2.4.2 *Aspecto Completivo*

Para indicar um aspecto de “completitude” na ação ou nos seus agentes pode ser usado o sufixo *-pam*, que, como forma livre, é o verbo ‘concluir’. O comportamento morfológico da consoante inicial deste sufixo está descrito na tabela 1.9, para a consoante final não foi ainda possível fazer o estudo necessário.

Damos um exemplo para “completitude” na ação: *āxāopā rāka* ‘já banhei tudo, acabei de banhar, concluí a ação de banhar’. Acrescentamos um exemplo para “completitude” dos agentes: *axoopipam* ‘sobem todos’.

Não sabemos ainda se a referência da “completitude” é previsível. Pelo menos morfológicamente parece que não.

A negação de uma e outra frase seria: *nāxaopāwi*, *naxoopipāwi*.

2.2.4.3 *Aspecto Volitivo*

Para exprimir a noção de ‘querer fazer alguma coisa’, pode ser sufixado *-patan* ao verbo que designa a ação desejada. Esta forma funciona, também livremente no sentido de “querer”. Exemplo de aspecto volitivo: *ie āxaopatan* ‘quero, desejo banhar’, *nāxaopatāri* ‘não desejo banhar’.

2.2.4.4 *Aspecto Capacitivo*

No sentido de ‘saber, ter capacidade de fazer alguma coisa’, usa-se o sufixo *-qaam*, que, como forma livre, é o verbo ‘saber, conhecer’. Damos exemplo da sua função aspectual: *āhyytāqaam* (*nāhyytāqaāwi*) ‘(não) sei nadar’.

2.2.5 *Verbos Auxiliares*

Não nos foi ainda dado identificar todos os verbos auxiliares, porque, ocorrendo eles no gerúndio e sendo o gerúndio, de modo geral, muito usado, é difícil por vezes destrinçar se um verbo no gerúndio tem “sentido principal” ou “sentido auxiliar”. Quanto a isto pode se fazer observações sobre os textos (cf. 3.2.). Superficialmente, podemos entrever que os verbos auxiliares costumam trazer uma noção de movimento, posição, número, e que podem orientar-se pelo “verbo principal” quanto à transitividade.

Assim, surgem muito *-awo*, *-kawo* com verbo intransitivo: *āxāok weawo* ‘ando banhando, estou indo banhar’, *āxāok wekawo* ‘estou aqui banhando’. Com um verbo transitivo surgirão então *-manawo*, *-rekawo*: *ipirā apyyk imanawo* ‘anda pegando, está indo pegar peixe’, *ipirā apyyk irekawo* ‘está pegando peixe’. Digno de nota é o fato de poderem juntos os verbos com a noção de ‘andar’ e ‘ficar parado’: *āxāok weawo wekawo* ‘estou por aqui banhando de um lado para outro, ora paro, ora continuo’. Exemplos deste tipo ocorrem com abundância em *Koreweka* (cf. 3.2.4.). Exemplo para a noção de posição e número podem ser observados nas anotações de *Ārārawytygi* (cf. 3.2.2.).

2.2.6 Verbos Irregulares

Para tratar exhaustivamente este ponto, seria necessário desbravar todo o sistema verbal tapirapé à procura de pequenas e grandes, previsíveis e imprevisíveis modificações das raízes verbais, o que ainda não foi feito. Limitamo-nos, aqui, a apresentar o quadro de quatro verbos com aparentes irregularidades (cf. tabela 2.9).

2.9 TABELA

Quatro Verbos Irregulares

Forma	Pessoa	Verbo			
		'dizer' ãhe	'chegar' xat	'estar de pé' xop	'estar sentado' hỹj
Ind. 1	1 ^a s	ãhẽ	ãxat	ãxop	ãhỹj
	2 ^a s	ere	erexat	erexop	erehỹj
	1 ^a p	xahẽ	xixat	xixop	xihỹj
	1 ^a pe	arahẽ	araxat	araxop	arahỹj
	2 ^a p	pexe	pexat	pexop	pehỹj
	3 ^a c	ehi	hot	hop	hỹj
Ind. 2		—	itori	itowi	ityni
Ger.		—	-hota	-hopa	-hyna

NB: O gerúndio apresenta-se sem prefixo na 3^a comum (cf. Ind. 1, 3^a c.).
Observe em ãhẽ as formas ere, pexe (cf. imperativo 2.3.5.3.1.).

2.2.7 Negação

Falando da verbalização de nomes (cf. 2.1.3.4.), já introduzimos exemplos demonstrando negação verbal. Recordamos que esta negação se faz através de um morfema descontínuo n(ã)-i.

Ex.: ãpyyk 'pego', nãpyyki 'não pego'
pepyyk 'vocês pegam', nãpepyyki 'vocês não pegam'

Já anotamos (cf. 2.2.0.2.) que os nomes derivados de raízes verbais seguem o processo de negação nominal. O mesmo sucede com o Gerúndio (cf. 2.2.0.5.), que perde o sufixo -a ou -wo final acrescentando -ehyma.

Ex.: ãxão wexepymĩwo 'banho e mergulho'
ãxão wexepymĩehyma 'banho mas não mergulho'

Na tabela 2.10 (ver pág. 44), oferecemos um quadro sinóptico dos vários processos de negação.

2.3 RELACIONADORES

2.3.0 Considerações Gerais

Dissemos que as línguas tupi podem ser descritas morfologicamente como um inventário de raízes, de prefixo e sufixos que se lhes ligam e de outras formas que as relacionam na frase e no texto ou exprimem

2.10 TABELA

Processos de Negação

n(ã)- -l	-ehyma
Verbalização de substantivo	Identificação
nāxeywyrāpani 'não tenho arco'	ywyrāpanehyma 'não é arco'
niywyrāpani 'não tem arco'	
Verbalização de adjetivo	Gerúndio de adjetivo verba- lizado: -ehymamō
nāxekȳweri 'não estou magro'	āxa wetyhānehymamō 'chego e não tenho fome'
nikȳweri 'não está(-ão) magro(s)'	
Indicativo I transitivo	Gerúndio de verbo
nerepyyki 'você não pega'	erexa iexākehyma 'você vem e não vê'
nāpepyyki 'vocês não pegam'	
Indicativo I Intransitivo	Nominalizador -āwa
nerekeri 'você não dorme'	āqaā nemaheāwehyma 'sei que não te ensina(m)'
nāpekeri 'vocês não dormem'	
	Nominalizador emi-
	neremihoehyma 'não é tua comida'

NB.: O Gerúndio de adjetivo verbalizado, como o Gerúndio normal de verbos, encontra-se do lado de -ehyma, mas necessita, além disso do relacionador -amō, apresentando, pois a forma -ehymamō

circunstâncias (cf. 2.0.1.). A estas formas queremos chamar “relacionadores”. Tentamos encontrar ou construir uma classificação adequada aos relacionadores que conseguimos listar. Assim, apresentamos, primeiro, os que relacionam o relato com os objetos em questão (“demonstrativos”). Depois os que informam sobre as quantidades (“quantificadores”) e as circunstâncias (“circunstanciais”). Consideramos, em seguida, os que nos parecem modificar o sentido de formas básicas lexicais ou frásicas (“modificadores”). Tratamos, por fim, os que exprimem as relações entre os falantes, os seus desejos, os seus sentimentos (“atuantes”). É necessário advertir que, apesar da classificação aqui encontrada, muitas formas desempenham múltiplas funções.

2.3.1 Demonstrativos

2.3.1.1 Sistema Fundamental

O sistema fundamental dos demonstrativos está resumido na tabela 2.11, que os apresenta segundo o tipo e a posição do objeto e a distância em relação ao falante. Note-se que ‘ser vivo’ segue o mesmo sistema de ‘objeto longo’. Assim um homem ou uma faca deitados ou em ação (i. é o homem andando

2.11 TABELA

Quadro de Demonstrativos

Forma do Objeto	Posição do Objeto	Distância do Falante	
		Perto	Longe
Longo não longo	de pé [deitado, tombado	hã, (ka)agã	(e)pe(gã)
longo não longo	sentado, [encostado levantado	hỹ, (ka)ygã	(e)wi(gã)
longo não longo	[deitado ou em ação suspensão	ka, (ka)kagã	(e)qe(gã)

e a faca sendo empunhada) serão mostrados com eqe, o homem sentado ou a faca encostada na parede com ewi e o homem de pé ou a faca, p. ex., enfiada no chão com epe. Um objeto que consista essencialmente de uma superfície plana, como camisa, retrato, será, em qualquer posição, mostrado com epe.

Quanto à composição dos demonstrativos lembre-se a terceira pessoa do pronome pessoal: singular ãhegã, plural ãhegỹ. Embora *gã não surja só, gỹ é utilizado para referir ‘pessoas’, de preferência os próprios tapirapé. Assim, estas formas, com singular -gã e plural -gỹ, parecem ser utilizadas preferencialmente em função pronominal. Sobre as formas para ‘perto’, suspeitamos que elas estão ligadas a outros relacionadores de tempo ou de lugar, que nos parecem de difícil diferenciação e a que voltaremos mais tarde: hã, hỹ, ka. As formas de proximidade com ka- (kaagã, kaygã, kakagã) parecem ser usadas para sugerir ainda maior proximidade, algo que está bem junto ou com a pessoa. A forma que está ao alcance imediato do falante, indiferentemente de forma ou posição. Sobre as formas para ‘longe’ resta dizer que o e- (colocação entre parênteses na tabela) indica que formas como pe, pegã são tão possíveis como epepegã. Mas as últimas parecem ser mais usadas.

Para exemplificar o exposto, imaginemos uma situação, No chão estão uma cuia e um cesto. Alguém diz para outro: *kagā emot xewe* ‘me dá isso’. O outro, apontando para a cuia: *agā tahē?* ‘esta (deitada)?’ Responde o primeiro, apontando para o cesto: *yni, ewigā* ‘não, esse (levantado)’. Ou, inversamente: (o outro aponta para o cesto) *ygā tahē* ‘este (levantado)?’ *Yni, epegā* ‘não, essa (deitada)’.

2.3.1.2 *Demonstrativos enfáticos*

Além do sistema fundamental existem ainda *migā* (-gŷ), *ixe*, *xewe*, que exprimem ênfase sobre determinado objeto. Alguém pede uma cuia. Outro, perante várias, perguntas: *migā tahē?* ‘qual (dentre todas)?’ A resposta, apontando para uma delas, será: *migā*. Talvez esteja este demonstrativo ligado ao relacionador *mī*, que permanece, para nós, de difícil compreensão.

Os demonstrativos *ixe*, *xowe* são utilizados no sentido de ‘só’, ‘mesmo’, como estas formas costumam ser usadas em português, p. ex., com pronomes pessoais: *ie ixē* ‘sou só eu’, *ie xowe* ‘sou eu mesmo’ (cf. 2.3.3.3.).

2.3.1.3 *Indefinidos*

Aludamos, por fim, aos “indefinidos” (cf. Barbosa 1956: 251 ss.) *amō*, *amō ranō*, *amō tee* (*ranō*). O primeiro, *amō*, serve para referir ‘um (qualquer)’ ou ‘um pouco de’ (cf. 2.3.2.): *wī amō ipyypatani* ‘lá está um que vai querer comprar’. O seguinte, *amō ranō*, significa ‘outro (igual)’ ou ‘mais um’: *erereka patan amō ranō?* ‘quer mais um, quer outro?’ O terceiro, *amō tee* (*ranō*), quer dizer ‘outro diferente’: – *Xywāparehi ātywaāwa pahē?* ‘aquele é o amigo de *Xywāparehi*?’ – *Yni, amō tee* (*rano*) ‘não, é outro’.

2.3.2 *Quantificadores*

O sistema de quantificadores é reduzido, se tivermos em conta os poucos números que pode exprimir e as poucas quantidades globais que pode diferenciar. Mas apresenta certa complexidade quanto aos tipos de palavras, processos utilizados e implicações semânticas (cf. tb. 2.3.4.1.).

2.3.2.1 *Numerais*

Os numerais estão claramente ligados ao sistema de contagem, a qual pode ser ajudada pelos dedos. Partindo do mínimo e seguindo até ao polegar da mesma mão: *āxepe*, *mokōj*, *maāpyt*, *xairō*, *ygāniirōj*. Os dois últimos vão se repetindo, juntando a outra mão e começando pelo polegar. *Xairō* e *ygāniirōj* significam ‘com companheiro’ e ‘sem companheiro’. Chegando ao mínimo da segunda mão, atinge-se *maxam* ‘as mãos completas, dez’. Continuando a contagem com os pés, chega-se a *myxam* ‘os pés completos, vinte’. Mas, também logo depois de *xairō* ‘quatro’, é possível e mais usual dizer imediatamente *wetepe* ‘muitos’. Podem, ainda, ser utilizados os numerais do português, que, aliás, para dinheiro e mercadorias são utilizados exclusivamente.

Além dos numerais, temos também relacionadores que, não contando, implicam número: *āxepepe* ‘sozinho’, *āxepexepe* ‘um a um’, *memē* ‘os dois juntos’. Pode-se dar alguns exemplos:

āxepepe ereka tahē? ‘você está sozinho?’

axepexepe itori ‘vem um a um’

pea memē tahē ‘vão vocês dois juntos?’

2.3.2.2 *Quantificadores Globais*

As formas que indicam quantidade sem especificar número, queremos chamar quantificadores globais. Podem indicar quantidades relativas de substâncias, de grupos ou de ações. Damos uma lista com exemplos.

(a)mõ ‘um pouco de’: hy mō xewe ‘dá-me um pouco de água’
 āwhihi ‘pouco’: āwhihi xe ārot ‘trago só um pouquinho’
 āxepexe ‘mais’: āxepexe emot xewe ‘dá-me mais’
 ikorera ‘o resto’: ikarera amot xewe ‘ele dá-me o resto’
 ete ‘muito’: eātā ete ‘caminha muito’
 niwāxāḡ ‘muito’: Xākoi niwāxāḡ imaanāta ‘Xākoi dança muito’
 hyga ‘muito’: ipirā higa hyopāḡpe ‘tem muito peixe no lago’

2.3.2.3. Quantificadores Alógenos

Tratando os demonstrativos demos a entende que eles apresentam implicações que fogem ainda à nossa apreensão. Uma dessas implicações é a de número: um, dois, mais de dois. Esta função de indicador de número, desempenham-na algumas formas básicas dos demonstrativos juntamente com três formas verbais (cf. tabela 2.12.). O que nos parece seguro, são as dimensões do número e da proximidade, mas achamos o quadro estranho e, talvez por isso, sentimos que nos escapam outras dimensões ou outras implicações. Porque, originalmente, nem as formas verbais nem as demonstrativas nos parecem ter relação com a dimensão de número, chamamo-las alógenas. Apresentamos alguns exemplos:

- Hḡḡ xipa? ‘será um? (não vejo)’
- Mī aāta aawo ‘são dois que vêm caminhando (vejo aqui perto)’
- apiritewo rāqee ikowi axāoka ‘eram dois banhando nus (não vi)’
- apiritewo rāqee ixāoki aqāpa ‘eram mais de dois banhando nus (não vi)’

2.12 TABELA

Quantificadores alógenos

Número	Quantificadores verbais: sem contato visual			Quantificadores demonstrativos com contato visual	
	Ind. 1	Ind. 2	Gerúndio	Perto	Longe
1	hḡḡ	ityni	hyna	hḡ	wī
2	akop	ikowi	akopa	mī	wī
Mais de 2	aqāp	iqāwi	aqāpa	hā	(e)pe, (e)qe

Nos dois últimos exemplos a noção de não ver é reforçada por rāqee (cf. 2.3.3.1.2.). As formas verbais parecem ter relação com hḡḡ ‘estar sentado, ficar (sozinho)’, xop ‘estar deitado’, āpa ‘fazer’ ou *qāpa ‘estar juntos(?)’ (cf. pexeqāpa ‘vocês juntos uns com os outros’), o que nos aproximaria da dimensão de “posição”, já encontrada atrás (cf. tabela 2.11, 2.3.1.1.). Mas, neste momento, o que apresentamos aqui não passa de suposições e hipóteses de trabalho.

2.3.2.4 Reduplicação

Não nos foi possível pesquisar exaustivamente o fenômeno da reduplicação. Assim, não podemos comparar o seu papel na língua tapirapé com o que ela tem, por exemplo, no tupi antigo (cf. Barbosa 1956: 319). Mas parece-nos acertado dizer que as funções da reduplicação em tapirapé de modo nenhum alcançam a variedade apresentada, por exemplo, no mundurukú.

A reduplicação parece ter normalmente uma função quantificadora, aumentando alguma coisa em relação à forma básica, mas, aparte casos lexicalizados, não nos parece possível prever o que ela vai aumentar. Assim, podemos aduzir o caso lexicalizado de *ãxepexepe* (cf. 2.3.2.1.), onde o aumento consiste no “acontecer consecutivo” da base ‘um’: ‘um a um’. Mas em casos como *apyypyk* ou *apãpãpãpyg* é difícil dizer por que razão o primeiro equivale a um plural ‘muitos estão pegando’, embora o segundo intensifique o significado base ‘tremor’ para ‘ele está tremendo muito’. Intensificação, porém, parece ser uma das funções mais importantes da reduplicação. Damos alguns exemplos ‘adverbiais’ (cf. 2.3.3.3.):

xagãtogãtope *peraã ixowi* ‘tiram-lhe bem às claras’
etehomat tanetaneme ‘trabalha muito depressa’
axeheg ãyã ‘fala muito bravo’

Alguns ‘adverbiais’ parecem ter até reduplicação intrínseca: *tyryryp* ‘firme’, *ãroãro* ‘bonito’.

2.3.3 Circunstanciais

Entendemos por relacionadores circunstanciais os que situam o relato ou o relatado no tempo e no espaço ou sugerem modalidades, chamando-os, segundo a sua função, de temporais, locativos, modais. Entre todos eles encontramos formas que surgem apenas postostas a outras formas e, por isso, chamamo-las de posposicionais.

2.3.3.1 Tempo

Para exprimir circunstâncias de tempo há uma multidão de formas, para as quais não descobrimos ainda todos os matizes conotados. Dividimos estes relacionadores em temporais e temporo-presenciais. Lembre-se que as formas verbais não dão informação temporal.

2.3.3.1.1 Temporais

À parte algumas formas não analisáveis, o sistema de temporais pode ser descrito morfológicamente como a combinação de cerca de quinze formas: *ã*, *ãhe*, *ãõ/ãw*, (*-[y^a]*)*py*, *hi*, *hỹ*, *-(i)re*, [*l*]*xe*, *-(i)we*, *ka*, *-kaj*, *-ne*, *-pe*, *qã*, *qe*, (*r[^a]*)*mõ*. No entanto, feita a análise deste modo, os elementos apresentam-se quase desprovidos de significado. Por isso vamos tentar apresentar grupos semânticos.

Encontramos um grupo de três expressões que servem para situar o relatado, de um modo geral, no passado recente — *ãkaj* —, no passado remoto — *qãkaj* —, ou num passado muito remoto — *ãkaj qãkaj* —:

weraã ãkaj mahe konomi ‘um menino levou agora mesmo’
qãkaj araxari ywyeteropi ‘naquele dia (remoto) voltamos por terra firme’
ãkaj qãkaj araweraã ‘naquele dia (muito remoto) nós levamos’

Para ligar as partes do relato entre si, surgem, continuamente, formas com base em *ãhe* ‘então’: *ãhepe* ‘daí, aí’, *ãhera*, *ãheramõ* ‘por isso’, *ãherẽ* ‘depois’. Estas formas indicam, pois, além da seqüência temporal, também relações de conseqüência. A forma *ãheramõ* usada numa pergunta pode ainda ganhar o sentido de pergunta retórica cuja resposta seria ‘não’: *nehi ãheramõ?* ‘então essa é tua farinha? (eu bem sei que não)’. *ãhe* pode também surgir com outros relacionadores, entre eles os temporo-presenciais (cf. 2.3.3.2.).

No sentido de ‘agora, hoje’, talvez com a conotação de ‘aqui’, surgem-nos *hỹ*, *ka* e seus derivados *hỹrẽ*, *hỹrẽ hỹ*, *karẽ*.

A forma *-(i)rẽ* é um posposicional que, tendo, aparentemente, o significado básico ‘depois’, pode também modificar o sentido da frase em que surge, dando-lhe o matiz de condição temporal: ‘quando’. Exemplifiquemos: *ããpapawirẽ*, *erea* ‘quando eu tiver feito tudo, você vai (cf. 2.3.4.2.2.).

Uma posposição -ne, com a característica sintática especial de só aparecer em fim de frase, dá a esta um sentido de futuro: kape āā āxeiwene 'irei à roça amanhã'.

Outras formas livres dão-nos informações de tempo mais especializadas:

([a])py 'primeiro, antes': exat apy 'vem aqui primeiro'
 aāpa py 'ele faz primeiro'
 āxāok ypy 'eu banho primeiro'
 āpyhā 'já': āpyhā āxāok 'banho já'
 eqe, q- 'imediatamente': eqe āxāok, qāxāok 'banho imediatamente'
 ekoe 'depois': ekoe āxāok 'banho depois'
 ([ā])we 'ainda': āwe āxāok, āxāok iwe 'ainda estou banhando'
 kaxe 'pela última vez': kaxe āxāok 'banho pela última vez'
 āōxe 'basta': āōxe wexāoka 'basta de banhar' (exige gerúndio, senão
 significa 'aqui mesmo', cf. 2.3.3.1., 2.3.5.3.2.)
 taneme 'logo, depressa': exat taneme! 'volta logo'
 mī [+ afirmativa 'sempre': āxajha mī wekawo 'choro sempre'
 [- negativa 'nunca': nāxajhaj mī wekawo 'nunca choro'

Como um outro grupo de relacionadores pode se referir tempos em relação a 'hoje' h̄y:

ymy 'faz tempo': ymy ia 'faz tempo que ele foi'
 āxehi qeere 'anteontem': āxehi qeere ia 'ele foi anteontem'
 āxehi 'ontem': āxehi rāka ia 'ele foi ontem'
 āxeiwe 'amanhã': āxeiwe ia ne 'ele vai amanhã'
 āxehiwe qeere 'depois de amanhã': āxeiwe qeere ia ne 'ele vai depois
 de amanhã'

Apresentamos, sob forma de lista, os temporais que dividem o decurso do dia. Os que dividem o decurso do ano estão esquematizados na tabela 2.13, em seguida. Note-se que a diferença entre 'passado' e 'próximo' tem de ser feita no discurso através de outras expressões temporais.

2.13 TABELA

Decurso do Ano

Partes do ano	Passado	Corrente	Próximo
āra 'sol, ano, época seca' (port. regional: verão geograficamente: inverno)	amō qārare	agā qārare	amō qāripe amō qārare
xāy 'lua, mēs'	amō xāyre	agā xāyre	amō xāyre
amyna 'chuva, época das chuvas' (port. regional: inverno; geograficamente: verão)	amō amynare amō xewyreripe	agā amynare agā xewyripe	amō xewyrare amō xewyripe

Listas dos Temporais para o Decurso do Dia

ārimō 'de dia' (cf. āra 'sol, dia, ano')
 arārāy xawamō 'nascer do sol'

ym̄yhiwe ‘de manhã’
 qāpyteripe ‘ao meio dia’
 kaanok amō ‘de tarde’
 arārāy aket aawo ‘pôr do sol’
 kahemamō ‘de madrugada’
 ppytonimō ‘de noite’ (cf. ypytona ‘noite’)

2.3.3.1.2 *Temporo-presenciais*

Os relacionadores temporo-presenciais, além de suprirem, juntamente com os temporais, a “falta” de “tempos pretéritos” nos verbos, dão ainda informação adicional.

O sistema de relacionadores que vamos esquematizar desempenha, na realidade, duas funções: 1) situa o relatado no tempo relativo ao momento do relato, 2) informa se o relator presenciou o relato. Na tabela 2.14 torna-se patente o que queremos dizer com isto. Nessa tabela as seis expressões estão distribuídas num espaço de dois eixos: 1) grau de passado, que pode ser imediato, próximo ou remoto; 2) presença ou não do relator.

2.14 TABELA

Relacionadores Temporo-Presenciais

TEMPO	PRESENÇA	
	Presenciado	Não Presenciado
Passado imediato	<i>rāka</i> aa rāka ‘ele foi, eu vi’	<i>rāhē</i> aa rahē ‘ele foi, não vi’
Passado próximo	<i>qee</i> axokā qee ‘ele matou, eu vi’	<i>rāqee</i> axokā rāqee ‘ele matou, eu não vi’
Passado remoto	<i>karamee / karāe</i> Tāpihitājpe py karāe araka ‘antigamente mo- rávamos em Tāpihitāwa, eu vi’	<i>rākahē</i> hyawāj rākahē ia hopa ‘foi ficar do outro lado da água, eu não vi’

Este sistema é completado pelos relacionadores tana e rōhō. O primeiro, tana, indica certeza sobre o relatado e suas circunstâncias. O segundo, rōhō, no caso de o relator ter estado presente, indica a incerteza quanto às circunstâncias; se o relator não estava presente, pode indicar incerteza sobre as circunstâncias ou mesmo dúvida quanto ao fato.

Ex.: aa rōhō rāka ‘ele foi, eu vi, mas não sei onde nem fazer o quê’
 aa tana rāka ‘ele foi, eu vi e conheço as circunstâncias’
 aa rōhō rāhē ‘ele foi, não vi e nem conheço as circunstâncias ou
 não tenho a certeza se ele foi’
 aa tana rāhē ‘ele foi, não vi, mas tenho a certeza’

Existe ainda o relacionador *ke*, que pode se combinar com *rõhõ*, parecendo aumentar o grau de incerteza, mas a sua função não pôde ainda ser completamente esclarecida. Como “grau de certeza” é subjetivo e pode mudar de um momento para o outro, observa-se que no mesmo texto o relator, por vezes, oscila entre expressões gradualmente diferentes. Isto dificulta a determinação do significado.

2.3.3.2 Lugar

Os dados recolhidos parecem aconselhar uma classificação morfológica em ‘adverbiais’, ‘posposicionais’, ‘nominais’. Adverbiais queremos chamar as formas livres, que ocorrem independentes de todas as outras. Posposicionais serão as formas que surgem apenas sufixadas a outras. Nominiais chamamos as formas que aceitam prefixos nominais.

2.3.3.2.1 Locativos Adverbiais

Já a propósito dos demonstrativos (cf. 2.3.1.1.) referimos as implicações destes com a indicação de lugar e posição. Observando exemplos cuja tradução para o português seria algo como ‘aqui é, aqui está’, mas se fortalece a impressão de que o sistema fundamental dos demonstrativos e o dos locativos adverbiais são indissociáveis. Isto não deveria admirar, pois o mesmo se passa no português com ‘aqui, aí, ali / este, esse, aquele’. No caso do tapirapé entram, então, além disso, noções de posição e, talvez, outras mais. Vejamos exemplos:

hã xeka ‘aqui é a minha roça’
hỹ xeretyma ‘aqui é a minha casa’
ka xeyãra ‘aqui está a minha canoa’
hỹ xexokyra ‘aqui está o meu sal (no saco)’
hã xexokyra ‘aqui está o meu sal (na bacia)’

Sobretudo os dois últimos exemplos mostram o valor da noção de posição. Também as formas para ‘longe’ ocorrem normalmente, mas nem sempre, com significado claro para nós:

ereke epewo akawo ãwyrípe ‘está lá longe na casa’

A dificuldade na interpretação dos dados torna-se clara se apresentarmos os seguintes exemplos:

hã itowi ‘aqui tem’ (peixe na água, plantação na terra)
hỹ itori ‘chega hoje’
ka itori ‘já vem (eu vejo ele vir)’
qe itori ‘está vindo (eu não vejo ele vir)’

As combinações destes adverbiais entre si e com outros relacionadores são comuns. Por vezes, imprevisivelmente, uma expressão parece ter apenas sentido temporal: *hỹ eqe ããpa* ‘vou fazer agora’.

Resumimos: 1) para ‘aqui’ surgem *hã*, *hỹ*, *ka* (implicações de deixis, proximidade, forma, tempo(?), número(?)); 2) para ‘lá’ surgem (e)*pe*, (e)*qe* (implicações do mesmo tipo(?)).

No sentido de ‘aqui perto’ ocorre ainda uma forma composta (h)*ãwo(xe)*, ou por vezes *ãõxe* ‘aqui mesmo’, e, correspondentemente, (e)*pewo(xe)* para ‘lá longe’: *ãõxe ãã* ‘vou perto, aqui mesmo junto’, *epewoxe ãã* ‘vou longe’.

Outros adverbiais são *mõ*, ‘longe’ e *ywãwo* ‘para cima, em direção ao céu’ (cf. *mamõ*, 2.3.4.2., *ywãka* ‘céu’).

2.3.3.2.2 Locativos Posposicionais

Sob esta rubrica tratamos apenas duas formas monossilábicas: -ne, -pe. Ocorrem pospostas a nomes, -pe surge ainda posposta a outros relacionadores (cf. 2.3.3.2.3.). Aparentemente ambas se podem traduzir por 'em', mas -ne significa 'no exterior de', -pe 'no interior de': anāwe xereqāwane / -pe 'está uma barata por fora / dentro de minha rede'. A partícula -pe pode ainda significar 'em (movimento), para': kape ia 'ele foi á (: para a) roça).

2.3.3.2.3 Locativos Nominais

As dezoito formas que aqui apresentamos são todas polissilábicas. Algumas parecem simples (p. ex. -(r)ee, -awāḥ, -kāty), outras são claramente compostas (p. ex. -hārimō, -wyrimō, -paywyrī), mas nem sempre é clara a origem dessas composições. Através da indicação -(r)-, nota-se que, no caso destas formas, teria sido possível indicar classe I ou II, como no caso dos nomes (cf. 2.1.0.8.).

Das partículas aqui apresentadas, duas -awāḥ e -(r)owāpe, não satisfazem a condição de combinação com prefixo pronominal, mas consideramos esse fato mais um "acidente semântico" do que uma restrição gramatical: -awāḥ refere-se ao outro lado de uma vasta superfície (lago, aldeia), -(r)owāpe refere-se à profundidade física, p. ex. de um poço, não se coadunando nenhum destes significado com as características de seres vivos, os únicos pronominalizáveis. Por isso, mesmo assim, as listamos aqui.

Repare-se que, até no português, algumas das expressões usadas para traduzir as partículas da lista que se segue, têm caráter nominal: 'a minha frente', 'o seu rumo', 'o fundo de'.

Lista, com exemplos, de locativos nominais

- āpyra 'no fim de': awyraāpyra aka 'está no fim da casa'
xeāpyra enog 'faz no fim de mim (= minha roça)'
awāḥ 'do outro lado de': hyawāḥpe ika 'ele está no outro lado do rio'
(r)awāke 'em frente de': xerawāke rāka ixehēgi 'ele falou na minha frente'
(r)awāxī 'contra, em direção a': xerawāxī rāka xawāroo itori 'a onça veio na
minha direção'
(r)ee 'em': erekorok ewi xeree 'não faça xixi em cima de mim'
(r)enone 'em frente de': nerenone ia 'ele vai na tua frente'
(r)ewiri 'atrás de': eāta xerewiri 'caminha atrás de mim'
hārimō 'por cima de': emahemi ehārimō 'olha por cima de você'
kāty 'do, para o lado de': qe ia nekāty 'ele vai no rumo de você' (fonologicamente funciona como kāto, cf. tabela 1.9)
(r)opi, 'por, através de, sobre': neropi aāta 'ele caminha sobre você'
mḡropi iywō? 'onde a flecha atravessou ele?'
(r)owāpe 'no fundo de': hy xehērowāpe āhan 'caio no fundo do poço'
(r)owāwyrā 'encoberto debaixo de': xerowāwyrā itowi 'fica encoberto debaixo de mim'
paywyrī 'deitado ao lado de': wexeqāwa āxī nepaywyrī 'vou amarrar minha rede ao lado de você'
pype 'dentro de': yropype qe ika ohi 'a farinha está dentro do cesto'
xepype itori 'ele vem (na canoa etc.) comigo dentro'
pyri 'junto de': ekahī xepyri 'fica junto de mim'
wyrimō 'em, por baixo de': xewyrimō eka 'fica em baixo de mim'
wyripe 'para baixo de': xewyripe itowi 'está para baixo de mim'
ypype 'perto de': xeypype eāpyk 'senta perto de mim'

2.3.3.3 Modalidade

É deliberadamente que usamos o termo “modalidade” e não modo. Queremos assim, dar a idéia de uma só terceira dimensão circunstancial além do tempo e do lugar. Essa dimensão engloba, pois, tudo que não nos parece ser tempo nem lugar.

Esta rubrica está subdividida em “adverbiais”, “adjetivos”, “posposicionais”. Os primeiros são os que apresentam formas livres com comportamento semelhante aos nossos advérbios. Os “adjetivos” são as “raízes adjetivas” (cf. 2.1.5.) usadas, na sua forma radical, de modo semelhante ao dos nossos advérbios em -mente. Os “posposicionais” são todas as formas que ocorrem sufixadas com função semelhante às nossas preposições.

2.3.3.3.1 Adverbiais

Encontramos cerca de dez formas que classificamos como adverbiais. Relativamente simples são as formas *nyn* e *ke* (ou *keke*), significando ‘assim’ e ‘talvez’: *nyn eãpa!* ‘faz assim!’; *xawãroo ke pewo axeheg* ‘talvez seja onça que ronca lá’. Compare, porém, o uso de *ke* em construções imperativas (cf. 2.3.5.3.1.).

A forma (r)*amõ* ocorre, depois do nome a que se refere, no sentido de ‘como, na qualidade de, sob o nome de’. A forma em -r- ocorre depois de nome oxítono. Dois exemplos bem claros surgem no fim de *Koreweka* (cf. 3.2.4.1.).

De mais difícil compreensão, por surgirem em muitos contextos e juntos com outros relacionadores muito diversos, temos as formas *ixe* ‘sem mais intenções, só, fazer por fazer’ e *ranõ* ‘de novo, também, então’ (cf. 2.3.2.1.):

ãxãok ixē ‘estou mesmo só banhando, banho por banhar’
(ouvindo barulho e vendo alguém chegar) *ane ixē!* ‘ah, era só você!’
paea ranõ?! (cf. 2.3.5.1.) ‘você está indo de novo?!’
ka ãno wekãwo ranõ ‘também fico ouvindo isto’

Ocorrem ainda dois pares de advérbios antônimos e que não parecem ter grande complexidade:

mawej ‘devagar’: *mawej exeheg!* ‘fala devagar!’
taneme ‘depressa’: *atehomat taneme* ‘ele trabalha depressa’
xagãtope ‘abertamente, às claras’ (*xagãto* ‘lugar limpo, aberto’): *xagãto*
peraã ixowi ‘levem dele abertamente’
xemim ‘às escondidas’ (vb. ‘esconder’): *eraã xemim ixowi* ‘leva dele às escondidas’

Complexo na sua composição, mas de uso fácil, temos *aõxeãiweixe* ‘sem parar’: *aõxeãiweixe rãka ãã* ‘fui sem parar’, *aõxeãiweixe ãtehomat* ‘trabalho sem parar’.

De difícil compreensão e, aparentemente, caíndo em desuso, pois os jovens já não o dominam completamente, ocorre *tekawioxe*, cuja tradução mais indicada nos parece ser ‘desvirtuadamente’. Sempre que é usado, ele se refere a desvirtuar ou quebrar uma intenção lúdica coletiva ou uma qualquer intenção pessoal. Só pode ser dito de terceiros, não de si mesmo ou do interlocutor:

tekawioxe itehomari ‘desvirtuadamente ele está trabalhando (já que hoje é dia de festa)’
tekawioxe xawãroo ixokã rahē ‘desvirtuadamente ele matou a onça (já que não ia com a intenção de caçar)’

O primeiro uso lembra a nossa instituição do ‘desmancha-prazeres’, o segundo lembra os nossos ‘gratuitamente, por acaso’.

2.3.3.3.2 Adjetivos

Pudemos verificar que muitas raízes adjetivas podem se usadas adverbialmente, mas não todas. Não foi possível, porém, fazer um estudo exaustivo sobre quais admitem esse uso. Apresentamos, pois, apenas uma pequena seleção, com exemplos:

āip, ‘mal, ruim, feio’: aporāḗ āip ‘ele dança mal’
 āty ‘com força, duro’: axeheg āty ‘ele fala alto’
 āy ‘bravo zangado’: axeheg āy ‘ele fala bravo’
 panē ‘em vão’: ereāpapam panē, qī ‘você fez tudo em vão, rapaz’
 piri ‘ligeiro’: eāta piri ‘vai ligeirinho’
 tyryryp ‘firme’: epyy tyryryp ‘segura firme’

2.3.3.3.3 Posposicionais

Ocorrem seis posposicionais: dois, -ne e -pe, não admitem prefixo pronominal, os restantes admitem-no.

O posposicional -ne é usado com nomes no sentido de ‘em companhia de’: āwāne tā pea? ‘com quem você vai?’; Xārione araa ātāāramō ‘vou caçar com Xārio’. Repare-se que o verbo fica no plural, talvez como nós também poderíamos dizer: vão você e quem mais? Xārio e eu vamos caçar.

O posposicional -pe tem função de instrumental: yārape ia ‘ele vai de canoa’; yāpepape inopý ‘ele bate com o remo’.

O posposicional -rewe ‘depois de ’ vem muitas vezes acompanhado de ixē: xerewe ixē exemamat ‘pula depois de mim’; xawārarewe emamat ‘joga depois do “onça” (posição de jogador de peteca)’.

Os três posposicionais que nos restam queremos tratá-los juntos: -(r)e(e), -we, -wi. Com exceção de -we, que parece ter o sentido geral de ‘para alguém’, não é possível dizer o que significam ‘em geral’, pois parecem estar muito ligados a verbos (regências), mudando, assim, o seu sentido com o sentido do verbo. Damos exemplos em que o verbo pode reger os três, originando, com cada um, sentido diferentes:

āxeheg newe ‘vou falar (contar) para você’
 āxeheg newi ‘falo de você’
 āxeheg neree ‘falo com você (não estou zangado)’
 nāxehegoo neree ‘não falo com você (estou zangado)’

Na tabela 2.15 apresentamos as formas sob que surgem estes três posposicionais, quando ligados aos prefixos possessivos e reflexivos. Eles, porém, ocorrem igualmente com nomes:

2.15 TABELA

Posposicionais -(r)e(e), -we, -wi em combinação com prefixos possessivos e reflexivos

Posposição	Pessoa	Prefixo Possessivos	Prefixos Reflexivos
-(r)e(e)	1 ^a s.	xeree	wetee /wexee
	2 ^a s.	neree	exee
	1 ^a p.i.	xaneree	xerexee
	1 ^a p.e.	areree	araxee
	2 ^a p.	penee	pexexee
	3 ^a c.	ee	axee

Tabela 2.15 (con.)

Posposição	Pessoa	Prefixos Possessivos	Prefixos reflexivos
-we	1 ^a s.	xewe /xeope	wexewe /wexeo
	2 ^a x.	newe /neope	exewe /exeope
	1 ^a p.i.	xanewe /xaneope	xerexewe / xerexeope
	1 ^a p.e.	arewe /areope	araxewe /araxeope
	2 ^a p.	penope	pexexewe / pexeo
	3 ^a c.	ixope	axewe / axeope
-wi	1 ^a x.	xewi	wexewi
	2 ^a s.	newi	exewi
	1 ^a p.i.	xanewi	xerexewi
	1 ^a p.e.	arewi	araxewi
	2 ^a p.	penowi	pexexewi
	2 ^a c.	ixowi	axewi

kape manihakare ãa 'vou na roça por mandioca (pegar)'
 ohi apykoj wowiwe 'ele torra farinha para o pai dele'
 ãwa aãpa newi 'quem faz para você?'
 ãkyyxewi newi 'tenho medo de você'

A acentuação dos posposicionais merece uma anotação: à exceção de -rewe e das formas de -(r)e(e), que ocorrem com prefixos pronominais, todos são átonos; as exceções mencionadas são oxítonas.

Repare-se, quanto à tabela 2.15 que também seria possível formar recíprocos do lado dos reflexivos, introduzindo o prefixo medial -xa- (cf. 2.2.3.4.) entre prefixo nominal e posposição, apenas, naturalmente, nas formas de plural: araxaxee, pexexaxee, axaxee, etc.

2.3.4 Modificadores

Parece-nos adequado falar de modificadores lexicais, os que atuam no nível da palavra, e de modificadores frásicos, os que atuam ao nível de partes da frase, da frase ou da oração. Como a composição de palavras ainda não foi estudada, apresentamos como modificadores lexicais apenas os gradativos -(h)i, -(o)o. Nos frásicos apresentamos os interrogativos e os condicionais.

2.3.4.1 Modificadores Lexicais Gradativos

Os gradativos -(h)i, -(o)o ocorrem com todos os tipos de palavras: nomes, verbos, relacionadores. Com nomes podem exprimir tamanho -(h)i 'pequeno', -(o)o 'grande' ou afeto (quer um quer outro positivo ou negativo). Com verbos e relacionadores indicam intensidade -(h)i 'pouco', -(o)o 'muito'.

2.3.4.1.1 O Gradativo -(h)i

Surge como -hi quando se liga a raiz vocálica, como -i nos outros casos. Indica:

tamanho (quantidade): kawĩhi ããpa 'faço cauim pequeno (pouco)'
 grupo etário: koxãmokohi axãok 'a mocinha está banhando'
 carinho: ka nepahyri 'toma tua(s) continha(s)'
 iarõarõhi 'ele bonitinho'
 (pode ser reduplicado: xememyrihi 'meu filhinho')
 intensidade: com verbo: apyyki 'pegou pouco'
 com relacionador: mawejhi 'devagarinho'

2.3.4.1.2 O Gradativo *-(o)o*

Surge como *-o* quando ligado a raiz vocálica, como *-oo* nos outros casos. Pode indicar:

tamanho: tokonareo mō āxoka rāka ‘matei um tucunarezão’
xingamento: nenamio ‘você orelha grande’
admiração: mahe pityga tã pa ahan? konomio ‘foi menino ou menina? um menino’
Intensidade: com verbo: apyykoo ipirā ‘pegou muito peixe’
com relacionador: ynio ‘não mesmo’

2.3.4.1.3 Oposição entre *-(h)i* e *-(o)o*

Estes gradativos podem ser utilizados para, dentro da mesma espécie, distinguir tipos grandes e tipos pequenos: wyrā ‘ave’, wyrāhi ‘passarinho’, wyrāo ‘jaburú’. Por vezes distinguem-se apenas dois tipos: xawāroo ‘jaguar, onça’, xawāra ‘cachorro’. Acontece também que a forma base e o gradativo se referem a animais de espécie diferente: xano ‘aranha’, xanoo ‘ema’.

2.3.4.2 Modificadores Frásicos

Ao contrário de outras línguas, o tapirapé não tem verdadeiros “pronomes interrogativos”, mas sim partículas que, ligadas a parte da frase, à frase ou à oração, as podem tornar, respectivamente, interrogativas. Isto leva a considerar os relacionadores interrogativos dentro da rubrica “modificadores frásicos”.

A partícula *ne*, de futuro, que pode apenas ocorrer em fim de oração (cf. 2.3.3.1.), poderia, por esta razão, ter sido incluída aqui, mas ela parece não transformar a oração e sim dar apenas alguma informação temporal. A ocorrência exclusiva em fim de oração pode, portanto, ser considerada mera restrição sintáctica.

As outras formas que identificamos e classificamos como modificadores frásicos têm todas um sentido condicional.

2.3.4.2.1 Interrogativos

Na realidade existem apenas cerca de quatro partículas interrogativas com algumas variantes. Acrescentadas, segundo algumas regras sintáticas, a frase afirmativas, transformam-nas em interrogativas.

A partícula *pa* surge em fórmulas de saudação e, segundo alguns informantes, em perguntas a pessoas a quem se deve respeito. Outros informantes dizem que são os velhos só que falam assim. Ela terá, portanto, uma certa função ritualizada, que se mantém ainda forte nas fórmulas de saudação. Exemplos: *pareka?!* ‘você está aí?!’ é usado para saudar alguém que chega numa casa; *parexat?!* ‘você está chegando?!’ é usado para saudar alguém quando se está fora de casa; *parea?!* ‘você está indo?!’ é usado para despedir de alguém (cf. 2.3.5.1. e tabela 2.16). Quando estas perguntas não têm caráter ritualizado surgirão, por exemplo, como: *mahere pã ereka?* ‘para que você está aí?’; *mỹwi pã erexat?* ‘de onde você vem?’; *mamō pã erea?* ‘para onde você vai?’.

Um informante que atribuía a *pa* uma função de respeito, deu exemplo de uma frase respeitosa e da frase correspondente, falando de igual para igual:

com respeito: mahe pēwana pāpa? ‘nasceu menino ou menina?’
normal: mahe pēwana pāhē? ‘nasceu menino ou menina?’

Nos exemplos que deviam contrastar com *pa* já nos surgiram outras partículas interrogativas. Trata-se essencialmente de duas, *pāhē* e *tāhē*, que talvez se diferenciem apenas através de algumas restrições prag-

máticas e que apresentam as formas reduzidas pāj, pā e tāj tā. As formas reduzidas não surgem em fim de oração. Estas partículas parecem poder transformar tanto a oração completa como apenas partes dela: xereqāwāpe ereke pāhē rāhē? ‘você dormiu na minha rede?’; xereqāwāpe pāhē ereke rāhē? ‘foi na minha rede que você dormiu?’ xereqāwāpe ane pāhē ereke rāhē? ‘foi você que dormiu na minha rede?’.

As restrições pragmáticas a fazer dizem respeito à separação dos sexos na sociedade tapirapé e sua expressão lingüística. Assim, as partículas que, no fim da oração, exprimem o sexo do falante e seu interlocutor (cf. 2.3.5.2. e tabela 2.17), são apenas possíveis com pāhē. Ou seja, tāhē e, a este respeito, obrigatoriamente não especializado. Enquanto é possível perguntar ereka pāhē kihī? ‘você está aí?’ de mulher para homem ou ereka pāhē wā? de homem para homem, com tāhē só será possível ereka tāhē? As formas reduzidas, aliás são permitidas.

Em combinação com estas partículas podem surgir palavras de tipos diversos, resultando significados que podem ser traduzidos pelos nossos interrogativos. Abaixo apresentamos uma lista com grande parte dessas palavras seguidas do sentido que ganham, se combinadas com tāhē, pāhē.

Lista de palavras combináveis com tāhē, pāhē

āwā (pl. āwŷ) ‘quem’
 ke ‘onde’
 mahe ‘que’
 mahe ramō] ‘porque’
 mahera
 mahere ‘para que’
 mahewe ‘em direção a que’
 mahewi ‘de que, porque?’
 mamō ‘para onde (movimento)’
 mārŷn (ma+nŷn?)] ‘como’
 mārŷgāto
 mārŷnime ‘quanto’
 mŷ ‘onde’
 mŷ ramō ‘quando’
 mygā (pl. mygŷ) ‘que ser vivo, tb. quem’
 mymē ‘(para) onde (movimento ou não)’
 mŷwi ‘de onde’

Damos alguns exemplo:

āwāre tāhē erexajha? ‘por causa de quem está chorando?’
 ke tā erea rāhē? ‘onde você foi?’
 mahe tā ereāpa? ‘o que você está fazendo?’
 mahe ramō tāhē erekyyxe?] ‘porque você está com medo?’
 mahera tāhē erekyyxe?
 mahewe tā erea? ‘você foi para (pegar) o que?’
 mahewi pā erekyyxe? ‘de que você está com medo?’
 mamō pā ege erea? ‘onde você vai?’
 mārŷn tāhē ereāpa exohywa?
 mārŷgāto tāhē ereāpa exohywa?] ‘como você faz sua flecha?’
 mārŷnime erepyy pāhē? ‘quanto você pegou?’
 mŷ tāhē nemena? ‘onde está seu marido?’
 mŷ ramō tāhē erea iāpapāpa? ‘quando vai fazer tudo?’
 mygā kyxe tā hŷ? ‘de quem é esta faca (em pé)?’
 mymē gāte ia ranō? ‘para onde ele vai?’
 mŷwi tā erexat? ‘de onde você está chegando?’

Uma quarta partícula xipa parece indicar que não se espera resposta ou que se sabe qual será a resposta. Também não aceita os marcadores de sexo (cf. acima). Exemplifiquemos ambos os sentidos. Suponha-se que alguém está só em casa e ouve um ruído; ele pergunta a si mesmo: mygã xipa aka? ‘será que tem algum ser vivo aqui?’ Caso tenha entrado outra pessoa sem ser notada, mas o primeiro repare agora na presença dela, ele dirá: ane xipa? ‘ah, então era você?’ Outro exemplo poderia ser: alguém vê algo em casa de outro e pergunta mahe tãhē? ‘que é isso?’ mas reconhece do que se trata antes de receber a resposta e diz wãjkyra xipa? ‘ah, é macacheira?’

Parece que pergunta, em alguns casos, também pode ser feita apenas através de entoação: neyana? (a) canoa (é) de você?, com entoação interrogativa contrapondo-se a neyana (a) canoa (é) de você’, afirmativa.

2.3.4.2.2 Condicionais

Tratando dos relacionadores temporais (cf. 2.3.3.1.1.), falamos já da forma -(i)rē, a propósito de combinações como hyrē, karē. Essa forma tem o sentido de ‘depois’, mas pode também conotar condição temporal (futura) e surge quer ligada a verbo, quer ligada a nome:

āāpapawirē, erea ‘quando eu acabar, você vai’
kotātāirē, ege ixemanyhani ‘quando deixar de ser menina vai ser moça’

Outra forma, que tanto ocorre com verbo como com nome e que exprime uma condição (ainda) imaginária ou irreal, é ramō ‘se’:

wetye āy ramō āxeiwe, nāāj ne ‘se estiver com dor de barriga amanhã, não irei’
tāpihirāpe ramō, ie āqaam pexehega ‘se eu fosse tapirapé, sabia a língua de vocês’

Finalmente mencionemos rāpa ‘senão’. Exprime que algo acontecerá (-ria), se uma certa condição, formulada anteriormente, não fôr (fosse) observada:

taneme ie āxat, xexoka rāpa tyhāra ‘volto logo, senão a fome me mata’

2.3.4.2.3 Causa e Fim

Encontramos, até agora, mais duas possibilidades de, em tapirapé, modificar ou acrescentar alguma coisa ao sentido de uma oração inteira. Voltemos-nos primeiro para a expressão de causa.

Já ao tratar de relacionadores de circunstância temporal referimos algumas formas adverbiais com múltiplo sentido: āhepe ‘daí, aí’, āherā, āheramō ‘por isso’, āherē ‘depois, por consequência’ (cf. 2.3.3.1.1.). A forma que queremos tratar aqui tem ou parece ter apenas sentido de causa, mas apresenta-se como um composto do sufixo de negação nominal -ehyma com mō (mō, amō, ramō?) e ocorre, com verbo na afirmativa, depois deste ou, com verbo na negativa, antes deste e seguido da partícula tã, sendo que no primeiro caso o verbo tem de ser traduzido na negativa e no segundo na afirmativa. Exemplos:

- 1) xawāra ixehēg ehymamō, araket ‘porque a onça não ronca, dormimos’
- 2) xeyāra akotok, ehymamō tã yārape nakej hy ‘furaram minha canoa, por isso a água entra nela’

Talvez uma construção do tipo ‘como não’ no português se aproxime da semântica deste uso: ‘como não roncasse, dormimos’ ou ‘furaram a canoa, então como é que a água não havia de entrar nela?’

Para exprimir a finalidade pode ser usada, como primeira palavra da oração, a forma tã, ‘para’: ie āmanak wyy xerexewe, tã xixow āhepe ‘demarco a terra de nós, para ficarmos nela’ (cf. 3.2.1., 14)).

2.3.5 Atuantes

Por “relacionadores atuantes” entendemos os que respeitam às relações entre os falantes. Trataremos primeiro os que costumam preparar ou terminar uma conversa, as saudações. Depois apresentaremos as partículas que marcam, no diálogo, a separação ou identidade de sexo dos falantes. O desejo de atuação e de um falante sobre outro é tratado nas ordens. Finalmente, listaremos algumas exclamações.

2.3.5.1 Saudações

Em aldeias com um máximo de trezentas pessoas, onde as casas se dispõem em círculo, com as entradas ficando para dentro do círculo, pois assim eram, tradicionalmente, as aldeias tapirapé (cf. Wagley 1977: 32), as pessoas teriam de passar a vida se saudando, se utilizassem um sistema de saudações semelhante ao do português. O sistema de saudação tapirapé está mais diretamente ligado ao intercâmbio de informações, pois, mesmo com as suas fórmulas tendo um certo caráter ritual (cf. 2.3.4.2.1.), é mais uma introdução ao diálogo do que um simples desejo de “bom dia”: começa sempre com uma pergunta e exige sempre uma resposta.

O primeiro a perguntar costuma ser o que está em casa ou parado num outro lugar e vê a outra pessoa chegar. Estando em casa ele pergunta: *pareka?! ‘você está aí?!’* O outro responde com um simples *ȳ!* ‘sim!’ ou, mais completo, *ȳ, ie āka!* ‘sim, estou aqui!’ Estando fora, o primeiro pergunta *parexat?! ‘você está chegando?!’* Resposta: *ȳ (, ie āxat).*

Se, no entanto, quem chega é o primeiro a falar, ele diz, segundo a posição do outro:

parexop?! ‘você está deitado?!’
parehȳj?! ‘você está sentado?!’
parehym?! ‘você está em pé?!’

As respostas são semelhantes.

A despedida é, também, um epílogo de diálogo. O que está querendo ir embora diz: *ka āxa newi!* ‘agora vou embora de você!’ Resposta: *parea?! ‘você vai?!’* Em casos mais especiais é possível dizer a quem sai: *taneme ke exat ranō!* ‘volte logo!’ ou *exagāto ke pewo eawo!* ‘chega bem, de caminho, ao teu longínquo destino!’ Em ambos os casos, a resposta do que sai pode ser: *ne!* ‘está bem!’

Naturalmente existem as correspondências de plural (cf. tabela 2.16).

2.16 TABELA

Saudações

(1 := uma pessoa; + := mais de uma pessoa)

Chegada				
está		fala		chega
1	[<i>pareka</i>	$1^{\circ} \rightarrow 2^{\circ}$	<i>ȳ (, ie āka)</i>	1
	[<i>papeka</i>	$1^{\circ} \rightarrow 2^{\circ}$	<i>ȳ (, araāka)</i>	+
1	<i>ȳ (, ie ā-</i> <i>xop</i>	$2^{\circ} \leftarrow 1^{\circ}$	<i>pare-</i> <i>xop</i>	
	[<i>hȳj</i>]		[<i>hȳj</i>]	1
+	<i>ȳ (, ara-</i> <i>hym</i>	$2^{\circ} \leftarrow 1^{\circ}$	<i>pape-</i> <i>hym</i>	

Tabela 2.16 (cont.)

Saída

sai		fala		fica	
1	ka āxā [nexi	1 ^o → 2 ^o	parea]	1
		penowi	1 ^o → 2 ^o		
+	ka araxā [nexi	1 ^o → 2 ^o	papea]	1
		penowi	1 ^o → 2 ^o		

2.3.4.2 Marcadores de Sexo

Seria errado dizer que a sociedade tapirapé não conhece a divisão do trabalho. Mas a divisão existente corresponde à divisão dos dois sexos. Dentro de cada sexo, qualquer um sabe fazer o que os outros também fazem. Esta separação dos sexos quanto às atividades tem, naturalmente, conseqüências quanto às virtudes desejadas em cada um ou quanto às normas de conduta prescritas a cada um (cf. Wagley 1977: 249 ss.). A esta diferenciação correspondem lingüisticamente as partículas a que chamamos de marcadores de sexo (cf. tabela 2.17). Assim, em fim de fala, surge amiúde uma forma que indica se é homem ou mulher que fala e se se dirige a homem ou mulher, afirmativa ou interrogativamente. Estas partículas não podem ocorrer depois de tãhē, em perguntas (cf. 2.3.4.2.1.).

Damos exemplos:

m → m	mamō pa erea rāpy	kape āa kā!
m → h	mamō pā erea kihī?	kape āa kehē!
h → m	mamō pā erea iī?	kape āa ee!
h → h	mamō pā erea wā?	kape āa qī!

2.17 TABELA

Marcadores de sexo

(h := homem; m := mulher)

fala	afirmativa	interrogativa
m → m	kā!	rāpy?
m → h	kehē!	kihī?
h → m	ee!	iī?
h → h	qī!	wā?

2.3.5.3 Ordens

Sendo embora uma sociedade igualitária (cf. Wagley 1977: 123) ou, como nós mesmos formulamos, antiautoritária (cf. 0.), a sociedade tapirapé não dispensa um sistema de “ordens”. Simplesmente não têm essas “ordens” o poder coercitivo das nossas ordens dentro das nossas instituições (família, organizações comerciais, exército).

Uma das maneiras de dar ordens é usar o imperativo. A outra consiste em usar fórmulas fixas, combináveis ou não.

2.3.5.3.1 Imperativo

Poderíamos, também, ter tratado o imperativo quando tratamos os verbos, mas, na sua função apelativa, parece-nos apropriado tratá-lo aqui. Em tapirapé, como noutras línguas, as formas típicas de imperativo são de segunda pessoa singular e plural, afirmativa e negativa (cf. tabela 2.18). As formas afirmativas de imperativo podem ser acompanhadas da partícula (i)ke, chamada permissiva, que transforma o sentido do imperativo para 'pode(m) + verbo'. Para ambos os casos podemos dar exemplos:

emārākā (ke) xewe! 'cante para mim!' ('pode cantar!')
 pemārākā (ke) xewe! 'cantem para mim!' ('podem cantar!')
 eremārākā ewi! 'não cante!'
 pemārākā ewi! 'não cantem!'

A forma ike ocorre quando o verbo termina em consoante: exar ike [ε'ʔaf ike] 'pode vir'.

2.18 TABELA

Imperativo de 2ª pessoa

Número	Afirmativa	Negativa
s.	e-] verbo ((i)ke)	ere-] verbo ewi
p.	pe-] verbo ((i)ke)	pe-] verbo ewi

Outras formas imperativas exigem fórmulas que podem, também, ser usadas independentemente de verbo.

2.3.5.3.2 Fórmulas Fixas

As fórmulas usadas para, juntamente com verbo, exprimirem imperativo de primeira pessoa plural ou, mesmo, substituírem o imperativo de segunda pessoa, são ere, pexe (embora!; sai!: ere dirige-se a uma pessoa ou um animal, pexe dirige-se a mais de um). Repare-se, porém, que nesta construção não são permitidas as variantes negativas e que, em alguns casos, é necessário usar outro verbo para a primeira pessoa plural. Observemos alguns exemplos:

- 1ª p., 'cantemos!', se duas pessoas: ere (ke), ximārākā!
 se mais de duas: pexe (ke), ximārāka!
 1ª p., 'cheguemos, vamos!', xat é substituído por waem:
 duas pessoas: ere (ke), xiwaem!
 mais de duas: pexe (ke), xiwaem!
 2ª s.: ere (ke) emārākāwo!; ere (ke) exata!
 2ª p.: pexe (ke) pexemārākāwo!; pexe (ke) pexexata!

As formas ere e pexe, como dissemos, podem ser usadas por si só ou com outro verbo. Usadas com verbo exigem, em certos casos, o gerúndio. Outras duas formas têm o mesmo funcionamento: āōxe! 'basta!' e tehina 'deixa!':

āōxe wexaoka! 'basta de eu banhar!'
 āōxe emārākāwo! 'basta de você cantar!'
 tehina araketa! 'deixa nós (e.) dormir!'
 tehina aawo! 'deixa ele ir!'

A fórmula de agradecimento por oferta ou serviço recebido contém esse mesmo aõxe acrescido do “adjetivo” kãto ‘bonito’: aõxe kãto! ‘obrigado (-a)!.

Já conhecemos a forma taneme ‘depressa’ (cf. 2.3.3.1.1., 2.3.3.3.1.), que surge também como ordem, acompanhada ou não de um verbo em forma imperativa.

O uso muito freqüente de certos imperativos justifica, talvez, listá-los, também, como fórmulas fixas:

(p)epik apy! ‘espere(m)!’
(p)etyryk! ‘sai(am)!’
(p)epyãhã! ‘escute(m)!’
(p)eixãk! ‘olhe(m)!’
(p)eka ixex! ‘quieto (s)!’

Tendo já perdido o caráter verbal e, portanto, invariáveis, encontramos:

kaxepe! ‘cale(m)-se!’
xatã! ‘venha(m)!’

2.3.5.4 Interjeições

Da mesma maneira que o modo de sentir é, em parte, formado historicamente, dentro de cada sociedade, e transmitido ao indivíduo através da educação, também para a sua expressão oral imediata se desenvolvem formas mais ou menos adaptadas ao sistema fonológico da língua respectiva e que, vistas deste prisma, são uma espécie de ronco ou grito socializado. Naturalmente, entre estas formas e a expressão mais ou menos consciente de sensações e sentimentos, usando o discurso, com todas as regras da língua em questão, existe um sem-número de gradações. Aqui podemos apenas apresentar uma pequena coleção do que nos pareceu mais usual.

Em pausa discursiva de dúvida repentina ou hesitação, ocorre quase sempre . . .ãpa. . ., por vezes repetido, segundo essa pausa é mais ou menos longa.

A correspondência para o ‘ai!’ de dor e akaj! para homens e aky! ou ahi! para mulheres. Para ‘ui!’ de susto, existe essa mesma diferença entre os sexos: ari! para homem e ahi! para mulher. Esta distinção está desaparecendo, sendo mais usada a forma ari! Exemplo:

eqe xano! ‘olha a aranha!’
ari! ‘ui, que susto!’

Descoberta, compreensão repentina são assinaladas com h(ã)! ‘ah!’

Admiração é expressa com xã!:

eixã xeremixokãqera majxiniga! ‘olha a cascavel que matei!’
xã! ‘puxa vida!’

Para repreensão é usado xã ranõ! Se um menino se machuca: xã ranõ! ‘vê o que aconteceu?!’

Lembrança repentina ou observação momentânea são expressas com ãxe(wana)!:

qe itori nemeni! ‘lá vem seu marido!’
ãxewana! ‘é verdade!’

Para indagar e asseverar seriedade de relato ou entendimento mútuo, temos duas formas diferentes:

xāwāroo rāka ie āxokā! 'matei uma onça agora mesmo!'
xeete?! 'é sério?!'
taryn! 'é sério!'

A acusação de que alguém mente é feita com:

pāixe! 'mentira!'

Quando alguma coisa acaba, diz-se: emĩ xe! 'é isso só!'

3.0 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Neste capítulo limitamo-nos a apresentar o que, no tempo exíguo de que dispusemos, nos foi dado orações simples, alguns textos, impressões sobre orações complexas. Não nos comprometemos com nenhum modelo sintático, mas, certamente, se encontram, na nossa descrição, uma forte base de sintaxe tradicional e alguma influência da tagmêmica. A nossa análise sintática, naturalmente, está adaptada à análise morfológica apresentada atrás, a qual, por sua vez, em muitas das designações, apresenta já prenúncios de função sintática ou de conteúdo semântico ou pragmático.

Em seguida apresentamos, em lista, as abreviaturas e correspondência por extenso dos classificadores usados na descrição formal.

3.0.1 Lista de Abreviaturas e Sinais

As abreviaturas com maiúscula e os sinais não alfabéticos são definidos neste capítulo ou, em parte, correspondem a classe definidas já no capítulo anterior. As abreviaturas minúsculas provêm, na sua maior parte, de classes do capítulo anterior.

Lista de Abreviaturas e Sinais

A :	atuante		
A _{imp} :	imperativo		
A _{int} :	interjeição	Mod _{fim} :	Mod. frásico final
A _{ord} :	ordem	Mod _{int} :	Mod. frásico interrogativo
A _{sau} :	saudação	Mod _{lex} :	Mod. lexical
A _{sex} :	marcador de sexo	n :	nome
A _{voc} :	vocativo	neg :	negação, negativo
adj :	adjetivo	O :	objeto
adv :	advérbio, adverbial	Or :	oração
af :	afirmação, afirmativo	P :	predicado
asp :	aspecto	pos :	posição
Ci :	circunstância	pref :	prefixo pronominal
CiL :	lugar	pron :	pronomes
CiM :	modalidade	q :	quantificador
CiM _{cau} :	causa	RD :	relacionador de discurso
CiM _{fim} :	finalidade	red :	reduplicação
CiM _{inst} :	instrumento	rep :	repetição
CiM _{qua} :	quantidade	S :	sujeito
CiT :	tempo	suf :	sufixo
CiTP :	tempo-presença	tr :	transitivo
conj :	conjunção (?)	V :	palavra verbal, exceptuando o sujeito prefixado obrigatório, mas incluindo vozes e aspectos
D :	demonstrativo		
Ger :	gerúndio de V principal		
Ger _{aux} :	gerúndio auxiliar		
ind :	indicativo		
intr :	intransitivo	vb :	raiz verbal ou nominal verbalizado, verbo propriamente dito
Mod :	modificador		
Mod _{cau} :	Mod. frásico causal	voz :	voz verbal
Mod _{con} :	Mod. frásico condicional		

,	:	separa partes de oração ou elementos de partes com ordem obrigatória			ção ou elemento de parte com funções simultâneas
.	:	idem, com ordem facultativa	()	:	contém explicação parentética em linguagem comum ou anotação morfológica reduzida
+	:	parte de oração ou seu elemento, obrigatoriamente presente.	/	:	limite de oração
-	:	idem, ausente	:	:	considere-se
±	:	idem, facultativo	:=	:	é definido ou realizado como
[]	:	contém análise morfológica de parte de oração ou elemento de parte	↳↗	:	une partes de uma oração, separadas por oração parentética
	:	contém parte de ora-			

3.1. DESCRIÇÃO FORMAL DE ORAÇÕES SIMPLES

3.1.1 Partes e Elementos da Oração

Aqui queremos apresentar primeiro a descrição formal de oração simples e depois dar exemplos. Por oração simples entende-se, como se verá na descrição, a que é constituída no máximo por predicado (simples), sujeito e objeto.

Descrição formal:

Or	:	Or1 (caso mínimo) := +P1 ±S2		
	:	Or2 (intr. com O posposicional) := a) +P2 ±S2		
		(tr. com O expresso) := b) +P2 +O2 ±S2		
P	:	P _{af} : P1 (caso mínimo) := +S1 , +V		
		: P2 (tr. com O expresso) := +S1 , ±O1 , +V		
		N.B.: se -O1, então +O2 (Or2 b)		
	:	P _{neg} := n(ã) , P _{af} , []		
		N.B.: em caso de afixo descontínuo, a segunda parte fica de fora		
S	:	S1 := pref pron (tb. afixo descontínuo, v. tabela 2.2)		
	:	S2 := a) pron		
		b) nome próprio		
		c) nome (simples ou composto)		
O	:	O1 (O em P) := a) pref pron		
		b) nome		
	:	O2 (O fora de P) := a) nome próprio		
		b) nome (simples ou composto) , ±q		
		c) pref pron		
		pref pron , nome		} , pos
		nome		
		nome próprio		
V	:=	±voz . ± voz , vb , ±asp , ±asp . ±asp		
vb	:=	verbo ou nome ou adjetivo verbalizados		
voz	:=	pref medial		
asp	:=	suf (adj; vb); red		

axokā mahetawāxāra, para o caso de índio ter morto tori. Ou seja: O . S . P ou O . P . S, de qualquer modo o objeto iniciando a oração. Já um tapirapé mais jovem, em curso de alfabetização em português, responde, sem hesitar, para 1) ‘foi tori que matou índio’ e para 2) ‘foi índio que matou tori’, ou seja: S . O . P.

3.2 ANÁLISE DE ALGUNS TEXTOS

Apresentamos em seguida, a título de ilustração e com esperança de que os especialistas opinem, alguns textos escolhidos representando vários tipos: “frases soltas”, “anotações e descrições”, “relato”, “lenda”.

3.2.1 Frases Soltas

Aqui analisamos frases escritas por diferentes pessoas, alfabetizadas, sobre o problema das terras tapirapé.

- 1) Xaneywy mǎira apyypatan.
O2[pref,n]. S2[n]. P2[S1[pref],vb,asp]
o “não-índio” (tori, mǎira) quer tomar nossa terra
- 2) Mǎira areywy apyypatan.
S2[n]. O2[pref,n]. P2[S1[pref],vb,asp]
- 3) Tori apyypatan areywy.
S2[n]. P2[S1[pref],vb,asp]. O2[pref,n]
- 4) Mǎira apyromatǎ xaneywy, qǐ!
S2[n]. P2[S1[pref],vb,asp]. O2[pref,n], A_{sex}
- 5) Ywy apyromatǎ kōpanǎ.
O2[n]. P2[S1[pref],vb,asp]. S2[n]
- 6) Ie xereywyre xehywyterǎy.
S2[pron]. O2[pref,n,pos]. P2[pref,vb]
eu fico zangado por causa da minha terra
- 7) Mǎira xe apyromatǎ xaneywy,
S2[n]. CiM[adv]. P2[S1[pref],vb,asp]. O2[pref,n]
o “não-índio” quer tirar nossa terra,
ǎhe ramō rōhō ihywyterǎy wyrǎ.

RD	[adv]. CiTP[adv]	P2[S1[pref],vb].	S2[n]
CiT			
CiM _{cau}			

por isso, me parece, os “pássaros” (as metades, as duas sociedades da aldeia) ficam zangados
- 8) Ie āxokā mǎira reymāwa wyrākāǎa.
S2[pron]. P2[S1[pref],vb]. O2[n(composto)]
eu mato a criação de galinha do “não-índio”
- 9) Ie eqe āxokā mǎira reymāwa marare.
S2[pron]. CiT[adv]. P2[S1[pref],vb]. O2[n (composto)]
eu vou matar a criação de gado do “não-índio”

- 10) Ie eqe āmanaakāpāāpā
 S2[pron]. CiT[adv]. P2[S1[pref],voz,vb,asp.asp.] eu vou já mandar embora
 weywywi māira gỹ.
 CiL[pref.n.pos]. O2[n,q].
 de nossa terra todos os “não-índios”.
- 11) Tori mō eqe āxokā weywyre.
 O2[n,q]. CiT[adv]. P2[S1[pref],vb]. CiM_{cau}[pref,n,pos]
 vou já matar algum “não-índio” por causa da nossa terra
- 12) Morato mō eqe araxokā araywyre.
 O2[n,q]. CiT[adv]. P2[S1[pref],vb]. CiM_{cau}[pref,n,pos]
 vou matar algum morador por causa da nossa terra
- 13) Araywyre eqe araxokā māira mō.
 CiM_{cau}[pref,n,pos]. CiT[adv]. P2[S1[pref],vb] O2[n,q].
 por causa da nossa terra vou já matar algum “não-índio”
- 14) Ie āmanak ywy xerexewe,
 S2[pron]. P2[S1[pref],voz,vb]. O2[n]. O2[pref,pos]
 eu demarco a terra para nós,

tā	xixow	āhepe.
RD	[conj].	P1[S1[pref],vb].
Mod _{fim}		CiL[pron.pos]

 para ficar nela
- 15) Pexe, ximanakāto xereywy!
 A_{ord}, P2[S1[pref],voz,vb,asp]. O2[pref,n]
 vocês aí, embora, vamos demarcar bem a nossa terra!
- 16) Pexe, ximaenym xereywyre toriwi!
 A_{ord}, P2[S1[pref],voz,vb]. O2[pref.n.pos] O2[n.pos]
 vocês aí, embora, vamos defender a nossa terra dos “não-índios”!

Anotações e Descrições 3.2.2

A partir desta rubrica queremos, para simplificar, prescindir da análise morfológica das partes da oração, podendo, porém, em casos mais complexos, recorrer de novo a esse uso.

Vamos aqui analisar um texto escrito a propósito de uma fotografia. Este texto foi escrito por Ārārawytygi. Cada oração ou grupo de orações formando uma unidade está, também aqui, numerado.

- 1) Mahetawāxā koxỹ tāhē mĩ,
 S2 Mod_{int},

CiL
D
q
- que mulher índia (é essa) aí (,onde)
- axawerakow amemyrine axepyka akopa ayne?
 P2[S1,voz.voz.] [vb]] O2(pos). Ger_{aux},

Ger _{aux}
D
q

 . O2(pos).

estão dois deitados, reciprocamente, em companhia um do outro, mãe e filho, se cobrindo

- 2) Mahe ramō tā mī peke pexekopa ārimō pexememyrane?
 CiM_{cau} Mod_{int} | CiL | P1, Ger_{aux} CiT. O2(pos)
 D
 q

porque vocês estão aí, dormindo de dia, com um (de vocês) filho?

- 3) Nāpepiryhāj tāhē? Eixā mī pexepy pexekopa.
 P1neg, Mod_{int} / A_{imp} P1, | CiL | / P1, Ger_{aux}
 D
 q
 A_{imp}

não estão com calor? olha aí, vocês os dois deitados se cobrem

- 4) Mahepe tā mī peke pexekopa? Ywy ropi, xipa?
 CiM_{inst} Mod_{int} | CiL | P1, Ger_{aux} / CiL, Mod_{int}
 D
 q

em que vocês estão os dois deitados dormindo? na terra, não é?

- 5) Mahetawāxāra ākomahe tanā akereārō wāty hyna.
 S2, CiTP, P2 . O2 . Ger_{aux}
 o homem índio está, sem dúvida, vigilando, sentado, o sono da esposa

- 6) Āty ka axenō hopa aketa amemyrane ywy ropi,
 S2 . | CiL | P2, Ger_{aux} Ger_{aux} . O2(pos) . CiL /
 CiM

a esposa, aí estendida, deitada, dormindo com o filho por terra

axepyka hopa xepykāwape aywyjāxej.

Ger , Ger_{aux} . CiM_{inst}[n,pos]. O
 cobrindo-se, deitada, (até o) peito com o cobertor

- 7) Āty ka weraker amemyra iropa ywy ropi.
 S2 . | CiL | P1 . O2, Ger_{aux} . CiL
 CiM

a esposa, aí estendida, dorme, deitada com o filho, por terra

- 8) Imena xowe hỹ ikera aixāk hyna aāpyka ahyware.
 S2, CiM. . | CiL | O2 P2. Ger_{aux} / Ger. O2(pos)
 CiM
 q

o esposo dela, ele mesmo, aí (sentado) sozinho, contempla, sentado, o sono dela,
 sentando-se sobre as pernas

3.2.3 Relato

Para exemplo de texto de relato, escolhemos uma narração oral de Kãorewygi sobre uma caçada à onça, em que a onça fugiu.

- 1) Araāhyg ypy xawāra araawo.
 P2 , CiT . O2 . Ger_{aux}
 imitamos primeiro a onça, pelo caminho

- 2) Āherē qee araxar araxewyta, ixeheg ehymamō, araketa.
 $\left| \begin{array}{c} \text{RD} \\ \text{CiT} \end{array} \right|$, CiTP , P1 , Ger_{aux} / P1 (.) Mod_{cau}(neg) / Ger
então, logo chegamos de volta, não tenho ela falado, e dormimos
- 3) Āhe qee – āpa – lākymytywyga ainow ixehega.
 $\left| \begin{array}{c} \text{RD} \\ \text{CiT} \end{array} \right|$, CiTP , A_{int} . S2 . P2 . O2
então logo . . .hmm. . . I. ouviu a fala dela
- 4) Āhera qee āpāk
 $\left| \begin{array}{c} \text{RD} \\ \text{CiT} \end{array} \right|$, CiTP , P1
então logo acordei
- 5) Āhera qee ānokāto ixehega.
 $\left| \begin{array}{c} \text{RD} \\ \text{CiT} \end{array} \right|$, CiTP , P2 O2
então logo ouvi a fala dela
- 6) Āhe ramō qee araa pe araxoopita.
 $\left| \begin{array}{c} \text{RD} \\ \text{CiT} \\ \text{CiM}_{\text{cau}} \end{array} \right|$, CiTP , P1 . $\left| \begin{array}{c} \text{CiL} \\ \text{D} \end{array} \right|$ / Ger
então, por isso, logo fomos lá (na árvore) e subimos
- 7) Araxoopir iqee . Araxoopipāw iqee.
 $\left| \begin{array}{c} \text{RD}[\text{vb.rep}] \\ \text{P1} \end{array} \right|$, CiTP / $\left| \begin{array}{c} \text{RD}[\text{vb.rep}] \\ \text{P1} \end{array} \right|$ / CiTP
subimos logo. subimos todos logo
- 8) Āhera qee araāhyg
 $\left| \begin{array}{c} \text{RD} \\ \text{CiT} \end{array} \right|$, CiTP , P2
então, logo imitamos ela
- 9) Āhera qee ixehegi. Mokōj qee ixehegi
 $\left| \begin{array}{c} \text{RD} \\ \text{CiT} \end{array} \right|$, CiTP , P1(ind2) / q , CiTP , $\left| \begin{array}{c} \text{RD}[\text{vb.rep}] \\ \text{P2 (ind2)} \end{array} \right|$
então, logo ela falou. duas vezes, logo, ela falou
- 10) Āhe qee itori panē arewe
 $\left| \begin{array}{c} \text{RD} \\ \text{CiT} \end{array} \right|$, CiTP , P2 . CiM . O2
então, logo ela veio, em vão, na nossa direção
- 11) Āhe qee Loi āpinare eny ilāterna.
 $\left| \begin{array}{c} \text{RD} \\ \text{CiT} \end{array} \right|$, CiTP , CiL , P1 . S2
então, logo a lanterna acendeu na cabeça do Luís

- 12) Āhera qee Xawāraxowi iyjaāwy inanaakāta araxewi
 $\left\{ \begin{array}{l} \text{RD} \\ \text{CiT} \end{array} \right\}$, CiTP , S2 . P1 , Ger . O2
então, logo x. falhou uma flecha e a afastou de nós
- 13) Āhe ranō eqe araxy ka araxata ranō.
 $\left\{ \begin{array}{l} \text{RD} \\ \text{CiT} \\ \text{CiM}_{\text{cau}} \end{array} \right\}$, D , P1 / $\left\{ \begin{array}{l} \text{CiL} \\ \text{D} \end{array} \right\}$. P1 . $\left\{ \begin{array}{l} \text{CiM} \\ \text{CiT} \end{array} \right\}$
então, por isso, ali em movimento, descemos e chegamos de novo aqui.

3.2.4 Lenda

O texto anterior, pela sua espontaneidade, e o que apresentamos nesta rubrica, pelo que representa de tradição oral estratificada, são os mais interessantes. O que se segue, porém, tem muitos passos de difícil compreensão, que nós talvez nem sempre tenhamos interpretado convenientemente. Trata-se da lenda de Koreweka.

- 1) Pexe mī, ka hy xiawāopir imanawo , wā?
 A_{ord} , $\left\{ \begin{array}{l} \text{D} \\ \text{CiL} \end{array} \right\}$, O2 , P2 , Ger_{aux} , A_{sex}
vocês aí, embora, vamos indo por essa água acima, que aqui corre, rapazes!
- 2) ehi rōhō rākahē axaope g̃y.
P2 , CiTP , O2(pos)
disseram eles, ao que parece, uns para os outros
- 3) Pexe mī, āhe ramō ! ehi rōhō
 A_{ord} , RD / P1 , CiTP
embora, pois então! parece que disseram
- 4) Mahe rypy xiga pā ka ayry hyna? axāwo.
S2 , Mod_{int} / $\left\{ \begin{array}{l} \text{D} \\ \text{CiL} \end{array} \right\}$. P1 , Ger_{aux} / Ger_{aux} (de locução
elíptica: ehi – P1)
que sujeira é essa, no fundo da água, que aqui vai correndo? indagaram
- 5) Tāxāo ke pewo akōj, ehi ixe rōhō.
S2 , CiM , CiL . P1 / P1 , CiM CiTP
pode ser que caiu porco por aí, parece que disseram mesmo
- 6) Eqe tanā rōhō wājwīhi ia akawo wārārore,
 $\left\{ \begin{array}{l} \text{D} \\ \text{CiL} \end{array} \right\}$, CiTP, CiTP , S2 . P2 , Ger_{aux} . O2(pos)
Parece que, na realidade, mais acima estava uma velhinha procurando caranguejos
- 7) ipyyka imanawo irekawo imatypyxiga hy.
 Ger , Ger_{aux} . Ger_{aux} / Ger . O2
pegava, ia e vinha, ficava, e sujava a água (levantando o barro brando do fundo)
- 8) amana rōhō, amana rōhō, amana rōhō, amana rōhō.
P1 , CiTP
parece que andaram, andaram, andaram, andaram

- 9) até rōhō imana iopixika
 $\left| \begin{array}{l} \text{RD} \\ \text{CiT} \end{array} \right|$, CiTP, P1, Ger
 até que, parece, andando, alcançaram ela
- 10) Ha! xanexāryjhi pā ka hori akawo, wā?!
 A_{int} , S2, Mod_{int} / $\left| \begin{array}{l} \text{D} \\ \text{CiL} \end{array} \right|$, P1, Ger_{aux} , A_{sex}
 ah! é a nossa avozinha que anda por aqui chegada, rapaz!
- 11) ehi axaope.
 P2, O2(pos)
 disseram uns para os outros
- 12) Xā! āxe pā, wā?! xanexāryjhi ka hori akawo, wā?!
 A_{int} / A_{int} , Mod_{int} , A_{sex} / S2 $\left| \begin{array}{l} \text{D} \\ \text{CiL} \end{array} \right|$, P1, Ger_{aux} , A_{sex}
 puxa vida! é mesmo, rapaz?! a nossa avozinha anda por aqui chegada, rapaz?!
- 13) ehi rōhō
 P1, CiTP
 parece que disseram
- 14) Mahere tā ka ereka, xāryjhi? ehi rōhō ixope.
 D(pos), Mod_{int} , $\left| \begin{array}{l} \text{D} \\ \text{CiL} \end{array} \right|$, P1, A_{voc} / P2, CiTP, O2(pos)
 porque estás andando por aqui, avozinha? parece que lhe perguntaram
- 15) Ahi! ehi rōhō. Peē pāpa pexa, kīhī? ehi rōhō
 A_{int} / P1, CiTP / S2 A_{sau} P1, A_{sex} / P1, CiTP
 ui! parece que disse. vocês estão chegando, rapazes? parece que disse
- 16) Tāxāo pā ke hāwo akoy pā, araxāwo,
 S2, Mod_{int} , CiM, CiL. P1, Mod_{int} / Ger_{aux} (de locução elíptica: araxe –)
 P1
 se podia ser que um porco caiu por aqui na água, indagamos
- 17) ka araxa nerypyxiga ropi
 $\left| \begin{array}{l} \text{D} \\ \text{CiL} \end{array} \right|$, P1, CiL
 e chegamos aqui (seguindo) através da tua sujeira branca
- 18) Ie ka wārāro āpyykoo imota irekawo, kēhē, ehi rōhō.
 S2, $\left| \begin{array}{l} \text{D} \\ \text{CiL} \end{array} \right|$, O2, P2, Ger_{aux} , Ger_{aux} , A_{sex} / P1, CiTP
 eu ando por esta água, fico num ou noutro lado, apanhando muito caranguejo, rapazes!
 parece que disse
- 19) Wāpema, ehi rōhō. Wāpema ka āpyyk imota irekawo, ehi rōhō.
 O2 / P1, CiTP / O2, $\left| \begin{array}{l} \text{D} \\ \text{CiL} \end{array} \right|$, P2, Ger_{aux} , Ger_{aux} / P1, CiTP
 guaiuna, parece que disse. vou e venho e fico por aí apanhando guaiuna, parece que disse

- 20) Xā! āxe pahē?! ehi rōhō
 A_{int} / A_{int} . Mod_{int} / P1 , CiTP
 puxa vida! é mesmo?! parece que disseram
- 21) Mahe āhe pā ka wexata wekawo?
 O2 . P2 , Mod_{int} . CiL , Ger_{aux} . Ger_{aux}
 (mas) que é que eu vou chegar a dizer aqui?
- 22) Tā momokoo xewi xeākygāy,
 | RD | , P2 . O2(pos) . O2 /
 | Mod_{fin} |
 O2.
 para furarem bem para mim a minha cabeça doendo,
- 23) nāhej pā ka wexata wekawo? ehi rōhō.
 P2 , Mod_{int} . CiL . Ger_{aux} . Ger_{aux} / P1 , CiTP
 não vou chegar a dizer isso aqui?
- 24) Āhe ranō pemonokoo xewi xeākygāy, hēhē! ehi rōhō.
 RD , | A_{imp} | . O2(pos) . O2 , A_{sex} / P1 , CiTP
 bem, então furem para mim minha cabeça doendo, rapazes! parece que disse
- 25) Ha! xixokā ixē ehipa xanewe, qī! ehi rōhō.
 A_{int} / P1 , CiM / P2 . O2(pos) , A_{sex} / P1 , CiTP
 ah! para matarmos mesmo, ela disse para nós, rapazes! parece que disseram
- 26) Āhe ramō rōhō ixokāhi. Xak! Xak! ixokāhi.
 | RD | , CiTP , P2 / (onomatopeia) / | RD |
 | CiT | | P2 |
 parece que então mataram ela. tak, tak! mataram ela
- 27) Qijijijrk! apoki rōhō wy.
 (Onomatopeia) / P1 , CiTP . S2
 Ijijijij! parece que o sangue jorrou
- 28) Xeākygāy pemomok xewi,
 O2 . P2 . O2(pos)
 furaram para mim minha cabeça doendo
- 29) ehymamō, tā wī iākygāykwera, napoki wy.
 | RD | / | RD | . D . P1 / Pneg1 . S2
 | Mod_{cau} | | Mod_{cau} |
 └──────────┬──────────┘
 por isso, para acabar com essa dor de cabeça, o sangue não pára de jorrar
- 30) Axokā rōhō irekawo emiārirō agy
 P2 , CiTP , Ger_{aux} . S2
 os netos, parece, mataram ela ali
- 31) Hā Koreweka, xanexāryjhi, xāwyma,
 D . O2 , S2 , P2
 essa aí, a nossa avozinha, terá o nome de Koreweka

- 32) Koreweka amō aa maherymi.
CiM , P2 , O2
como Koreweka se transformará em alma
- 33) Xanexāryjhi awaemi, qī! xāwyma.
S2 . P1 , A_{sex} / P1
a nossa avozinha chega, rapazes! será o grito (quando ela aparecer nas nossas festas)
- 34) Āhe qera mō werekahi, xirekahi xerexāryjhi ramō,
|RD| S2 . P1 / P1 . CiM_{qua}
|CiT|
então, esse vestígio do passado estará conosco e nós com ele, como sendo a nossa avozinha
- 35) imaxaakāwakātahi. Emī xe
Ger D . CiM_{adv}
que leva todinhos a brigar uns com os outros. é só isso mesmo

3.2.5 Comentário Suscinto

Nos textos apresentados faz-se notar uma complexidade sintática crescente, desde afirmações simples até um texto com caráter literário, em que algumas expressões, apesar de propormos análise e tradução, nos permanecem incompreensíveis, como é o caso das frases 28) e 29) em Koreweka.

Retomando como referência o que dissemos em 3.1.1. e recorrendo apenas ao primeiro texto, reparamos que nenhuma das frases começa por predicado. Se dermos atenção apenas aos elementos P, S, O, verificamos as seguintes ocorrências sequenciais nas 18 orações:

Seqüência	Ocorrência
P	1
PS	1
OPS	1
OSP	1
OP	2
SOP	2
PO	3
SPO	7

Nos casos em que P surge só ou antes de O ou S a oração começa por A, Ci ou RD. Comparando com os restantes textos observa-se até uma quase obrigatoriedade de a seguir a A, Ci ou RD colocar sempre P, exceptuando o caso em que S é nome próprio ou D. Que P não surja em início de oração parece ser apenas acaso, pois nos outros textos há exemplos suficientes disso.

A constituição de P surge-nos nas frases soltas do seguinte modo:

P	Ocorrência
[pref, vb]	8
[pref, vb, asp]	6
[pref, voz, vb]	2
[pref, voz, vb, asp]	1
[pref, voz, vb, asp, asp, asp]	1

Quanto à colocação de relacionadores de circunstância e tomando de novo as frases soltas por referência, observa-se que os de tempo vêm imediatamente antes de P, os de lugar e modalidade imediatamente depois de P, sendo que modalidade vem também antes de P, mas separado dele por outro elemento:

Seqüência	Ocorrência
CiT(P) P	6
P CiL	2
P CiM	2
CiM x P	2

Os outros textos parecem mostrar que nos casos em que CiL ou CiM é realizado por advérbios ou demonstrativos a colocação é bastante flexível. Na lenda verifica-se que CiT(P) vem com regularidade imediatamente depois de P, quando P inicia a oração.

O uso de relacionadores de discurso parece também em tapirapé, como no português, indicar a “qualidade” estilística (cf. parataxe vs. hipotaxe). Enquanto a lenda, com o seu caráter literário, é parcimoniosa no uso de relacionadores de discurso para ligar as frases, nos outros exemplos, sempre que um falante diz duas frases consecutivas, surge entre elas um relacionador. O relato de Kãorewygi sobre a caçada é bem ilustrativo a este respeito.

Teria sido nosso desejo, para a parte lexical deste “esboço de gramática”, apresentar campos semânticos da língua tapirapé. O trabalho de coleção e seleção que fizemos nesse sentido, porém, não está ainda suficientemente amadurecido para poder ser publicado. Demos, na realidade, alguma atenção às designações de cores e graus de claridade e também aos nomes próprios e de parentesco com seus vocativos correspondentes, mas, por um lado, esse material não está ainda suficientemente estudado e interpretado e, por outro lado, seria necessário tomar em consideração mais outros campos semânticos, de modo a dar uma visão mais completa da estrutura do léxico tapirapé. Assim, limitamo-nos a apresentar nas páginas seguintes o léxico tapirapé ordenado alfabeticamente e munido das respectivas classificação morfológica e tradução.

A

- a: nominalizador para ação, cf. tabela 2.8
- a-: prefixo pessoal, 3^a c., cf. tabela 2.2
- ã-: prefixo pessoal, 1^a s., cf. tabela 2.2
- a-: prefixo reflexivo, cl I, 3^a c.
- aap: v. trans., cl. I; embrulhar
- àem: adj., cl. IIc); gritando
- agã: dem., cf. tabela 2.11
- aha: subst., cl. IIc); carne
- ahāwarera: subst. não possuído; os maiores
- āhe: v. ir., dizer, cf. tabela 2.9
- āhe: adv. temp.; então
- āhegā: pronome pessoal, 3^a s.
- āhegȳ: pronome pessoal, 3^a p.
- āhepe: adv. temp.; daí, aí
- āhera (āheramō): adv. temp.; por isso
- āherē: adv. temp.; depois
- ahi: interjeição de susto, cf. 2.3.5.4.
- āhȳj: subst. não possuído; semente
- āhyg: v. trans., cl. I; experimentar, imitar
- āhygam: subst., cl. IIc); retrato
- āhyt: subst., cl. IIb); filho (para homem)
- āhyt: adj., cl. IIb); pequeno
- āip: adj., cl. Ia); feio
- āip: adj.; mal, ruim, feio
- āj: adj. sem prefixo; azedo
- ak: v. trans., cl. I; quebrar (linha)
- ākaam: v. intr.; brigar
- ākātehy: adj., cl. IIc); sovina
- akaj: interjeição de dor, cl. 2.3.5.4
- ākaj: adv. temp.; passado recente
- ākaj qākaj: adv. temp.; passado muito remoto
- ākamāxyp: subst., cl. Ia); taquari
- akan: subst., cl. IIc); casa dos homens
- aken: subst., cl. IIc); porta
- ākōj: subst., cl. IIc); pênis
- akop: quant. alógeno, cf. tabela 2.12
- ākop: adj., cl. IIa); quente
- akopa: quant. alógeno, cl. tabela 2.12
- ākopāxī: subst., cl. Ia); namorado
- aky: interjeição de dor, cf. 2.3.5.4.
- ākyg: subst., cl. Ia); cabeça, crânio
- akygam: v. tr., cl. I; podar, aparar
- ākym: v. intr.; molhar
- ākym: adj., cl. Ia); molhado
- ākȳqet: subst., cl. IIb); rasto
- ākyt: adj., cl. Ia); chorão
- am: subst., cl. IIe); pena (só 3^a p.)
- amanyxo: subst., cl. Ia); algodão
- amihā: subst., cl. Ia); girino
- amō: ind., cf. 2.3.1.3.
- (a)mō: quant. glob.; um pouco de
- amō ranō: ind., cf. 2.3.1.3.
- amō tee(rano): ind., cf. 2.3.1.3.
- amyn: subst. não possuído; chuva, época das chuvas, cf. tabela 2.13
- amynāip: subst. não possuído; nuvem
- amōj: subst., cl. IIb); avô
- an: subst. não possuído; sol, ano, época seca, cf. tabela 2.13
- ana: nominalizador para agente absoluto, cl. tabela 2.8
- anany: subst., cl. Ia); tipo de madeira
- anawe: subst. não possuído; barata
- anaweryn: subst. não possuído; tipo de barata
- ane: pronome pessoal, 2^a s.
- anoxā: subst. não possuído; rato
- anym: adj., cl. Ia); gordo
- anyrā: subst. não possuído; morcego
- āōxe: interjeição, ordem; basta!
- āōxe kāto: fórmula de agradecimento; obrigado(s), -a(s)
- āōxeāiweixe: adv. modo; sem parar
- ap: subst., Cl. IIc); folha (só 3^a p.)
- apa: subst., cl. Ia); coisa, fato
- āpajā: adj., cl. Ia); redondo
- āparak: v. tr., cl. I; rematar a peneira
- āpe: subst., cl. IIe); caminho
- āpe: subst., cl. Ia); dorso
- apeyj: adj., cl. IIc); sonolento
- apepit: subst., cl. IIa); pálpebras
- āpi: v. tr., cl. I; cutucar, acertar
- āpin: subst., cl. Ia); cabeça
- apiym: subst., cl. Ia); diadema
- (a)py: adv. temp.; primeiro, antes
- āpy: v. tr., cl. I; queimar
- āpyakā: v. intr.; escutar
- āpyhā: adv. tempo; já
- apȳīwan: subst., cl. Ia); narinas
- āpyk: c. intr.; sentar
- apym: adj. sem prefixo; firme
- āpyra: loc. nom.; no fim de
- apyret: subst., cl. Ia); caçula
- āpyt: subst. não possuído; final
- āpytāpyk: v. tr., cl. I; pilotar
- āpexeheg: v. tr., cl. II; responder
- āqaam: adj., cl. Ia); sabido
- aqāp: quant. alógeno, cf. tabela 2.12

aqāpa: quant. alógeno, cf. tabela 2.12
aqāpetym: v. tr., cl. II; cercar, encurralar bicho
ara-: prefixo reflexivo, cl. I, 1^a p.e.
ara-: prefixo pessoal, 1^a p.e., cf. tabela 2.2
āraim: adj., cl. Ia); penalizado
āraip: adj., cl. Ia); āraim
ārarāy aket aawo: adv. temp.; pôr do sol
ārarāy xāwamō: adv. tempo.; nascer do sol
arax-: prefixo reflexivo, subcl. IIa), 1^a p.e.
are-: prefixo possessivo, cl. I, 1^a p.e.
are-: prefixo pessoal, 1^a p.e., cf. tabela 2.2
are: pronome pessoal 1^a p.e.
arer-: prefixo possessivo, subcl. IIa), 1^a p.e.
ari: interjeição de susto, cf. 2.3.5.4
ārimo: adv. temp.; de dia, an
ārōārō: adj., cl. Ia); bonito
aryaryp: adj., cl. IIc), alegre
ātȳ: adj., sem prefixo; duro
ātā: subst., cl. IIc); fogo
ātā: v. intr.; caminhar
ātāpȳj: subst., cl. IIc); brasa
ātot: adj., cl. Ia); curto (só 3^a c.)
ātȳ: adj.; com força, duro
āty: subst., cl. IIc); esposa
ātypy: subst., cl. IIc); bochecha
ātywaam: subst., cl. Ia); amigo
-āwa: nominalizador para circunstância, cf. tabela 2.8
āwā: adj., cl. Ia); direito
awā: subst., cl. IIc); testa
āwā: subst. não possuído; gente
āwāātyehym: adj., cl. Ia); desquitado
āwāātyqet: adj., cl. Ia); viúvo (-a)
āwāhyāo: subst., cl. Ia); rapaz (homem novo)
awaixāk: v. tr., cl. I, cobiçar
awāf: loc. nom.; do outro lado de
awan: v. tr., cl. I, levantar
awāopit: v. tr., cl. I; arribar
aqāpytym: v. tr., cl. II; tampar, tapar
awāpytymawāk: v. tr., cl. II; destampar, destapar
awāqet: adj., cl. IIc); careca
awāxan: subst., cl. IIc); vingador
āwe: adv. temp.; ainda
āwek: v. tr., cl. I; pelar no fogo
āwhīhi: quant. glob.; pouco
awirak: v. tr., cl. I; descaroçar algodão
āwy: adj., cl. IIc); preto
āwy: v. tr., cl. I; atirar flexa
āwyixe: v. tr., cl. I; errar
āwyt: subst. não possuído; casa
āxa: subst., cl. IIc); sogra
āxehi: adv. temp.; ontem
āxehi qeere: adv. temp.; anteontem
āxehiwe qeere: adv. temp.; depois de amanhã

āxehiwe qeere: adv. temp.; depois de amanhã
axeixe: adv. temp.; amanhã
āxepe: num.; um
āxepexe: quant. glob.; mais
āxewana: interjeição de admiração, cf. 2.3.5.4.
āxī: subst. não possuído; chifre, esporão de arraia
āxim: adj., cl. Ia); espirrando
axoripy: subst., cl. Ia); parte central superior das costas
āxoro: subst., cl. Ia); papagaio
āxykyg: subst., cl. IIc); osso do queixo
āxyt: subst., cl. IIb); filha (para homem)
āy: adj., cl. IIa); zangado
āyāy: adj., cl. IIa); cansado

E

e-: prefixo pessoal, 2^a s. cf. tabela 2.2
e-: prefixo reflexivo, cl. I, 2^a s.
eākāxym: adj., cl. IIa); esquecido
ēām: adj., cl. IIc); cego
ēāqan: subst., cl. IIc); rosto
ēāwet: subst., cl. IIc); cadáver
-e(e): posp. modo, cf. 2.3.3.3.3.
ee: loc. nom.; em
ee: marcador de sexo, cf. tabela 2.17
eep: adj., cl. Ia); preguiçoso
ēā: subst., cl. IIc); olho
ehȳj: v. tr., cl. I; coçar
ehym: subst., cl. Ia); fuso
ehymamō: mod. frásico causal negativo, porque (sujeito) não (predicado)
eiqākyg: subst., cl. IIc); anca
eiqam: subst., cl. IIc); ânus
eit: subst., cl. Ia); mel
ej: v. tr., cl. I; lavar
ekaete: adj., cl. IIc); vivo, duro
ekāip: adj., cl. IIc); zangado, ruim
ekoe: adv. temp.; depois
ekaqaam: v. tr., cl. I; informar
ekāy: adj., cl. IIc); ver ekāip
em: v. intr.; latir
emahem: adj., cl. IIa); mentiroso
eme: subst., cl. IIa); lábio inferior
emehyp: subst., cl. IIc); borda
emeqan: v. tr., cl. I; amarrar a peneira
emi-: nominalizador para objeto, cf. tabela 2.8
emīxe: interjeição assinalando o fim, acabou! é isso só! cf. 2.3.5.4.
emian: subst., cl. IIc); caça
emianyrō: subst., cl. IIa); neto (para mulher)
enima: subst., cl. IIa); linha
enone: loc. nom.; em frente de

eny: subst., cl. IIc); saliva
 enyt: subst., cl. IIa) irmã
 enywā: subst., cl. IIa); queixo
 epexyn: v. tr., cl. I; encostar
 eqam: subst., cl. IIa); rede
 eqe, q-: adv. temp.; imediatamente
 ere: interjeição, ordem, vai embora! sai!
 ere-: prefixo pessoal, 2^a s., cf. tabela 2.2
 ereqan: subst., cl. IIa); benfeitor
 et: subst., cl. IIc); nome
 etā: subst., cl. IIa); companheiro, povo
 ete: quant: glob.; muito
 etymkygapipem: subst., cl. IIc); parte de cima da perna
 etym: subst., cl. IIa); casa
 etyny: subst., cl. IIa); barriga da perna
 eton: v. tr., cl. I; cheirar
 etyk: v. tr., cl. II; deixar, colocar
 ewek: subst., cl. IIc); barriga
 ewiram: subst., cl. IIb); galinha sem cauda
 ewiri: loc. nom.; atrás de
 eymam: subst., cl. IIa); bicho doméstico
 xyporore: subst., cl. Ia); enxada
 eyxo: subst. não possuído; Sete-estrela (andrômedas)

H

hā: dem., cf. tabela 2.11
 hā: quant. alógeno, cf. tabela 2.12
 hāpyt: adj., cl. Ia); descendo de cabeça
 hak: v. tr., cl. I; arrancar
 ākaxo: subst., cl. Ia); cajú
 ham: subst., cl. Ia); cabelo
 ham: v. intr.; deitar
 hamapit: subst., cl. Ia); lábio superior
 hamatam: subst., cl. Ia); bigode
 han: subst. não possuído; dia
 han: v. intr.; cair
 hananomim: v. tr., cl. I; enganar
 hananop: adj., cl. Ia); sabido
 hanoro: adj., cl. Ia); triste
 hanawyt: subst., cl. Ia); atrás do joelho
 hāpaqan: v. tr., cl. I; deitar no chão
 hāpekoywo: v. tr., cl. I; enfiar
 hāpixi: v. tr., cl. I; matar dois
 hāpokāj: v. intr.; gritar
 hāpyā: subst., cl. Ia); ouvido
 hārimō: loc. nom.; por cima de
 hāwāryhāwo: subst. não possuído; maracujá
 hāwāxi: subst., cl. Ia); milho
 hāwāxihi: subst., cl. Ia); arroz
 hāwījyp: v. tr., cl. I; passar urucum no cabelo
 hāxi: subst. não possuído; espiga (só 3^a p.)
 hāxihyp: subst., cl. Ia); ombro
 hēhē: adj., sem prefixo; doce
 hep: adj., cl. Ia); gostoso
 heqātam: subst., cl. Ia); direita
 -(h)i: mod. lex. diminutivo
 hinohā: subst., cl. Ia); pilão, almofariz
 hipirā: subst., cl. Ia); peixe
 hipirīj: subst., cl. Ia); piranha
 ho: v. tr., cl. I; comer
 hop: subst., cl. Ia); cocha
 hot: subst., cl. Ia); berne
 howāpyt: subst., cl. Ia); cocha acima do joelho
 howāyka: subst., cl. Ia); atrás da cocha
 howyro: subst., cl. Ia); calça
 hāxokā: v. tr., cl. I; amassar
 hy: subst., cl. Ia); água
 hỹ: dem. cf. tabela 2.11
 hỹ: quant. alógeno, cf. tabela 2.12
 hỹ, hỹre, hỹre hỹ: adv. temp.; agora, hoje
 hyaam: v. intr.; atravessar
 hyāo: adj., cl. Ia); novo (-a)
 hyāpykoj: v. intr.; remar
 hyg: adj., cl. Ia); fan, amante
 hyga: quant. glob.; muito
 hỹj: v. intr.; ficar
 hỹj: v. ir.; estar sentado, cf. tabela 2.9
 hỹj: quant. alógeno, cf. tabela 2.12
 hyna: quant. alógeno, cf. tabela 2.12
 hynymon: v. intr.; cuspir
 hyopam: subst., cl. Ia); lago
 hyp: subst., cl. Ia); perna, cabo
 hypewoo: subst. não possuído; pato
 hyppyrog: v. tr., cl. I; começar
 hypyton: subst., cl. Ia); noite
 hypytonimō: adv. temp.; de noite
 hyrywo: subst. não possuído; urubu
 hyto: subst. não possuído; cachoeira
 hywatyt: subst. não possuído; flor (de fruto)
 hywyātāxin: subst. não possuído; nevoeiro, neblina
 hywyexāhē: subst., cl. Ia); pote
 hywykaj: v. tr., cl. I; cavar
 hywyrā: subst., cl. Ia); borduna, mão de pilão
 hywyrā: subst. não possuído; árvore
 hyxāpenog: subst. não possuído; banheiro
 hyxewyt: v. intr.; vomitar
 hyypa: subst., cl. Ia); cipó
 hyytam: v. intr.; nadar

I

-i: ver- (h)i
 i-: prefixo pessoal, 3^a c., cf. tabela 2.2
 i-: prefixo possessivo, cl. I, 3^a c.
 ie: pronome pessoal, 1^a s.

ihā: subst. não possuído; fruto
 iī: marcador de sexo, cf. tabela 2.17
 ikowi: quant. alógeno, cf. tabela 2.12
 ikorera: quant. glob., o resto
 ikyj: v. tr., cl. II; tirar
 ini: subst. não possuído; rede
 inop: v. tr., cl. II; ouvir
 iqāwi: quant. alógeno, cf. tabela 2.12
 -(i)rē: mod. frásico condicional; quando (futuro)
 irō: subst., cl. Ia); companheiro
 itā: subst., cl. Ia); pedra
 itāxokōj: subst., cl. Ia); tesoura
 itāxokōjanā: subst., cl. Ia); colher
 ityk: v. tr., cl. I; derrubar
 ityni: quant. alógeno, cf. tabela 2.12
 iwe: ver āwe
 iwyt: adj., cl. IIc); fresco, conservado
 ixāk: v. tr., cl. II; olhar
 ixākāhop: v. tr., cl. II; ter saudade
 ixē: dem. enfático, cf. 2.3.1.2.
 ixē: adv. modo; sem mais intenções só, fazer por fazer

K

ka: dem., cf. tabela 2.11
 ka: subst., cl. Ia); roça
 ka: v. intr.; estar
 kā: marcador de sexo, cf. tabela 2.17
 kā: v. tr., cl. I; quebrar
 kaanok: adj., cl. Ia); escurecendo
 kaanok amō: adv. temp.; de tarde
 kagā: dem., cf. tabela 2.11
 kaha: subst. não possuído; mata
 kahakyramahe: adj., cl. Ia); verde
 kāhāyp: subst., cl. Ia); bananeira brava
 kāhem: adj., cl. Ia); amanhecendo
 kahemamō: adv. tempo.; de madrugada
 kāhi: subst., cl. Ia); macaco
 kāj: v. intr.; queimar
 kam: subst., cl. Ia); marimbondo, gordura
 kamo: v. intr.; mamar
 kanawā: subst., cl. Ia); joelho
 kanehō: adj., cl. Ia); cansado
 kapit: v. intr.; derrubar roça
 karamee, karāe: rel. temp.-pres., cf. tabela 2.14
 karē: adv. temp.; agora, hoje
 kāro: v. intr.; comer
 kāto: adj., cl. Ia); bom
 kāty: loc. nom.; do, para o lado de
 kāty: v. intr.; mexer
 kāwāip: v. intr.; esquivar-se
 kaxe: adv. temp.; pela última vez
 kaxepe: ordem, cale(m)-se!

kāxym: v. intr.; perder
 ke: adv. modo; talvez
 ke: v. intr.; entrar
 kehē: marcador de sexo, cf. tabela 2.17
 ket: v. intr.; dormir
 kihī: marcador de sexo, cf. tabela 2.17
 kō: subst., cl. Ia); língua
 kohā: subst., cl. Ia); rins
 kohe: adj., cl. Ia); limpo, melhor
 kohi: adj., cl. Ia); esmigalhado
 kohi: subst. não possuído; coisa esmagada
 kohixig: adj., cl. Ia); seco, maduro
 koj: v. tr., cl. I; cair (só 3^a p.)
 kokanī: subst., cl. Ia); galinha de Angola
 komeho: v. tr., cl. I; contar (história)
 konomī: subst. não possuído; menino
 koop: adj., cl. Ia); queimado
 kopy: subst., cl. Ia); perna
 koram: v. tr., cl. I; xingar
 korowā: subst., cl. Ia); abóbora
 korowāywyrā: subst., cl. Ia); mamão
 kotātāi: subst. não possuído; menina
 kotok: v. tr., cl. I; furar
 koxy: subst., cl. Ia); mulher
 koxymenehym: adj., sem prefixo; desquitada
 kyg: subst., cl. Ia); ossor
 kygapytā: subst., cl. Ia); tornozelo
 kyhā: adj., cl. Ia); sujo
 kym: subst., cl. Ia); peito, seio
 kyp: subst., cl. Ia); piolho
 kypyhyt: subst., cl. Ia); irmã mais nova
 kyrā: adj., cl. Ia); gordo
 kyt: v. tr., cl. I; chover (só 3^a p.)
 kytyami: v. tr., cl. I; mungir
 kytyk: v. tr., cl. I; esfregar, ralar
 kŷwet: adj., cl. Ia); magro
 kywyt: subst., cl. Ia); irmão (para mulher)
 kyxe: subst., cl. Ia); faca
 kyxi: v. tr., cl. I; cortar
 kyxye: v. intr.; ter medo

M

ma: subst., cl. Ib); mão
 maakyg: v. tr., cl. I; enxugar
 maākyg: subst., cl. Ib); dedo da mão
 maam: subst., cl. Ib); peteca
 maana: v. tr., cl. I; assustar
 maanan: v. tr., cl. I; dançar (mulher)
 maāpiym: v. tr., cl. I; fazer alça sup da peyra
 maāpy: subst., cl. Ib); bracelete
 maāpyk: v. tr., cl. I; cozinhar
 maāpyt: num.; três

maawe: v. tr., cl. I; endireitar
maaxorāpahym: v. tr., cl. I; pôr de pé
maāxyn: v. tr., cl. I; empurrar
maema: v. tr., cl. I; esticar algodão
-mahe: nominalizador para agente habitual cf. tabela 2.8
-mahe: nominalizador para agente relativo cf. tabela 2.8
mahe: v. tr., cl. I; ensinar
mahemahe: subst., cl. Ia); miúdos
mahetee: v. tr., cl. I; separar
mahevyg: v. tr., cl. I; desprezar
mahyg: subst., cl. Ib); remédio
mahyt: subst., cl. Ib); conta
maigāto: v. tr., cl. I; guardar
main: v. tr., cl. I; deixar
mait: subst. não possuído; estrangeiro
mait: v. tr., cl. I; apagar
maj: subst., cl. Ia); cobra
makāhē: v. tr., cl. I; secar (carne)
makāty: v. tr., cl. I; balançar
makāxym: v. tr., cl. I; exterminar
makyhā: v. tr., cl. I; sujar
mamat: v. tr., cl. I; jogar
mamion: v. tr., cl. I; pintar de preto
mamiryhāj: v. tr., cl. I; suar
mamyrō: v. tr., cl. I; procurar
mana: v. tr., cl. I; dar, mandar
manaāpinet: v. tr., cl. I; fazer picada, caminho
manāixe: adj., cl. Ia); malcriado
manak: v. tr., cl. I; cortar
manarak: v. tr., cl. I; arrancar
manihak: subst., cl. Ia); mandioca
manihyp: subst., cl. Ia); pé de mandioca
manihytyp: subst., cl. Ia); mandiocal
manihywākyg: subst., cl. Ia); ramada de mandioca
manyn: v. tr., cl. I; misturar
manywat: adj., cl. Ia); doente
manyyk: v. tr., cl. I; amontoar, juntar
mapahyg: v. tr., cl. I; tratar
mapao: v. tr., cl. I; fiar grosso
mapepaym: v. tr., cl. I; fiar alçar lat. da peyra
mapo: v. tr., cl. I; tanger
maraexāk: adj., cl. Ib); de olhos fixos
maramatehomat: adj., cl. Ib); malinador
marākāxā: subst. não possuído; gato do mato
marara: subst., cl. Ia); pirão de tartaruga
marare: subst., cl. Ia); gado, vaca, boi
maraxigo: adj., cl. Ib); simpaticante
mariāop: adj., cl. Ib); sem sentido
marikehyt: adj., cl. Ia); velho
maryp: v. tr., cl. I; combinar
marywixe: v. tr., cl. I; enganar
matāj: v. tr., cl. I; apimentar
matam: subst., cl. Ib); pirão

matamō: v. tr., cl. I; bater algodão
matypyxig: v. tr., cl. I; turvar
matexirō: v. tr., cl. I; mangar
matyryryk: v. tr., cl. I; apertar
mawāk: v. tr., cl. I; rodear
mawej: adv. modo; devagar
mawewe: v. tr., cl. I; soprar
mawite: v. tr., cl. I; acreditar
mawywyk: v. tr., cl. I; costurar
maxam: num.; as mãos completas, dez
maxāpaneqam: v. tr., cl. I; deitar para os pés um do outro
maxāpyho: v. tr., cl. I; acender
maxarak: v. tr., cl. I; rachar
maxāarak: v. tr., cl. I; puxar
māxāwīj: subst., cl. Ia); aruanā
maxehan: v. tr., cl. I; misturar
maxexāk: v. tr., cl. I; sair da frente
maxihā: subst., cl. Ia); parte superior do peito
maxihyg: subst., cl. Ia); camarão
maxirō: subst., cl. Ib); mutirão
maxirō: v. tr., cl. I; reconciliar
maxyg: v. tr., cl. I; trançar
mayj: v. tr., cl. I; seguir
māyj: v. tr., cl. I; dar
māym: v. tr., cl. I; amarrar
maytyt: subst., cl. Ib); farinha
mayty: v. tr., cl. I; exterminar
meheg: v. tr., cl. I; vender
memyt: subst., cl. Ia); filho(-a) da mulher
men: subst., cl. Ia); esposo
menan: v. tr., cl. I; casar (mulher)
meny: subst., cl. Ia); sogra (para a mulher)
mī: adv. temp.; afirmativa: sempre; negativa: nunca
mī: quant. alógeno, cf. tabela 2.12
mian: subst. não possuído; veado
migā: dem. enfático, cf. 2.3.1.2.
mim: v. tr., cl. I; esconder
mina: subst., cl. Ia); lança
miro: subst., cl. Ib); ferida
miryhāj: adj., cl. Ib); suado
mit: subst. não possuído; lagarto
moāj: v. tr., cl. I; cortar
moam: v. tr., cl. I; peneirar
mog: adj., cl. Ib); podre
mogoj: v. tr., cl. I; espalhar
mogop: v. tr., cl. I; deixar
mokōj: num.; dois
momok: v. tr., cl. I; furar
mon: v. tr., cl. I; cuspir
monowi: subst., cl. Ia); amendoim
mook: v. tr., cl. I; lavar
moon: v. tr., cl. I; pintar
morihi: subst., cl. Ia); murici pequeno

morio: subst., cl. Ia); murici grande
mot: v. tr., cl. I; buscar
myř: subst., cl. Ib); pé
myápe: subst., cl. Ib); unha
myhá: subst., cl. Ib); fígado
myhááip: adj., cl. Ib); triste
myhákygátý: adj., cl. Ib); corajoso
myhákyyxé: adj., cl. Ib); medroso
xýj: subst., cl. Ia); porto
mypat: subst., cl. Ib); rastro
myryxi: subst., cl. Ia); buriti
myteripewan: subst. não possuído; que está no meio
myxam: num.; os pés completos, vinte
myxohi: subst. não possuído; andorinha
myyro: subst., cl. Ib); sapato

N

nami: subst., cl. Ia); orelha
-ne: loc. posp., cf. 2.3.3.2.2
-ne: posp.; futuro
-ne: posp. modo; em companhia de
ne-: prefixo pessoal, 2^a s., cf. tabela 2.2
ne-: prefixo possessivo, cl. I, 2^a s.
nem: adj., cl. Ia); podre
ner-: prefixo possessivo, subcl. IIa), 2^a s.
niwāxaj: quant. glob.; muito
nō: v. tr., cl. I; guardar
nog: v. tr., cl. I; descarregar
nopý: v. tr., cl. I; bater
nyn: adv. modo; assim

O

oga: v. tr., cl. I; apertar
ohi: subst., cl. Ia); farinha
oho: v. tr., cl. I; morder
ohyp: subst., cl. IIc); flecha
ohywāxī: subst., cl. IIc); ponta da flecha
ōhyyg: adj. sem prefixo; frio (para água, vento)
omakākyg: subst., cl. IIc); anca
on: adj. sem prefixo; preto
-(o)o: mod. lex. aumentativo
oopoko: subst. não possuído; veado
op: subst., cl. IIb); pai
op: v. tr., cl. I; achar
opi: loc. nom.; por, através de, sobre
opihā: subst. não possuído; ovo
opit: v. tr., cl. II; subir
opixik: v. tr., cl. II; alcançar
owāipy: subst., cl. IID); interior
owāj: subst., cl. IID); rabo
owāpe: loc. nom.; no fundo de

owāwyra: loc. nom.; encoberto debaixo de
oweteo: adj., cl. IIb); grande
owījam: adj., cl. IIb); alto
owip: subst., cl. IIb); trazeiro
owiroo: adj., cl. IIb); crescendo
owy: subst., cl. IID); sangue
owyt: subst., cl. IIb); pai de criação
owyyrō: adj., cl. IID); ciumento

P

pa, pā, pahē: mod. frásico interrogativo, cf. 2.3.4.2.1.
paākohā: subst. cl. Ia); banana brava (fruto)
paanog: v. tr., cl. I; tratar
pāeixe: interjeição acusando mentira, cf. 2.3.5.4.
pahak: v. tr., cl. I; parar de chover ou mamar
pakā: v. tr., cl. I; torcer
pakak: v. tr., cl. I; tocar, pegar
pakryi: v. tr., cl. I; fazer cócegas
pamamyk: v. tr., cl. I; fiar duas linhas
paranýxigoo: subst. não possuído; mar
panē: adj.; em vão
panem: adj., cl. Ia); azarado, azarento, em vão
papea: saudação, cf. tabela 2.16
papehýj: saudação, cf. tabela 2.16
papehym: saudação, cf- tabela 2.16
papeka: saudação, cf. tabela 2.16
papexop: saudação, cf. tabela 2.16
paragetā: v. tr., cl. I; contar história
parea: saudação, cf. tabela 2.16
parehýj: saudação, cf. tabela 2.16
parehym: saudação, cf. tabela 2.16
pareka: saudação, cf. tabela 2.16
parexop: saudação, cf. tabela 2.16
pariāwak: adj., cl. Ia); sem família
pariāwāk: v. tr., cl. I; fazer ficar só
patan: v. tr., cl. I; querer
patokā: v. tr., cl. I; lavar roupa
patyt: subst. não possuído; flor (de fruto), (só 3^a p.)
pawyn: v. tr., cl. I; fiar
paywryi: loc. nom.; deitado do lado de
pe: dem., cf. tabela 2.11
-pe: loc. posp., cf. 2.3.3.2.2.
-pe: posp. modo (inst.); de, com, cf. 2.3.3.3.3.
pe-: prefixo pessoal, 2^a p., cf. tabela 2.2.
pe-: prefixo possessivo, cl. I, 2^a p.
peē: pronome pessoal 2^a p.
peg: subst., cl. Ia); sobrinho(-a)
pehak: v. tr., cl. I; escamar, beliscar
peit: v. tr., cl. I; varrer
pen-: prefixo possessivo, subcl. IIa);, 2^a p.
peom: substl, cl. Ia); genro
pepa: subst. não possuído; asa (só 3^a p.)

petym: subst., cl. Ia); fumo
petywam: subst., cl. Ia); cachimbo
pexe: interjeição, ordem, ide embora! sail
pexe-: prefixo pessoal, 2^a p., cf. 2.2
pexe-: prefixo reflexivo, cl. I, 2^a p.
pexex-: prefixo reflexivo, subcl. IIa); 2^a p.
pexo: v. trans., cl. I; soprar
piawak: v. tr., cl. I; abrir
pik: v. tr., cl. I; ficar quieto, chocar
pikŷj: v. tr., cl. I; raspar
pinam: subst., cl. Ia); bacaba
pinawā: subst., cl. Ia); bacaba (fruto)
pinawoo: subst., cl. Ia); coco
pirak: v. tr., cl. I; descascar
pirej: v. tr., cl. I; lavar caçar
piri: adv., ligeiro
piryg: adj., cl. Ia); vermelho
pit: subst., cl. Ia); pele
pityg: subst., cl. Ia); nenem
pok: v. tr., cl. I; jorrar (só 3^a p.)
poko: adj., cl. Ia); comprido
pooj: adj., cl. Ia); pesado
porohā: adj., cl. Ia); grávida
py: ver (a)py
pyā: adj., cl. Ia); fino
pyaam: v. tr., cl. I; forrar
pyej: v. tr., cl. I; lavar (objeto)
pyk: v. tr., cl. I; flechar, cobrir
pykāj: v. tr., cl. I; mexer farinha
pykāpykam: subst. não possuído; borboleta
pymakātŷ: v. tr., cl. I; sacudir rede
pymi: v. tr., cl. I; inundar
pype: loc. nom.; dentro de
pypiāt: subst., cl. Ia); entranhas
pypit: adj., cl. Ia); largo, amplo (só 3^a c.)
-pyra: nominalizador para paciente, cf. tabela 2.8
pyri: loc. nom.; junto de
pyrō: v. tr., cl. I; ajudar
pytet: v. tr., cl. I; chupar
pywot: v. tr., cl. I; mexer cauim
pyyk: v. tr., cl. I; pegar, segurar, comprar
pyypē: v. tr., cl. I; alinhar taboca para fazer peneira

Q

q-: ver eqe
qaam: v. tr., cl. I; saber, conhecer
qaāpiragywa: subst., cl. Ia); pau brasil
qākaj: adv. temp.; passado remoto
qan: cf. an
qan: v. tr., cl. I; amarrar
qanam: v. tr., cl. I; desatar
qanoo: adj., cl. Ia); largo

qāpyteripe: adv. temp.; ao meio dia
qātyryrym: v. tr., cl. I; apertar duro
qātyryryp = qātyryrym
qe: dem., cf. tabela 2.11
qe: quant. alógeno, cf. tabela 2.12
qee: rel. temp.-pres., cf. tabela 2.14
qet: adj., cl. Ia); demorado
qī: marcador de sexo, cf. tabela 2.17

R

raā: v. tr., cl. II; levar
rāhē: rel. temp.-pres., cf. tabela 2.14
rahy: adj., cl. Ia); febril
rahym: v. tr., cl. II; ficar levantado
rāka: rel. temp.-pres., cf. tabela 2.14
rākahē: rel. temp.-pres., cf. tabela 2.14
ram: v. tr., cl. I; desfazer, despir
(r)amō: adv. modo; como, na qualidade de, sob o nome de
ramō: mod. frásico condicional; se
ranō: adv. modo; de novo, também, então
rap: adj., cl. Ia); amargo (só 3^a c.)
rāpa: mod. frásico condicional; senão
rāpy: marcador de sexo, cf. tabela 2.17
rāqee: rel. temp.-pres., cf. tabela 2.14
rawāk: v. tr., cl. II; devolver, mudar de rumo
(r)awāke: loc. nom.; em frente de
(r)awāxī: loc. nom.; contra, em direção a
raxyp: v. tr., cl. II; descer (objeto)
rayrō: v. tr., cl. II; achar ruim, não temer
rayj: v. tr., cl. II; carregar
-re: ver -(i)rē
-(r)e(e): ver -e(e)
(r)ee: ver ee
reka: v. tr., cl. II; casar
(r)enone: ver enone
-rewe: posp. modo; depois de
(r)ewiri: ver ewiri
(r)opi: ver opi
rot: v. tr., cl. II; trazer
(r)owāpe: ver owāpe
(r)owawyra: ver owāwyra
ryn: adj., cl. Ia); indolente
ryneixe: adj., cl. Ia); fraco

T

tā: mod. frásico final; para
ta, tā, tahē: mod. frásico interrogativo, cf. 2.3.4.2.1.
taāpen: subst. não possuído; andorinha grande
tāihi: subst. não possuído; menina (vocativo, usado só por homens)
tam: subst. não possuído; aldeia

tamākora: subst., cl. Ia); bracelete e/ou jarreteira
tanehyt: subst., cl. Ia); traíra
taneme: adv. modo; depressa
taneme: adv. temp.; logo, depressa
tāpi: subst. não possuído; objeto cerimonial de palha de buriti
tāpihit: subst. não possuído; anta
tāryn: interjeição de asseveração, é sério! cf. 2.3.5.4
tātewok: subst., cl. Ia); carrapato
tāto: subst., cl. Ia); tatu
tāxão: subst. não possuído; porco do mato
tāxawāj: subst. não possuído; porco doméstico
tawā: subst., cl. Ia); testa, cara grande (tb. IIa)
tāym: adj., cl. Ia); liso (só 3^a c.)
tāyp: subst. não possuído; formiga
tehina: ordem; deixa(i)!
tekawioxe: adv. modo; desvirtuadamente
texirō: adj., cl. Ia); em mudança familiar
tog: subst., cl. Ia); puíga
tokanyt: subst. não possuído; formigão
tokonare: subst. não possuído; tucunaré
totyt: subst., cl. Ia); tio
tyami: v. tr., cl. I; espremer
tyhan: adj., cl. Ia); faminto
tym: v. tr., cl. I; plantar
tyryryrym: subst. não possuído; correnteza
tyrehym: subst. não possuído; órfão de pai/mãe
tyrehyxawāj: subst. não possuído; órfão de pai e mãe
tyro: subst., cl. Ia); pano (tb. IIa)
tyryryp: adv. adj.; firme
tywā: subst. não possuído; amigo (vocativo)
xetywak: subst., cl. Ia); taboca

W

w-: prefixo pessoal, 3^a c., cf. tabela 2.2
w-: prefixo reflexivo, subcl. IIa), 3^a c.
wā: marcador de sexo, cf. tabela 2.17
wāewāem: v. tr., cl. I; fazer gritar
wāikyt: subst., cl. Ia); macacheira
wāipytywi: adj., sem prefixo; apertado, com pouco espaço
wājnomyhi: subst., cl. Ia); beija-flor
wākā: subst., cl. Ia); mergulhão
wākop: v. tr. cl. I; esquentar água
wāpem: subst., cl. Ia); caranguejo
wārāro: subst., cl. Ia); caranguejo
wātý: v. tr., cl. I; puxar
wawāk: v. intr.; rodar
waxā: subst., cl. Ia); filho(-a)
-we: posp. modo; para alguém
we-: prefixo pessoal, 1^a s., cf. tabela 2.2
we-: prefixo reflexivo, cl. I, 1^a s.
wehē: v. tr., cl. I; temperar com sal ou açúcar

weny: v. tr., cl. I; acender
wepy: v. tr., cl. I; pagar
wetepe: num.; muitos
wewe: v. intr.; voar
wex: prefixo reflexivo, subcl. IIa), 1^a s.
wi: dem., cf. tabela 2.11
-wi: posp. modo, cf. 2.3.3.3.3.
wī: quant. alógeno, cf. tabela 2.12
wot: v. intr.; boiar
wowot: v. tr., cl. II; inchar
wyrāhi: subst. não possuído; pássaro
wyrākāj: subst. não possuído; galinha
wyrimō: loc. nom.; em por baixo de
wyripe: loc. nom.; para baixo de
wyy: v. tr., cl. I; alinhar

X

xā: interjeição de admiração, cf. 2.3.5.4
xā: v. tr., cl. I; rachar
xaak: v. tr., cl. I; pisar, pilar
xaen: v. tr., cl. I; derramar
xagāte: adj., cl. Ia); fazendo algo à justa
xagātope: adv. modo; abertamente, às claras
xanyj: subst., cl. Ia); avó
xairō: num.; quatro
xajha: v. intr.; chorar
xākāre: subst., cl. Ia); jacaré
xam: adj., cl. Ia); = xāgāte
xan: v. tr., cl. I; colher
xan: subst., cl. Ia); dono
xane-: prefixo pessoal, 1^a p. inc, cf. tabela 2.2
xane-: prefixo possessivo, cl. I, 1^a p.i.
xane: pronome pessoal, 1^a p. inc.
xaner-: prefixo possessivo, subcl. IIa); 1^a p.i.
xano: subst., cl. Ia); aranha
xāo: subst., cl. Ia); esquerda
xāok: v. intr.; banhar
xapyyk: v. intr.; lutar
xat: v. ir., chegar, cf. tabela 2.9
xar: v. intr.; vir
xatā: ordem, venha(m)!
xatyan: v. intr.; casar (homem)
xāwak: v. intr.; cometer adultério
xāwan: subst. não possuído; cachorro
xawāopit: v. intr.; levantar
xawāra: subst., cl. Ia); tucum
xawawaxi: subst., cl. Ia); jaboti
xāwe: adj., cl. Ia); parecido
xāwewyt: subst., cl. Ia); arraia
xāwie: adj., cl. Ia); = xāwe
xāxe: subst., cl. Ia); tia
xāy: cf. tabela 2.13, lua, mês

xāytātāhi: subst. não possuído; estrela
xe-: prefixo pessoal, 1^a s., cf. tabela 2.2
xe-: prefixo possessivo, cl. I, 1^a s.
xeete: interjeição de dúvida, é sério! cf. 2.3.5.4
xehegȳp: subst., cl. Ia); conhecido
xeākygehak: v. intr.; esfregar a cabeça
xekyj: adj., cl. Ia); com tosse
xeākymanarak: v. intr.; pentear-se
xeāpa: v. intr.; tornar-se, fazer-se
xeāreka: v. intr.; cuidar, tomar conta
xeawagetā: v. intr.; lembrar
xehanoanomin: v. intr.; perturbar-se
xehāpean: v. intr.; pensar
xehāpikyxī: v. intr.; cortar o cabelo
xehātowākana: v. intr.; cortar o cabelo
xeheg: v. intr.; falar
xekāit: v. intr.; arranhar-se
xehak: v. intr.; comer
xekohāpyā: v. intr.; deitar de costas
xekygak: v. intr.; emagrecer
xekytyk: v. intr.; esfregar-se
xekytȳyami: v. intr.; tirar o leite
xemaakahi: v. intr.; aguardar
xemaāpe: v. intr.; virar as costas
xemaārȳj: v. intr.; brincar
xemaātaan: v. intr.; caçar
xemaāwā: v. intr.; crescer
xemagātyrō: v. intr.; enfeitar-se
xemahe: v. intr.; aprender
xemakātȳ: v. intr.; arrumar-se
xemakohe: v. intr.; descansar
xemamat: v. intr.; pular
xemamik: v. intr.; desistir de ir
xemamion: v. intr.; pintar-se de preto
xemawot: v. intr.; inchar a barriga
xemeheg: v. intr.; entregar-se, expor-se, esmorecer
xemim: adv. modo; às escondidas
xemim: v. intr.; sumir, fugir, esconder-se
xemimakāhē: v. intr.; assar
xemimōj: v. intr.; cozinhar
xeminak: v. intr.; pisar, pilar
xemiywō: v. intr.; apontar
xemoāj: v. intr.; cortar-se
xemoon: v. intr.; pintar-se
xenog: v. intr.; deitar-se
xepaanog: v. intr.; tratar-se
xepapetek: v. intr.; bater palmas
xepaqaam: v. intr.; acostumar
xeppee: v. intr.; aquecer-se
xepexyga: v. intr.; encher a peyra
xepyk: v. intr.; cobrir-se, vingar
xepymi: v. intr.; mergulhar
xepytoekyj: v. intr.; suspirar com força

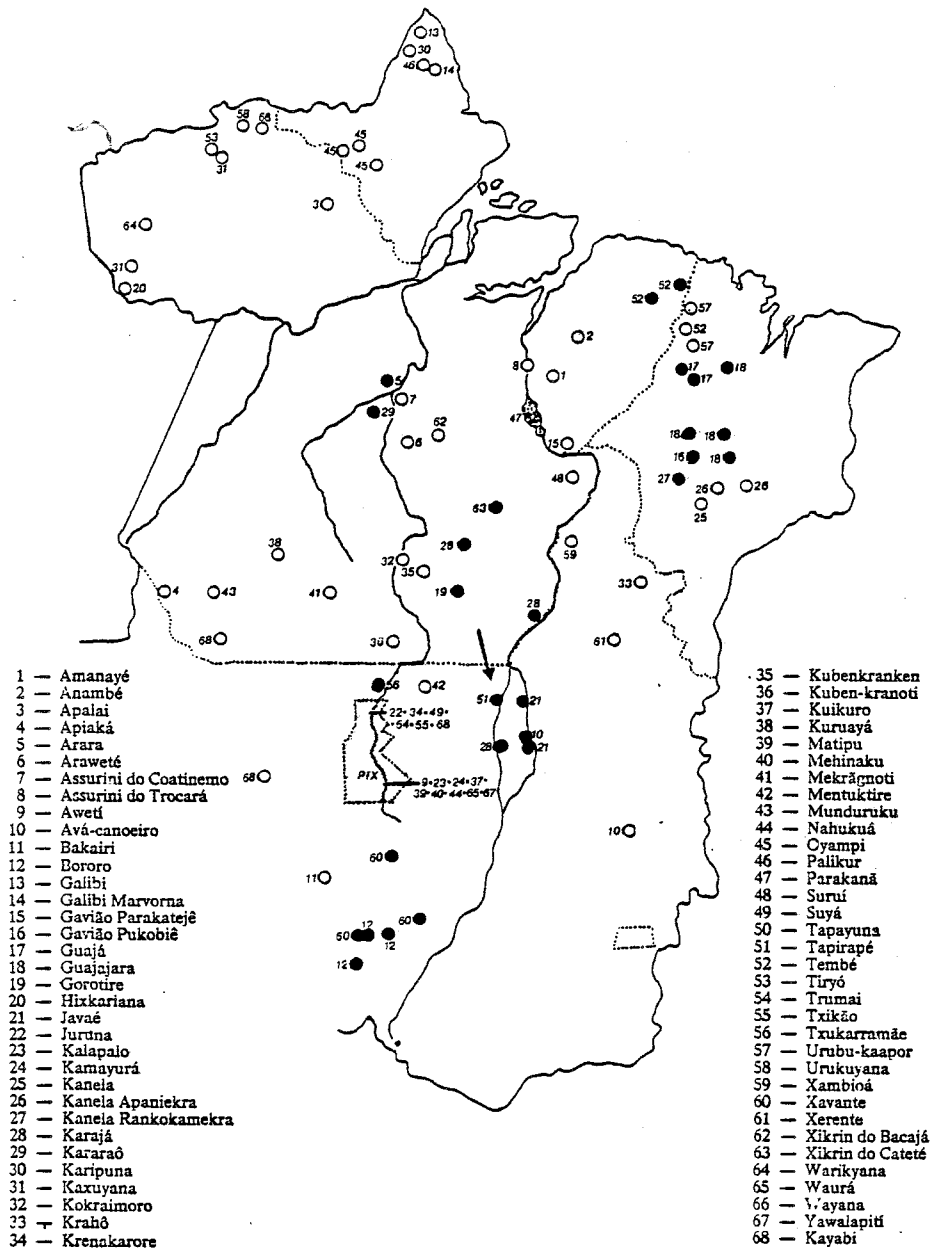
xepytohak: v. intr.; descansar
xepytowerot: v. intr.; respirar
xepytoeroam: subst. cl. Ia); suspiro
xeqātyryrym: v. intr.; apertar-se duro
xer-: prefixo possessivo, subcl. IIa), 1^a s.
xeraqan: v. intr.; cair
xere-: prefixo pessoal, 1^a p. inc., cf. tabela 2.2
xere-: prefixo reflexivo, cl. I, 1^a p.i.
xerep: v. intr.; virar
xerex-: prefixo reflexivo, subcl. IIa), 1^a p.i.
xetyrog: v. intr.; moroar
xetywak: subst., cl. Ia); taboca
xēwāem: v. intr.; fugir
xewage: v. intr.; apressar-se
xewākop: v. intr.; aquecer-se
xewe: dem. enfático, cf. 2.3.1.2.
xewyt: v. intr.; voltar
xexo: subst., cl. Ia); piroscia
xi-: prefixo pessoal, 1^a p. inc., cf. tabela 2.2
xī: subst., cl. Ia); nariz
xī: v. intr.; envergonhar-se
xȳhȳ: subst., cl. Ia); coração
ximaan: v. intr.; procurar cipó
xinig: subst. não possuído; coisa seca
xinyk: adj., cl. IIc); triste
xirō: adj., cl. Ia); reconciliado
xirōwet: subst., cl. Ia); filho de vários pais
xiwāhā: subst. não possuído; catitu
xiwe: adj., cl. Ia); frívolo
xō: subst., cl. Ia); capim
xohymamat: v. intr.; disparar a flecha
xokā: v. tr., cl. I; bater, matar
xomihā: subst., cl. Ia); garganta
xoopit: v. intr.; subir
xop: v. intr.; estar deitado
xop: v. ir., estar de pé, cf. tabela 2.9
xoro: subst., cl. Ia); boca
xot: subst., cl. Ia); pescoço
xōwan: subst., cl. Ia); coceira
xyg: v. tr., cl. I; encher
xyp: v. intr.; descer
xyroekyj: v. tr., cl. I; despir-se
xy: subst., cl. Ia); machado
xywā: subst., cl. Ia); braço

Y

y: subst., cl. Ia); mãe
yak: subst. não possuído; lagarta
yan: subst., cl. Ia); canoa
yāpem: subst., cl. Ia); borduna
yāpepa: subst., cl. Ia); remo
ye: subst., cl. IIc); intestino

yǵā: dem., cf. tabela 2.11
yǵāniirōj: num.; cinco
yhā: subst., cl. Ia); cabaça
yho: v. intr.; beber
yj: v. intr.; correr
ŷj: subst., cl. IIc); dente
yjmehe: v. tr., cl. I; afiar
ykehyt: subst., cl. IIb); irmão mais velho
yket: subst., cl. IIb); irmã mais velha
yky: v. tr., cl. I, sacudir
ykyxigak: v. tr., cl. I; lavar contas
yme: v. tr., cl. I; fritar
ymy: adv. temp.; faz tempo
ymŷhiwe: adv. temp.; de manhã
ymyñ: adj., cl. IIc); antigo, velho
yp: v. tr., cl. I; raspar madeira
ype: subst., cl. Ia); casca, espádua
(y)py: ver (a)py
ypyāxe: adj., cl. Ia); madrugada
ppyne: loc. nom.; perto de
ppyton: subst. não possuído; noite

ypyxig: subst., cl. IIb); água turva
yñāwet: subst., cl. Ia); sogra (para homem)
yro: subst., cl. Ia); cesto
yropem: subst., cl. Ia); peneira
yryp: subst., cl. Ia); tipo de palmeira
yt: v. tr., cl. I; assar
yty: subst., cl. Ia); lixo
ytypeiam: subst., cl. Ia); vassoura
ytypeit: v. intr.; varrer o lixo
ywāk: subst. não possuído; céu
ywy: subst., cl. Ia); terra
ywyexā: v. intr.; ter pena, ficar triste, lamentar
ywō: v. tr., cl. I; flechar
ywŷj: subst., cl. Ia); blusa, peito
ywyñāpan: subst., cl. Ia); arco
ywyto: subst. não possuído; vento
ywyt: subst., cl. Ia); irmão mais novo
ywytyt: subst., cl. Ia); morro
yxyg: v. tr., cl. I; ajuntar
ŷjmit: subst., cl. IIc); gengiva
yywyt: subst. não possuído; beira



- Barbosa, A. Lemos (1956). Curso de tupi antigo. São José, Rio de Janeiro
- Baldus, Hezoert (1970). Tapirapé. Nacional/USP, São Paulo
- Brandon, Frank Roberts (1976). Algumas observações sobre complementação e coordenação em tapirapé. I Encontro Nacional de Linguística, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: 110-123
- Harrison, Carl Howard (1975). Gramática asuriní. (= Publicações do Summer Institute of Linguistics, Brasília, Série Linguística 4) Brasília
- Harrison, Carl Howard / Irmãzinhas de Jesus / Paula, Luís Gouvêa de (1977). Formulário padrão tupi, língua tapirapé. FUNAI/Museu Nacional do Rio de Janeiro/Summer Institute of Linguistics, Belém (mimeografado)
- Leite, Yonne de Freitas (1977). Aspectos de fonologia e morfologia tapirapé. (= Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional. Linguística 9). Rio de Janeiro.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna (1953). Morfologia do verbo tupi. In: Letras (Curitiba) 1: 121-152
- Wagley, Carles (1977). Welcome of tears. Oxford University Press, New York

BIBLIOTECA REPROGRÁFICA XEROX

Xerox do Brasil S.A.

Edifício São Rafael

Avenida Rodrigues Alves, 261

20.220 – Rio de Janeiro, RJ

I TRAVELS IN BRAZIL

Henry Koster

abril de 1967

II POESIAS

Gilberto Amado

Livraria José Olympio Editôra

junho de 1967

III OURO, OURO

Affonso Arinos

maio de 1968

IV O HOMEM E A MORTE

Menotti del Picchia

novembro de 1968

V AZUL PROFUNDO

Henriqueta Lisboa

setembro de 1969

VI CARTAS SOBRE A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOIOS

José de Alencar, como IG

agosto de 1971

VII OS LUSÍADAS

Luiz de Camões

(Em comemoração ao 4º Centenário da edição *princeps* do Poema)

setembro de 1972

VIII MANUSCRITOS DA CASA DO TREM

Gen. Francisco de Paula e Azevedo Pondé

(Em comemoração ao Sesquicentenário da Independência do Brasil)

setembro de 1973

IX LE CID

Corneille

Tradução de Aurélio Domingues

outubro de 1979

X O CICLO DO OURO – O TEMPO E A MÚSICA DO BARROCO CATÓLICO

PUC – Prof. Elmer Corrêa Barbosa

dezembro de 1979

XI POEMAS

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

1981

XII HISTÓRIA DA LITERATURA ESPÍRITO-SANTENSE

Affonso Cláudio

fevereiro de 1982

XIII ARQUIVOS DE PONTES DE MIRANDA

Microfilmes doados à Biblioteca da

Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

agosto de 1982

XIV A DISCOGRAFIA BRASILEIRA

Alcino Santos Gracio Barbalho – Jairo Severiano

M.A. de Azevedo (Nirez)

FUNARTE

novembro de 1982

XV AULA D'Ô COMMERCIO

Marcos Carneiro de Mendonça

(Por ocasião do bicentenário da morte do

Marquês de Pombal)

novembro de 1982

**XVI DA COMPANHIA DE GUARDAS-MARINHAS E SUA
REAL ACADEMIA, À ESCOLA NAVAL – 1782-1982**

Antonio Luiz Porto e Albuquerque

(Nas comemorações do Bicentenário da Escola Naval)

dezembro de 1982

XVII VELHAS FAZENDAS PAULISTAS

J.E. Teixeira Mendes e José de Castro Mendes

junho de 1983

Série

DOCUMENTOS DE NOSSA HISTÓRIA

- 1 **LÊI ÁUREA – 13 de maio de 1888**
Princesa Isabel
maio de 1983
- 2 **MANIFESTO DO PRÍNCIPE REGENTE DO BRASIL
AOS GOVERNOS E NAÇÕES AMIGAS**
D. Pedro – Príncipe Regente do Brasil – 6 de agosto de 1822
agosto de 1983
- 3 **O VISCONDE DO RIO BRANCO E A
ESCOLA POLITÉCNICA**
Prof. Paulo Pardal
outubro de 1983

A LÍNGUA TAPIRAPÉ

Obra de

Antônio Almeida,
Irmãzinhas de Jesus
e Luiz Gouvêa de Paula

Edição impressa pelo Sistema Xerox 9.500
no COPICENTRO-Rio da XEROX DO BRASIL S.A.
em novembro de 1983

Integra a

BIBLIOTECA REPROGRÁFICA XEROX

Neste ano se comemora o:

18º aniversário da fundação da Xerox do Brasil S.A.

70º aniversário de nascimento de Noel Nutels

80º aniversário de nascimento de Orígenes Lessa

80º aniversário de nascimento de Pedro Nava

80º aniversário de nascimento de Arthur Ramos

90º aniversário de nascimento de Mário de Andrade

90º aniversário de nascimento de Alceu de Amoroso Lima – *Tristão de Athayde*

90º aniversário de nascimento de Paulo Setúbal

90º aniversário de nascimento de Heráclito Sobral Pinto

95º aniversário da “Lei Áurea”

100º aniversário de nascimento de José Carlos de Macedo Soares

100º aniversário de nascimento de Getúlio Dornelles Vargas

100º aniversário de nascimento de Marechal J. B. Mascarenhas de Moraes

100º aniversário de nascimento de Walter Gropius

118º aniversário de nascimento de Cândido Mariano da Silva Rondon

118º aniversário de nascimento de Alberto Torres

120º aniversário de nascimento de Catulo da Paixão Cearense

135º aniversário de nascimento de Antônio de Castro Alves

147º aniversário de nascimento de Antônio Carlos Gomes

154º aniversário de nascimento de José Martiniano de Alencar

160º aniversário de nascimento de Antônio Gonçalves Dias

200º aniversário de nascimento de Simon Bolívar

500º aniversário de nascimento de Martinho Lutero

500º aniversário de nascimento de Raphael Sanzio

388 anos depois da *ARTE DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA MAIS FALADA NA COSTA DO BRASIL*
do Pe. José de Anchieta S.J.

Há 70 anos Rondon era aclamado no Congresso das Raças, em Londres, um exemplo a ser imitado “para a honra da civilização universal”. E há 40 anos os irmãos Orlando, Cláudio e Leonardo Villas Boas começavam suas atividades regulares como *sertanistas e indianistas*.